

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

REVISTA

PORQUE AMAMOS
LIVROS

— conexão —
Literatura

Dezembro/2021

nº 78



FERNANDO PESSOA

e seus heterônimos



E MAIS
ENTREVISTAS COM ESCRITORES
CONTOS, CRÔNICAS E DICAS DE LIVROS

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

DEZEMBRO DE 2021

Editorial, por Ademir Pascale, pág. 03
Fernando Pessoa e seus heterônimos, pág. 05
Lucky Per, um homem de sorte, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 08
Marta Cortezão: entre luas, banheiros e amazonidades de fora para dentro, por Cristiane de Mesquita Alves, pág. 13
Dicas para leitura, pág. 16
O Cristo brasileiro e l'image ouverte: motifs de l'incarnation, por Reginaldo Leite, pág. 17
Youtube: Citações de Carolina Maria de Jesus, por Ademir Pascale, pág. 21
Poema: Favor, por Bert Jr. pág. 22
Virtualidades, por José M. da Silva, pág. 23
Presentes de Natal, por Bert. Jr., pág. 29
Poema: Distância, por Pedro do Amor, pág. 33
Em que pensas, urso?, por Daniela S. T. Merino, arte de Cláudia A. Terehoff Merino, pág. 34
Poema: A mentira e a verdade - Humor, por Aylton Sangy, pág. 38
Microcontos, por vários autores, pág. 41
Entrevista com o escritor Alex Bitten, pág. 44
Entrevista com a escritora Alice Vitória, pág. 49
Entrevista com a escritora Ana Paula, pág. 53
Entrevista com o escritor Edson Corrêa, pág. 57
Entrevista com o escritor Ercilo Dias, pág. 60
Entrevista com o escritor Francisco José Baldim, pág. 64
Entrevista com a escritora Georgina Célia Maksoud, pág. 66
Entrevista com a escritora Louyse Josefa, pág. 69
Entrevista com a escritora luciellen de Carvalho, pág. 72
Entrevista com o escritor Luis Boto, pág. 75
Entrevista com o escritor Pierre Richard Gerisma, pág. 79
Entrevista com o escritor Aldair Ribeiro dos Santos, pág. 83
Conto: Três amigos, por Clayton Alexandre Zocarato, pág. 88
Conto: Cai cedo ou tarde, por Idicampos, pág. 96
Conto: O filho, por Iraci José Marin, pág. 101
Conto: O riacho, a pedra e a andorinha, por Marcelo Gomes Jorge Feres, pág. 105
Conto: O símbolo sagrado, por Miriam Santiago, pág. 109
Conto: Verão de 79, por Mollero Tomé, pág. 113
Conto: Cadeaux, por Mónica Palacios, pág. 119
Conto: Poeira da Lua, por Ney Alencar, pág. 122
Conto: Quem é você?, por Ney Alencar, pág. 127
Conto: O silêncio das flores, pág. 131
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 140

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com
Elenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.com

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da capa, organização e arte: Ademir Pascale

Agradecimentos aos patrocinadores desta edição

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Para entrar em contato: ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



conexaonerd

EDITORIAL

Chegamos em nossa última edição do ano, desta vez destacando o grande escritor Fernando Pessoa. Muitos autores, livros, contos, poemas e crônicas passaram por nossas 12 edições de 2021. Temos certeza que atingimos nossos objetivos alcançando um número significativo de leitores no Brasil e Portugal, além de novos leitores na China (edição nº 74) e Irã (edição nº 75).

Desejamos um Feliz Natal e um Próspero Ano Novo repleto de realizações, paz e muito amor.

Para saber como participar da nossa edição de janeiro/2022, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgar o seu livro ou editora: clique aqui.

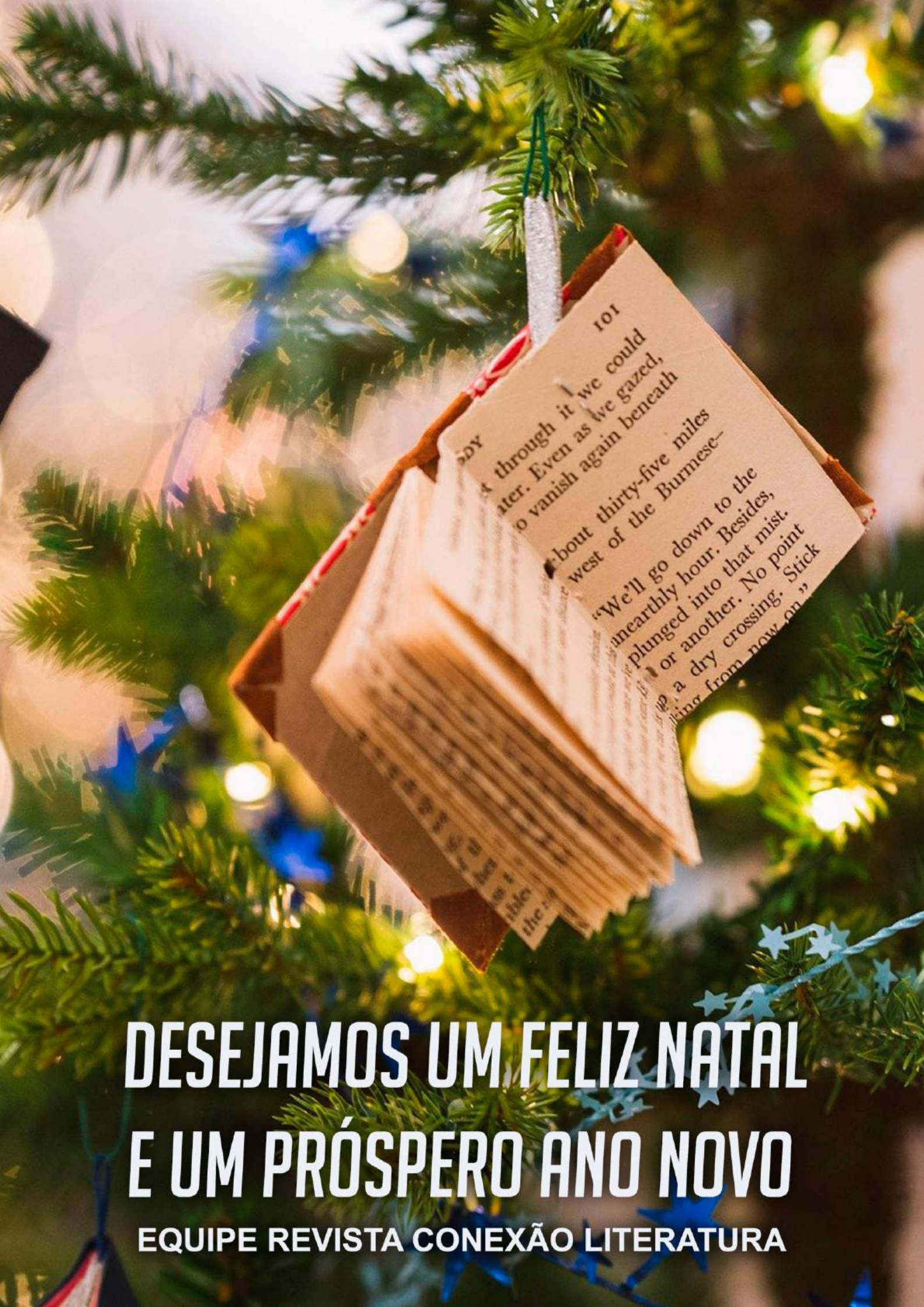
Tenha uma ótima leitura!

— revista —
conexão
LITERATURA

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Ademir Pascale
Editor-chefe



**DESEJAMOS UM FELIZ NATAL
E UM PRÓSPERO ANO NOVO**
EQUIPE REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ADAPTAÇÃO E ARTE POR ADEMIR PASCALE

FERNANDO PESSOA E SEUS HETERÔNIMOS



Fernando António Nogueira Pessoa (Lisboa, 13 de junho de 1888 — Lisboa, 30 de novembro de 1935) foi um escritor, poeta, filósofo, dramaturgo, ensaísta, tradutor, publicitário, astrólogo, inventor, empresário, correspondente comercial, crítico literário e comentarista político português.

Fernando Pessoa é o mais universal poeta português. Por ter sido educado na África do Sul, numa escola católica irlandesa, chegou a ter maior familiaridade com o idioma inglês do que com o português ao escrever os seus primeiros poemas nesse idioma.

Das quatro obras que publicou em vida, três são na língua inglesa e apenas uma em língua portuguesa, intitulada Mensagem. Fernando Pessoa traduziu várias obras em inglês (de Shakespeare até Edgar Allan Poe) para o português, e obras portuguesas (nomeadamente de António Botto e Almada Negreiros) para o inglês.

Enquanto poeta, escreveu sob diversas personalidades (heterônimos), como Ricardo Reis, Álvaro de Campos e Alberto Caeiro, sendo estes últimos objeto da maior parte dos estudos sobre a sua vida e obra.

***HETERÔNIMOS:**

Pode-se dizer que a vida do poeta foi dedicada a criar e que, de tanto criar, criou outras vidas através dos seus heterônimos, o que foi a sua principal característica e motivo de interesse pela sua pessoa, aparentemente muito pacata. Alguns críticos questionam se Pessoa realmente teria transparecido o seu verdadeiro eu ou se tudo não teria passado de um produto, entre tantos, da sua vasta criação. Ao tratar de temas subjetivos e usar a heteronímia, torna-se enigmático ao extremo. Este fato é o que move grande parte das buscas para estudar a sua obra. O poeta e crítico brasileiro Frederico Barbosa declara que Fernando Pessoa foi "o enigma em pessoa". Escreveu sempre, desde o primeiro poema aos sete anos, até ao leito de morte. Importava-se com a intelectualidade do homem, e pode-se dizer que a sua vida foi uma constante divulgação da língua portuguesa: nas próprias palavras do heterônimo Bernardo Soares, "a minha pátria é a língua portuguesa". O mesmo empenho é patente nesta carta:

Agora, tendo visto tudo e sentido tudo, tenho o dever de me fechar em casa no meu espírito e trabalhar, quanto possa e em tudo quanto possa, para o progresso da civilização e o alargamento da consciência da humanidade

— Fernando Pessoa, carta a Armando Côrtes-Rodrigues, 19 de janeiro de 1915.

OS HETERÔNIMOS DE FERNANDO PESSOA:

- Álvaro de Campos

“Sou o intervalo entre o meu desejo e aquilo que os desejos dos outros fizeram de mim.”

- Ricardo Reis

“Aquele momento em que subimos nossos olhos ao céu pra não deixar cair uma lágrima no chão.”

- Alberto Caeiro

“Há metafísica bastante em pensar em nada.”

- Bernardo Soares

“Cada um de nós é um grão de pó que o vento da vida levanta, e depois deixa cair.”

OCULTISMO

Fernando Pessoa interessava-se pelo ocultismo e pelo misticismo, com destaque para a Maçonaria e a Rosa-Cruz, havendo inclusive defendido publicamente as organizações iniciáticas no Diário de Lisboa (4 de Fevereiro de 1935), contra ataques por parte da ditadura do Estado Novo. O seu poema hermético mais conhecido e apreciado entre os estudantes de esoterismo intitula-se "No Túmulo de Christian Rosenkreutz". Tinha o hábito de fazer consultas astrológicas para si mesmo (de acordo com a sua certidão de nascimento, nasceu às 15h20, tinha ascendente Escorpião e o Sol em Gêmeos). Realizou mais de mil horóscopos.

**SOBRE SUA MORTE**

Fernando Pessoa foi internado no dia 29 de Novembro de 1935, no Hospital de São Luís dos Franceses, em Lisboa, com diagnóstico de "cólica hepática" causada por cálculo biliar associado a cirrose hepática, diagnóstico que é hoje contestado por estudos médicos, embora o excessivo consumo de álcool ao longo da sua vida seja consensualmente considerado como um importante fator causal. Faleceu no dia 30 de Novembro, pelas 20h00, com 47 anos de idade. No dia anterior, tinha escrito a sua última frase, em inglês: "I know not what tomorrow will bring" ("Não sei o que o amanhã trará"). O funeral foi realizado em 2 de Dezembro no Cemitério dos Prazeres.



Adaptação e arte: Ademir Pascale
Fonte e pesquisa: Wikipédia

***HETERÔNIMOS**

Nome e personagem inventados por um autor para assinar obras com estilos literários diferentes.

LUCKY PER, UM HOMEM DE SORTE

A literatura nórdica, escandinava e a finlandesa, sempre teve papel relevante no cenário cultural da Europa, embora tenha sido colocada um ou dois patamares abaixo no quesito influência mundial em relação à literatura dos países congêneres de continente, como as letras francesas, inglesas, russas, espanholas, italianas e, até mesmo, as de Portugal.



Não se pode atribuir a isso o quesito distanciamento geográfico ou até mesmo a ausência das nações do bloco setentrional no processo explorador e colonizador de territórios descobertos em outras partes do mundo a partir do surgimento das grandes navegações, que tiveram início no fim da Idade Média e perdurou até a Primeira Grande Guerra Mundial. O sangue e cultura viking, apesar de relatos de viagens ultramar em tempos remotos, nunca aspirou ou teve necessidade, pelo o que se sabe, de angariar possessões em lugares distantes, dando prioridade à maturação de sua economia em seus domínios e conseqüentemente desenvolver uma cultura própria, com seus deuses, mitos, folclore, conceitos filosóficos, culturais e éticos.

Não obstante essa presumível falta de expansão e influência, não há como negar a qualidade excepcional dos literatos nórdicos, que começaram a brilhar até mesmo na onda filosófica do pós-iluminismo, com destaque para o pai do existencialismo, o dinamarquês Søren Kierkegaard, autor de obras viscerais como “Migalhas humanas”, “O conceito de angústia”, o “Desespero humano” e outros trabalhos de excelência, desenvolvidos nos seus quarenta e dois anos de vida, e que forneceram munição a mestres da filosofia como Nietzsche, Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e Albert Camus. Na dramaturgia, há o talento incontestável do norueguês Henrik Ibsen, o criador do teatro realista, que escreveu peças de grande importância, como “Casa de bonecas”, a mais conhecida delas. Há também a grandiosidade das letras de fábula, em destaque para os Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen. Sem contar os inúmeros autores que foram agraciados com o Prêmio Nobel de Literatura, como Bjørnstjerne Bjørnson, Selma Lagerlöf, Verner von Heidestram, Knut Hamsun, Sigrid Undset, Erik Axel, apenas para citar os laureados na primeira metade do Século XX, acrescentando dois que dividiram o prêmio em 1917, os dinamarqueses Karl Gjellerup e Henrik Pontoppidan.

Henrik Pontoppidan (1857-1943), intencionalmente citado por último, foi um escritor diferenciado, tanto pela qualidade da obra, quanto pelo tema que inspirou grande parte dela. Descendente de uma família de religiosos e escritores, Henrik tinha enorme ojeriza pela sua origem, a começar pelo sobrenome Pontoppidan, uma conversão sob forma de aglutinação do dinamarquês Broby (literalmente *ponte na cidade*) para o latim Pons Oppidum, patronímico que ele detestava. Afora o sobrenome, Henrik abominava o fervor religioso católico da família, uma espécie de puritanismo crônico, bem como a ditadura conservadora e autoritária que predominava na classe abastada da Dinamarca do final do Século XIX.

A sua obra retratou um pouco de tudo isso: o modelo padrão do cidadão dinamarquês, o bom camponês (entre aspas), o patriota hipócrita, os empresários gananciosos e, sobretudo, a saga do filho pródigo.

Nesse item, o filho que não aceita o moralismo conservador da família, ele brilhou no seu romance mais famoso Lykke-Per, ou Lucky Per, na tradução inglesa. O livro é claramente autobiográfico e trata da saga de um jovem que se rebela contra o pai, um clérigo de uma pequena cidade dinamarquesa, e sai de casa sem consentimento, sem dinheiro e sem rumo, indo para capital Copenhague, onde tenta começar a vida do zero.

Com vocação para a arquitetura e a engenharia pública (o próprio Pontoppodan tinha esse dom), o personagem Peter (Per) Sidenius (o sobrenome latim já dá a pista em quem ele se inspirou) se matricula num curso técnico na área de engenharia, enquanto se hospeda numa pensão de quarta categoria na capital do país e namora uma simplória garçonne. Ambicioso, Per traz na cabeça um projeto grandioso e futurista, que consiste na captação de energia limpa, através do uso de barragens e moinhos de vento. Um belo dia, num café da cidade, ele se cruza com um rapaz de alta sociedade, um aristocrata de origem judaica de nome Philip Salomon. Faz amizade de chofre com o rico cidadão e mostra a ele todos os seus projetos, ainda sob a forma de garatujas geométricas rabiscadas em papel manteiga. Philip fica bastante impressionado com a criatividade do rapaz e resolve apresentá-lo a seu pai, um construtor bem-sucedido, que também recebe as ideias do novato com muito bom grado.

A partir de então, Per começa a frequentar a casa do magnata e a manter relações estreitas com figuras da alta sociedade de Copenhague. O empresário Salomon, decidido a levar em frente os projetos do talentoso rapaz, usa toda a sua influência para que Per consiga a qualificação em Engenharia, passando por cima do rigoroso reitor da escola técnica.

A vida de Per Sidenius sofre então uma reviravolta de 360 graus, inserindo-se de vez no contexto da aristocracia, ao tempo em que despreza a namorada garçonne, que o ajudou sobremaneira nos tempos difíceis, e relega, até mesmo, o irmão mais velho dele, um clérigo que vive internado num mosteiro da cidade.

A ambição de Per não tem limites: começa assediar Jakobe, a filha mais velha e solteirona dos Salomon, mesmo com a moça compromissada com rico empresário da cidade. O assédio foi tanto, que, a insegura Jakobe, rompe com o noivo milionário, e, apaixonada, se entrega de vez aos braços de Per.

Apesar desse tumultuado romance, o relacionamento com os Salomon permanece intacto, e o velho empresário aposta todas as fichas em Sidenius, custeando-lhe um curso de especialização em engenharia numa universidade austríaca.

Esse curto período em que Per passa na Áustria, apesar da garantia de um vultoso contrato para a implementação dos seus projetos energéticos no retorno à Dinamarca (com o canudo na mão), representa um divisor de águas nas aspirações do sortudo rapaz. E tudo começa com a visita inesperada de Jakobe ao ambiente de estudo dele, em pleno Alpes austríacos. Ela chega com o pressuposto de informar-lhe sobre a morte do pai dele, mas aproveita a ocasião para, na solidão do paraíso nevado, dividir a cama o jovem e a passar dias idílicos, de paixão e sofreguidão.

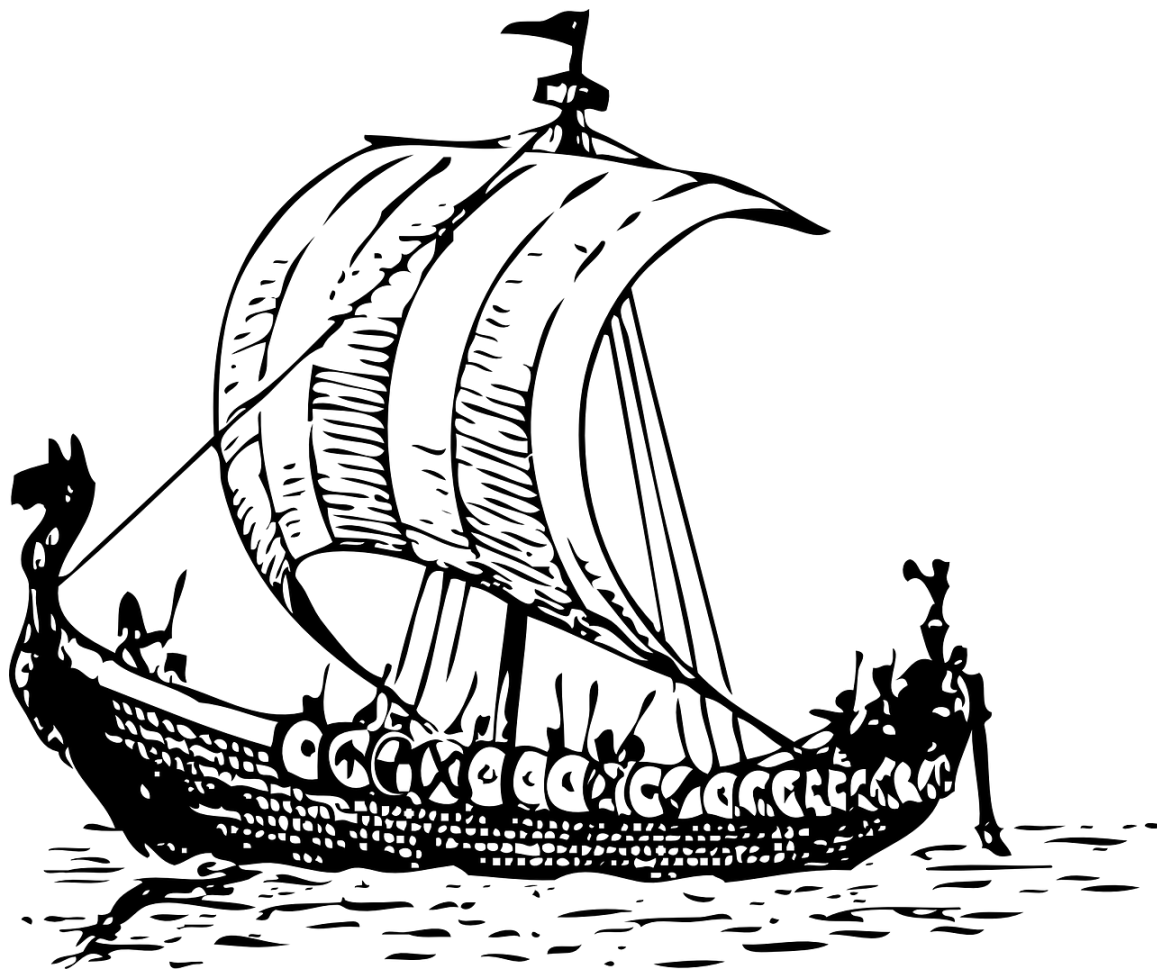
Mas o que Jakobe não esperava, foi o impacto que a morte do pai dele lhe causou. Assim que ela retornou à Dinamarca, a cabeça de Per entrou em parafuso e todos os seus demônios ilhados começaram a desconstruir o seu castelo de areia, a começar pela renúncia abrupta à conclusão do curso de especialização.

O que se seguiu depois, foi um verdadeiro desmonte na vida de Per, o sortudo, que acaba, alguns meses depois, retornando ao seio de sua família desconstruída, numa aldeia remota do Reino da Dinamarca. Sua vida volta à estaca zero: pobre, desempregado, desiludido e amargurado.

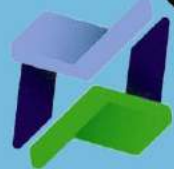
Bom. O que falta mesmo para o brasileiro (ou leitor de língua portuguesa) é a tradução definitiva dessa obra maravilhosa, recheada de realismo, ao tom de Dostoievsky, e ao estilo da grande escola francesa, sustentada pelas obras de Flaubert, Zola e Maupassant.

Lucky Per (ou Lykke-Per) foi laureada como a melhor obra de um autor dinamarquês e pode ser resumida pela seguinte citação de um acadêmico:

“Quando, apesar de toda a sorte que ele teve, ele não estava feliz, porque no âmago ele não queria ser feliz, no sentido estrito da palavra”.



Gilmar Duarte Rocha, eleito para a Academia Brasileira de Letras, é autor de oito livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de Diretor de Bibliotecas da Associação Nacional de Escritores-ANE. Pretende mandar ainda este ano para o prelo mais um romance, "A arte do ilusionismo", épico escrito em estilo vintage.



Pacote Divulgação
PARA AUTORES

DIVULGUE O SEU LIVRO

G A R A N T A
JÁ

POR APENAS R\$ 100

O meio digital é o mais rápido para atingir o seu público-alvo de maneira eficaz: seus leitores.

São milhares de autores e livros. Nosso trabalho é destacar o seu livro e facilitar a sua vida.

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA



DIVULGUE

Nossa mídia é especializada em literatura, livros e autores. Divulgue a sua obra com quem realmente entende do assunto.



DIVULGUE PARA + DE 150 MIL LEITORES

SAIBA MAIS

E-MAIL: ademirpascale@gmail.com  www.revistaconexaoliteratura.com.br

MARTA CORTEZÃO: ENTRE LUAS, BANZEIROS E AMAZONIDADES DE FORA PARA DENTRO



Marta Cortezão

PORQUE LO NECESITO

Te busco por todos mis rincones
pero solo hay ausencias desesperadas
y nada más es igual, ni el silencio

Ahora te escribo

porque hay un poema
que te quiere sentir...

De palabra en palabra

devoro esta soledad amarga

y a cada sílaba que consagro a ti

está la ausencia que se perfila

delante de mí y se dissipa

de seudocorazón expuesto...

y como una flor que se marchita

solo sé decirte:

– escribo porque lo necesito (CORTEZÃO, 2021, p. 231).

MARTA CORTEZÃO é uma escritora brasileira que nasceu na cidade de Tefé, no Amazonas e vive na Espanha desde o ano de 2012. É uma poeta feminista que faz da arte literária um entrelaçamento de espaços e de discursos que valorizam e incentivam diversas mulheres a manifestar seu ser e tornar-se, mulher no dizer beaivoriano, por meio de uma multiplicidade de atividades literárias que organiza, promove pelas redes sociais e em parcerias com outras mulheres ativistas culturais, como Patrícia Cacau.

Marta é uma “militante cultural e comandante de lives culturais no Instagram que tem excelente repercussão” (CARVALHO, 2020, p. 1). Embora tenha nascido em Tefé foi registrada na cidade de Uarini, lugar onde passou boa parte de sua infância. Foi professora na rede pública do Estado do Amazonas, na Universidade do Estado do Amazonas (UEA/CEST/TEFÉ- 2002-a 2010) e na Universidade Federal do Amazonas (UFAM-2011). Depois decidiu ir embora do Brasil para se tornar uma “cidadã do mundo, porque os sonhos não admitem fronteiras, dessas que os seres humanos costumam erguer com seus muros invisíveis e intransponíveis”, como se descreveu para Carvalho (2020) em entrevista a *Potiguar notícias*. Essa forma de ver o mundo – sem fronteiras – de Marta é uma premissa tão verdadeira em torno de sua obra que mesmo na Europa, ela mantém uma intrínseca relação com a Literatura e com a Cultura brasileira, sobretudo na divulgação das obras produzidas por mulheres em todo território nacional.

Isso pode ser constatado nos projetos, como o coletivo *Enlugaradas* no qual criou junto a poeta Patrícia Cacau, duas coletâneas poéticas que reuniram escritoras de várias regiões do Brasil: Se essa Lua fosse nossa- Coletânea Enlugaradas I (2021) e Coletânea Enlugaradas II: uma ciranda de deusas (2021), além de entrevistas, rodas poéticas, festivais e saraus literários pelo Canal no YouTube Banzeiro Conexões; o Blog: *Feminário conexões – coletivo feminino e contemporaneidade* que reúne obras e opiniões de outras grandes mulheres, sem contar a sua produção lítero-artística cultural com as publicações individuais e em outras antologias.

Seu trabalho como escritora e produtora cultural é um dos mais reconhecidos no cenário literário da contemporaneidade, principalmente por ser uma mulher que continua a produzir uma Literatura que une temas do feminino, da ancestralidade, da natureza, da experiência do que é ser estrangeira e pertencente ao mesmo tempo em vários lugares, sem esquecer de manter suas amazonidades presentes ao longo de seu tecido poético. Sua representatividade feminina hoje na Literatura amazônica, latino, ibero-americana é tão intensa que fez com que ela se tornasse membro da Associação Brasileira de Escritores e Poetas Pan-amazônicos – ABEPPA.

Dentre sua produção literária e os meios em que Marta Cortezão usa para divulgar seu trabalho e de outras mulheres, pode-se destacar:

- blog www.tefetupeba.wordpress.com (2014)
- Página do Facebook “Banzeiro Manso”;
- Banzeiro Manso (livro, 2017);
- *Atreva-se*, na *Revista Subversa – Literatura luso-brasileira* (2015),
- *O silêncio de uma mulher, Inquietudes, Coexistência, A imortalidade amazônica, Antologia Brasil-Galiza* (2016).

- *Amazonidades Poéticas*: Cultura e Identidade (livro de trovas).
- Outras

Além dessas atividades, a mulher que demonstrou como se produz e divulga Literatura pelas redes sociais também é integrante dos coletivos femininos, nos quais participa ativamente, como: o Mulherio das Letras Portugal, o Mulherio das Letras Áustria, o Mulherio das Letras Espanha e o Mulherio das Letras União Europa, que é a reunião de todos os mulherios na Europa.

Nesse breve panorâmico acerca das principais atividades culturais e literárias desenvolvidas por Marta Cortezão, percebe-se o quanto ela está entre as autoras brasileiras mais notáveis na dita era da pós-modernidade, por se destacar e buscar meios de destacar outras autoras-mulheres, o que desperta no leitor e na leitora de Marta uma característica peculiar de toda sua produção: sororidade e/ou a construção e recondução do feminino capaz de levar as mulheres a se encontrarem como sujeitos de sua história, inserindo sua voz que grita e dilacera entre os versos, tecendo os verbos e fazendo das palavras uma ação poderosa de engrandecimento feminino, se não mesmo, no falar do clichê, mas que vem a se encaixar muito bem nesse pensamento: um empoderamento feminino.

Todo esse olhar de Cortezão em suas práticas artísticas a coloca em um espaço literário do âmbito da Literatura de Crítica social, com vertente para a acolhida do feminismo, sem fazer de suas obras mera repetição de temas regionais que se costumam colocar sobre a escrita de uma mulher e/ou escritora amazônica.

Logo, o olhar plural da produção de Marta Cortezão desmistifica em uma primeira leitura o viés: autora amazônica na mordaca de falar de lendas, florestas, mitos etc. Marta fala sim desses temas que constroem o cenário amazônico, porém, escreve de um lugar de fala consciente, daquela que entende seu lugar e papel social de mulher nesse contexto enorme do mundo em que ela escolheu ser uma cidadã sem fronteiras. E, torna-se mais uma mulher representativa nas letras brasileiras que entende que a Literatura é uma grande ciranda poética em movimento, e quem impulsiona este fluxo, esse giro nessa roda de lutas, são todas as mulheres.

Referências

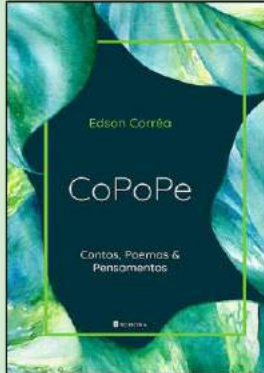
CARVALHO, Cefas. Marta Cortezão: "As redes sociais se tornaram as janelas da Cultura e da Arte". In: **Potiguar Notícias**, 2020. Disponível em: [//www.potiguarnoticias.com.br/noticias/46983/marta-cortezao-as-redes-sociais-se-tornaram-as-janelas-da-cultura-e-da-arte](http://www.potiguarnoticias.com.br/noticias/46983/marta-cortezao-as-redes-sociais-se-tornaram-as-janelas-da-cultura-e-da-arte). Acesso em: 10 nov. 2021.

CORTEZÃO, Marta. Porque lo necesito. In: CORTEZÃO, Marta; CACAU, Patrícia (org.). **Coletânea Enluaradas II**: uma ciranda de deusas. 1ª ed. São Paulo: Sarasvati Editora, 2021. E-Book (PDF; 2,41 Mb)

Cristiane de Mesquita Alves é doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC/ Unama/ Bolsista Prosup/CAPES. Professora de Literatura (ILC/UFPA). Escreve poesias e contos, além de artigos, resenhas, capítulos de livros e livros acadêmicos. Líder do Grupo de Pesquisa Mulheres Amazônicas e Latino-americanas na Literatura e nas Artes (MALALAS/UFPA/CNPq). Autora do livro de poesias *Riscos de Mulher* (Editora Todas as Musas).

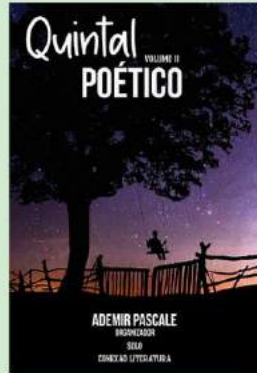
DICAS PARA LEITURA

Porque amamos livros



CoPoPe
Contos, Poemas e Pensamentos
Edson Corrêa

[clique aqui](#)



Quintal Poético
Ademir Pascale - Org.

[clique aqui](#)



Mulheres nas Finanças
Vários autores

[clique aqui](#)



O Amor de Olímpia
Louyse Josefa

[clique aqui](#)



Saída Discreta Pela Porta dos Fundos
Alice Vitória

[clique aqui](#)



Diário de um Banana - Bola Fora
Jeff Kinney

[clique aqui](#)

“Leia um livro e abra as portas para o conhecimento.” – Ademir Pascale

O CRISTO BRASILEIRO E L'IMAGE OUVERTE: MOTIFS DE L'INCARNATION



Pedro Américo (1843-1905). Tiradentes Esquartejado, 1893. Óleo s/tela, 270 x 165 cm. Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora.

Em tempos sombrios falsos mitos são criados. L'image ouverte: motifs de l'incarnation, de Georges Didi-Huberman (1953), tem sua publicação original na França em 2007 pela editora Gallimard e, até o momento, não possui tradução para o nosso idioma, tampouco lançamento previsto no Brasil. Entretanto, o livro tem sua gênese em 1986, quando o autor escreve o artigo Chair, symptôme, overture – “Carne, sintoma, abertura” – para o colóquio Georges Bataille dans les années trente: le politique et le sacré, em janeiro daquele ano. Tal artigo é um dos oito capítulos que compõem a obra publicada em 2007.

Didi-Huberman abre o livro com conceitos já conhecidos de outras publicações. Um deles é o pano visual – nomenclatura escolhida para denominar diferentes linguagens visuais, independente da técnica empregada, tais como: óleo s/tela, afresco, mosaico, *marouflage*, têmpera s/madeira, construção, objeto, escultura, relevo, entre outras. Também discute a relação imagem-tempo. Segundo ele, “estar diante da imagem é estar diante do tempo”. Portanto, para Didi-Huberman, as imagens atravessam os limites temporais e se consolidam no anacronismo de um “passado-presente”.

Na busca do “visual”, daquilo que está além do simples visível, o autor francês parte da compreensão do “ver” – “*le mot voir est encore un refus de regarder*” (“a palavra ver é ainda uma recusa de olhar”). Assim, a visualidade do que está além do visível mostra-se fora do caráter binário, proposto pelo alemão Erwin Panofsky (1892-1968), isto é, o não-saber do historiador da arte, a partir do pano visual, não se configura apenas nas leituras iconográfica e iconológica do objeto, mas, sobretudo, pela apreciação dos sintomas, que o levarão à construção de um certo saber visual.

A obra francesa traz aos olhos dos leitores e pesquisadores, do âmbito da imagem, um leque de possibilidades e inquietações que circundam a emoção – moção em tempos sombrios. E um dos conceitos elencados na obra é o denominado “metamorfose”, comumente observado na iconografia política das últimas décadas do século XIX, no Brasil.

A “metamorfose” se caracteriza pela busca de um elemento simbólico do passado, que será sintoma de uma imagem posterior, anacrônica em sua relação tema-tempo.

Pedro Américo (1843-1905), ao pintar o “Tiradentes esquartejado” em 1893 recorre à semântica do horror, da morte do herói, da materialização do “Cristo morto” como artifício retórico. Na tela, o espectador se depara com o ápice da Paixão, a imagem de um “Jesus” fragmentado por nós, de um Tiradentes punido para garantir nossa liberdade e com um mito nacional construído como arcabouço de uma República. O herói está nu, desprovido de bens materiais – como o crucificado.

O herói Joaquim José da Silva Xavier deve encarnar o herói trágico cristão. A ausência de iconografia do século dezoito – assim como a inconsistência das informações escritas acerca de Tiradentes – deixa livre a invenção física do herói, cujo “retrato” imaginário é associado ao Cristo como marketing político da República.

O Cristo brasileiro tem o corpo que sangra sobre o sudário de suas vestes e apresenta a tipologia do herói morto como recurso de representação – o braço que “tomba” do corpo – já visto em “A Morte de Marat” de Jacques-Louis David (1748-1825). Esse código visual, o “tipo” ideal à representação – é um dos pilares retóricos da encenação do *pathos* e indício da morte do mártir. A “tragicidade”, como desfecho da Paixão, é o principal ingrediente utilizado por Pedro Américo.



Jacques-Louis David (1748-1825). *A Morte de Marat*, 1793. Óleo s/tela, 165 x 128 cm. Musées Royaux des Beaux-Arts/Bruxelas – Bélgica.

Portanto, a imagem do Tiradentes morto e esquartejado, não é uma imitação extrema da Paixão do Cristo, mas “presença encarnada” – criada a partir do *pathos* e martírio da carne. A “metamorfose do tema” ou a “metamorfose do mito” configura a “presença do ausente desejável” e o anacrônico espetáculo trágico (um Jesus Cristo no século XIX). Diante do “pano visual” de Pedro Américo, o espectador encontra-se diante do tempo anacrônico e da criação do mito ilusório sob a “presença” de alguém que se oferece em sacrifício, que ousa romper a linha imaginária do “proscênio”, ao diluir a quarta parede do palco italiano e introduzir sua dor nos pensamentos de quem o vê. O mito santificado, o Verbo encarnado, encontra-se como no retábulo de uma igreja, em adoração e contemplação pelos fiéis. Sem fantasiar as palavras, o *pathos* do protagonista discursa. Aflição e dor se refletem em quem o observa.

Do “corpo glorioso” escorre o “sangue figural” – sintoma de irrupção e encarnação, o miraculoso sangue do Cristo – que consagra a categoria de relíquia sacra ao sudário manchado.

A partir de todos os conceitos e abordagens elencados no livro, Didi-Huberman conclui que a imagem do herói trágico – Jesus Cristo – recebe novas adequações e apropriações na construção de mitos anacrônicos, edificados pela ideia da “imagem-sacrifício”, com intenção de persuadir, convencer, emocionar o público. Uma construção simbólica e devocional. Imagens que envolvem e despertam a “*expérience intérieure*” como sintoma do dilaceramento, do esquarteramento do Ser. Imagens “encarnadas” em “metamorfose” emergente. Imagens que despertam “fantasmas” que não se prendem ao tempo e sobrevivem até a atualidade, em distintas evocações retóricas.

L’image ouverte: motifs de l’incarnation nos convida ao mergulho no universo da leitura imagética e impõe problemáticas, conceituais e analíticas, dignas de uma obra desafiadora e robusta em suas contribuições.



Reginaldo Leite é cenógrafo, historiador da arte e professor universitário. Desenvolve pesquisa de Pós-Doutorado, em História da Arte, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É Doutor em Artes Visuais e Mestre em História da Arte pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Integra o grupo de pesquisa “Studiolo: Estudos em História da Arte da Antiguidade à Primeira Época Moderna”, filiado ao Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. É autor dos livros “Convergir” (2005), “Os Crimes de Platão” (2019), “A Insanidade que nos une: um mergulho na arte de enlouquecer” (2020) e “Quando a palavra é o gesto e a imagem emoção: considerações sobre as paixões na formação

do pintor acadêmico” (2021).

CITAÇÕES DE CAROLINA MARIA DE JESUS

POR ADEMIR PASCALE



CAROLINA MARIA DE JESUS - FOTO DIVULGAÇÃO

ASSISTA O NOVO VÍDEO NO YOUTUBE, CANAL CONEXÃO NERD

CLIQUE NO BOTÃO



CANAL CONEXÃO NERD

INSCREVA-SE

FAVOR

POR BERT JR.

boca
se ainda estás entreaberta
um favor:
fiquem
teus lábios mornos
enquanto o beijo é apenas
uma promessa...

Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Depois de graduar-se em História pela UFRGS, formou-se em Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata o levou a conhecer vários países. Escreve ficção e poesia, havendo publicado, em 2020, o livro Fict-Essays e contos mais leves. Também compõe músicas e letras. Mantém perfis nas redes sociais para a divulgação de seus trabalhos. Eu canto o ípsilon E mais, seu primeiro livro solo de poesia, será lançado em dez/21. Para 2022, pretende publicar um segundo volume de contos. Instagram: @_bertjunior. Site: www.bertjr.com.br.



VIRTUALIDADES

O sexo virtual não é novo. Tampouco é bom ou ruim. É do mesmo naipe do "outro" sexo. Ou deveríamos dizer "outros sexos"? É somente uma evolução na forma de expressar o desejo a distância. Sim, porque sempre houve impossibilidades para o encontro físico de dois corpos, fossem quais fossem: a diferença de classes, a família, a religião, o casamento, a timidez, a rejeição, além da óbvia distância geográfica. No entanto, sempre houve um jeito. O tesão sempre encontra um caminho.

Talvez o início do sexo virtual tenha sido a descoberta da masturbação. Os primeiros homens e mulheres descobriram que podiam ter prazer a sós, sem necessidade de se encontrar ou procriar. Um homem das cavernas esconde-se na mata e vê mulheres banhando-se no lago; a excitação cresce, até que jorra sua seiva sobre a terra. Sexo a distância, sexo virtual.

A memória e a imaginação humanas certamente foram responsáveis por muito gozo *in absentia*. Lembrar as pernas da mulher sob a roupa, os músculos torneados do homem, os vultos, as silhuetas, os toques sutis de pele na pele, as vozes em nuances e entonações sensuais, o andar insinuante, os gestos suaves ou grosseiros, o suor escorrendo, o perfume que não se dissipa nem depois do banho, o cheiro do sexo... Lembrar faz imaginar, imaginar faz sonhar, sonhar faz desejar e pronto: masturbação e gozo. Sexo a distância, sexo virtual.

Com a escrita, foi possível se corresponder com o objeto de desejo que estava distante, e também expressar os sentimentos de amizade, de amor, de paixão. E de sexo, claro. Quantos homens e mulheres não se recolheram a seus aposentos (é divertido imaginar as desculpas dadas na ocasião) para ler e reler as missivas que continham fantasias implícitas, disfarçadas, codificadas ou mesmo explícitas e lúbricas. Os olhos traduziam os símbolos escritos e as mãos deslizavam pelo corpo, por cima da roupa, por baixo, até que a explosão de prazer deixava as faces coradas e a roupa molhada. Com desenhos e, posteriormente, fotografias então... Sexo a distância, sexo virtual.

A prensa móvel trouxe relatos, reais ou ficcionais, de amantes que davam asas às fantasias mais variadas e elaboradas. A literatura erótica é um marco no sexo a distância. O livro, com uma história completa, detalhada, descrevendo cenas provocantes em contextos diversos, consagrou a palavra escrita como fonte inesgotável de prazer. O que é a literatura, afinal, senão o registro da vida humana em seus mais variados matizes? Sexo a distância, sexo virtual.

Uma invenção aparentemente ingênua, mas erótica e/ou pornograficamente poderosíssima foi o telefone. Ouvir a voz melosa "do outro lado do fio" era extremamente estimulante. A voz, a entonação, os gemidos, os suspiros, aquilo era o máximo! Um gozo diferente, moderno. A voz, os sussurros, os gemidos, as promessas, as lembranças do que se fez, a expectativa do que viria a ser feito – sedução oral, em última análise. Sexo a distância, sexo virtual.

E lá foi a tecnologia criando novas maneiras de exteriorizar o sexo para vencer as limitações de tempo e espaço. Quantas declarações tórridas com riqueza de detalhes em fita cassete não fizeram os destinatários atingirem orgasmos inesquecíveis? E depois com o videocassete? As declarações agora tinham rostos, corpos, cenários – som e imagem a serviço do prazer solitário. Seria mesmo solitário? Ou seria um prazer a dois em distanciamento, em afastamento voluntário ou necessário? De qualquer modo, sexo a distância, sexo virtual.

O computador e a internet permitem começar a excitar o desejo do outro por meio do discurso, as palavras funcionando como preliminares; fones e microfones trazem o sabor da voz, dos gemidos, dos suspiros, não importa a distância, até que uma simples câmera traz a quase-presença. A roupa, o corpo, os movimentos, um vídeo com som e imagem – com participação e interação, da conquista e sedução até o gozo. Voyeurs, exibicionistas, tímidos, salientes, desconhecidos sem rosto, por segurança ou timidez, casais apaixonados, casais vadios, casais improvisados, casais formados ao acaso, trios, quartetos, grupos, com brinquedos ou com as mãos, gays, lésbicas, héteros, bis, trans, jovens, velhos, sozinhos, em grupo – todo tesão agora tem solução; o que importa é o prazer dos participantes. O prazer de gozar com o prazer do outro visível na tela é indescritível. Sexo a distância, sexo virtual.

A modernidade trouxe a masturbação com *upgrade* – digitação e imagens e áudio e vídeo e realidade aumentada e mais o que estiver à mão: literalmente! A sala de bate-papo é o novo ponto de encontro, bar, festa, reunião, convescote, quermesse, carnaval, bazar da amizade, do amor e do sexo, o começo de qualquer possível relação, ou não; local para se avaliarem as afinidades e as possibilidades. Porque toda forma de amor vale a pena. Mais: toda forma de amor é possível, real ou virtualmente. Faltam o cheiro e o toque, ainda, mas a realidade virtual vai resolver isso em breve. Quantos casais "reais" não nasceram de um sexo virtual descompromissado, oriundo de alguma rede social ou *site* de relacionamento? A verdadeira evolução do ser humano passa pelo sexo, seja real ou virtual, conforme a época e sujeitando-se aos costumes vigentes (nem sempre tolerantes com tais "liberdades" desabusadas). O sexo virtual é atraente e saboroso – sempre foi, sempre será – porque dos dois lados da distância estão seres humanos com muito tesão. A rigor, o real e o virtual são a mesma coisa: muda somente o veículo e o ambiente. A essência é a mesma. O diferencial reside na capacidade para e na liberdade de imaginação.

Permitir-se é o primeiro movimento; entregar-se é o resultado. O sexo real pode ser bom ou ruim, satisfatório ou frustrante, intenso ou morno ou insosso, memorável ou esquecível, pode criar dependência ou ser altamente saudável e recomendável; igualzinho ao sexo virtual, sem tirar nem pôr.

Lamentavelmente, há pessoas que acham que sexo virtual é sinônimo de putaria, de vulgaridade, de superficialidade. Uma pena, pois sem dúvida jamais o experimentaram, seja com conhecidos(as) ou desconhecidos(as). São parte da turma do "não vi o filme, mas não gostei". O filme pode ser realmente ruim, ou a pessoa pode realmente não gostar dele – é admissível –, mas julgar sem passar pela experiência é complicado. Se bem que em todas as épocas houve pessoas que resistiram às inovações, às "modernidades", pelas mais diversas razões, muitas vezes só pelo inusitado e inesperado do novo. Foi assim com as tecnologias, com a minissaia, com a maior presença das mulheres na sociedade, com os negros, com os trans...

Mas o pior é que tem gente que acha sexo virtual sem graça e mecânico. Como se o sexo dito real fosse sempre uma maravilha... Como se o sexo dito real não trouxesse problemas... Como se o sexo dito real fosse exemplo de sinceridade, de honestidade para com os sentidos e os sentimentos... Como se o sexo dito real fosse um passaporte para a felicidade... #sabemdenada

O mundo é dos que experimentam, dos que viajam (geográfica ou vicariamente), dos que ousam, dos que apostam (ganhando ou perdendo), dos que amam (ainda que não sejam amados, só pelo tesão de amar), dos que usufruem de sua existência, ou seja, dos que vivem. Dos que gozam, em suma. A literatura e as artes de modo geral estão cheias de exemplos que comprovam esta tese. Quem sou eu para discutir com a Arte? Com as Musas? Além do que sexo é vida. Sexo real ou virtual, não importa. O que importa é viver o máximo possível antes de morrer. Da forma que nos aprouver. O resto é o resto. O resto não suporta uma cirurgia, uma doença terminal, uma pandemia, uma entubação... E falando nisso, como resistir ao distanciamento social coronavirótico sem sexo virtual?

Bem, este texto já vai longo e filosófico. Vou encerrá-lo porque alguém de carne e osso e muito tesão me espera no outro extremo da virtualidade. Afinal, a terceira idade também goza. E s'ó lembrar da última vez m faaz cmçar a erra a digtão...



olho para a tela e não te encontro
nenhum *e-mail*
o celular não toca
nada de mensagem
comentários, postagens, nada
onde está você?
fazendo o quê?
com quem?
concluo que está me traindo, será?

vejo fotos antigas e recentes
comparo o antes e o depois
vídeos engraçados, vídeos carinhosos
vídeos sensuais, imagens proibidas para olhares alienígenas
lembro de você
lembro de nós dois
teu rosto sorridente
teu corpo provocante
tua voz preguiçosa
concluo que te amo

o tempo virtual passa
rápido demais
assim parece
e no entanto
o relógio continua acelerado
essa hora já?
e cadê você?
concluo que sinto tua falta

vejo o mundo em pixels
e quem não vê?
tenho o mundo nos dedos
viajo em cliques
meu cérebro é um grande sistema
cheio de apps, rotinas
e atualizações constantes
caminhos neurais digitais
e por falar nisso
concluo que você já é parte de mim

andei pensando
digitando
tirei uma *selfie* pra te mostrar
meu cabelo em desalinho
meu coração em desatino
hiperlinko geografia, história e física quântica
enquanto você está desaparecida da minha vida
e concluo que não sei mais o que fazer sem você perto de mim

o longe é perto quando estamos juntos
teus bits ressoam em meu peito
acesso arquivos de nós dois
mato saudades virtuais
vivencio sensações reais

e por que não
se te sinto tão intensamente a todo momento?
somos a realidade de nossa virtualidade
converso com a máquina
pergunto
indago
pesquiso
ensino
aprendo
assisto
navego
penso
choro
lembro
sinto
gozo
concluo que vivo

faço um café
quase derrubo no teclado
e me pego pensando
o que mudou?
se é que mudou
mudou a essência
ou a substância?
mudou a forma
ou o conteúdo?
e depois de alguns segundos reflexivos
concluo que nada de importante se modificou
concluo que ainda sou

mudam os caminhos
não mudam as partidas
não mudam as chegadas
muda o continente
literalmente
não muda o teor
muda o ambiente
não muda o sentimento

você demorou
entendo
quero te ver

e vendo a roupa
que desliza suavemente
por teu corpo quase nu
sinto a mesma emoção
a mesma excitação
da primeira vez que te vi
eu aqui, você aí

e entre espasmos de prazer
concluo
que precisamos

urgentemente
nos encontrar
e nos tocar, sem parar

eu e você
realidade
seja de que tipo for
e fim

SOBRE O AUTOR

José M. da Silva, professor e tradutor, 63 anos, aprendiz de poeta, experimentador das letras. O que a vida ensina, a literatura comprova.

PRESENTES PARA O NATAL 2021

Trocar presentes na data de Natal é uma das tradições mais caras – literalmente – da sociedade ocidental cristã. Hoje em dia, as opções para presentes natalinos beiram o infinito, e, felizmente, ninguém mais precisa ganhar lenços de tecido quadriculado, ou meias de banlon, que eram o melhor substrato possível para a criação de chulé no usuário em tempo recorde – suspeito que vinham acompanhadas de certificado “chulegênico”, mas como era escrito em inglês os pais jogavam fora (hoje estaria escrito em chinês e teria o mesmo fim).

De modo a facilitar as nossas vidas, caro(a) leitor(a), me dei ao trabalho de visitar inúmeras lojas online e peneirar as opções de presente mais interessantes para o Natal de 2021. A lista de sugestões segue abaixo. Tive o cuidado de escolher produtos recém-lançados no mercado e que incorporam tecnologias inovadoras, por isso o nível de sal dos preços deverá fazer qualquer bacalhoda parecer uma sobremesa. Ainda assim, espero que algum desses itens caiba no seu orçamento e atenda suas necessidades para a ocasião.

1. Todo mundo tem algum parente ou amigo para presentear que trabalha numa corporação privada, ou então numa repartição pública. Se ele costuma chegar em casa tarde, cansado do emprego, demonstrando irritação e mau-humor, aí vai a primeira sugestão de presente: **gravata comestível para situações intragáveis**. Uma caixa de gravatas comestíveis pode ser extremamente útil, já que propicia conforto ao indivíduo em situação de tortura psíquica. Imagine o seu parente querido, ou amigo do peito, sendo esculachado pelo chefe no emprego, ou tendo que participar de discussões técnicas intermináveis sobre temas além de sua compreensão: em tais situações, poder mastigar uma deliciosa gravata faz toda a diferença. Primeiro, porque a atenção do indivíduo sofredor é desviada para o ato de comer, algo por si só reconfortante; segundo, porque a composição da gravata é projetada para injetar glicose e fibras naturais no organismo de quem a consome, de modo a estimular a produção de dopamina e restabelecer, com rapidez, os níveis psicossomáticos de satisfação. A gravata comestível vem em caixas de 6 e 12 unidades, em sabores sortidos: hortelã com charque, caramelo com feijão tropeiro, e sashimi de salmão com pamonha.

2. Se você é exposto à leitura e/ou revisão de textos, está cansado de encontrar e/ou corrigir erros crassos de português e não tem receio de parecer pedante, considere esta segunda sugestão de presente: **o detector de casos de crase**. Para o seu colega de trabalho, o amigo escritor que vive te usando como leitor beta, ou os parentes que não param de despejar posts nas redes sociais, o detector de casos de crase constitui um ótimo presente. Talvez nem tanto para eles, já que os próprios não dão muita importância à correção no uso da linguagem, mas para você mesmo. A eficiência desse aparelhinho, se devidamente posto em uso pelo agraciado, poderá evitar que o seu humor venha a azedar de vez e acabe te levando a um estado de hipersensibilidade gramático-visceral, quando um pequeno deslize ortográfico encontrado num texto se torna algo capaz de provocar a falência do sistema cardiorrespiratório. Boa notícia: o detector de casos de hífen já se encontra em desenvolvimento e possivelmente estará disponível para o Natal de 2022 – desde que não haja a decretação de novas regras gramaticais até lá.

3. Para o caso de filhos adolescentes, ou de idades adjacentes, eis a melhor pedida de presente da ocasião: o **kit-laboratório do bichinho papa-acne**. Quem já não fabricou iogurte em casa? Pois é, com o bichinho papa-acne o processo é muito parecido. Você adquire o kit-laboratório e segue as instruções. Em poucos dias, sua colônia de bichinhos papa-acne estará pronta para ser explorada. O tratamento leva de 1 a 3 meses para se completar, a depender da extensão e gravidade do caso. Basta aplicar, diariamente, uma camada fina da substância coloidal, onde pululam os bichinhos papa-acne, sobre a porção

de pele a ser tratada. O único inconveniente é que, durante o tratamento, nenhuma gota de sabão, xampu ou detergente deve entrar em contato com a superfície afetada. Portanto, até que a pessoa esteja curada do problema, os banhos devem ser evitados, ou tomados apenas semanalmente e com o máximo cuidado para não respingar a área em tratamento. Como se pode imaginar, a higiene bucal é outro setor que ficará bastante comprometido. Por tudo isso, aconselha-se os pais a associar o presente do bichinho papa-acne com um pacote de intercâmbio estudantil no exterior para os filhos – de preferência em países de clima frio, como o Canadá, por exemplo.

4. Inspirado no uso generalizado de máscaras durante a pandemia de Covid-19, chega ao mercado um produto absolutamente oportuno, já que esse hábito provisório tende a cair de vez em desuso: o **diafragma bucal microporoso autolimpante**. Se há algo em que as máscaras foram de fato eficientes, mais do que na prevenção ao contágio de Covid-19, foi na nossa proteção contra os fatores desagradáveis e adversos à conversação, que incluem o mau-hálito, assim como os perdigotos e os resíduos alimentares arremessados pela boca do interlocutor. O diafragma bucal vem para resolver definitivamente esses inconvenientes. Trata-se de uma fina película flexível e transparente de silicone, quase imperceptível, que o usuário pode retirar facilmente no horário das refeições. O material microporoso permite um fluxo de ar em nível adequado e sua pequena fenda medial é apta a receber a extremidade de um canudo, de modo a facilitar a ingestão de líquidos, reduzindo, assim, o tira-e-põe do diafragma ao longo do dia. Sua superfície extradeslizante assegura a limpeza permanente do dispositivo, fazendo com que todo o material orgânico oriundo das refeições, ao deixar de ser arremessado para o exterior, seja integralmente absorvido pelo organismo do cuspidor. Já se sabe que estudos encomendados pelo fabricante apontam benefícios marginais relacionados com o uso do diafragma bucal, tais como a redução da ansiedade por comida e um discreto emagrecimento dos usuários.

5. Caso você queira presentear aquele par de amigos que vive se desentendendo publicamente, sua melhor opção será, com toda segurança: o **afinador de ondas cerebrais para casais**. Baseado na tecnologia *bluetooth*, o afinador de ondas cerebrais é a ferramenta do momento para casais em crise. Basta que ambos se coloquem de frente um para o outro, com os sensores grudados nas têmporas, e acionem o aparelho eletrônico. O tratamento é veloz e indolor, levando à compatibilização dos desejos e opiniões de acordo com a média de intensidade das ondas cerebrais dos dois usuários. O resultado favorece o desejo mais forte, mas o atenua em função dos inputs do parceiro. Assim, se você deseja muito fortemente comer uma feijoada no sábado, mas seu parceiro sonha de leve com uma comida vegetariana, vocês provavelmente irão almoçar um cozidão acompanhado de feijão com arroz, ou então um vatapá. Outro exemplo: se você deseja fortemente assistir uma série na Netflix, mas o seu parceiro preferiria iniciar um intercurso erótico, vocês provavelmente acabarão por assistir um documentário sobre sexo na Netflix. E assim por diante.

Além das opções mencionadas, haveria ainda outras, também muito atrativas, como o **beliscador elétrico para palestras enfadonhas**, ou o invento que é

considerado o último biscoito no pacote dos cosméticos: a **massa-corrída orgânica anticelulite**, o disfarce perfeito, visualmente mais neutro e natural do que as meias colantes.

O único presente que o Papai Noel não conseguirá providenciar neste Natal de 2021 é justamente o item mais demandado: um caminhão virtual de seguidores nas redes sociais.



Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Depois de graduar-se em História pela UFRGS, formou-se em Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata o levou a conhecer vários países. Escreve ficção e poesia, havendo publicado, em 2020, o livro *Fict-Essays e contos mais leves*. Também compõe músicas e letras. Mantém perfis nas redes sociais para a divulgação de seus trabalhos. *Eu canto o ípsilon E mais*, seu primeiro livro solo de poesia, será lançado em dez/21. Para 2022, pretende publicar um segundo volume de contos.



Instagram: @_bertjunior. Site: www.bertjr.com.br.

DISTÂNCIA

POR PEDRO DO AMOR

**Distância
Foi pouca
Foi muita
Simplesmente
A vida é ditada do nada
Para o tudo
E do tudo que tenho
Não é o que eu quero
Distância pequena
Distância serena
Na noite amena
No tranquilo dia
Oh, Minha Morena**

Escrevo poesias desde os 13 anos, quando a professora pediu para escrever um tema livre e fiz Ah | Que Delicia de Vida. Tenho dois livros Editados: Flores Distorcidas e Minha Alegria é Você, ambos pela Editora Scortecci de Sao Paulo; já participei de várias antologias. Já tentei ser compositor.

POR DANIELA S. T. MERINO

CRÔNICA
EM QUE PENSAS, URSO?



Arte: Cláudia A. Terehoff Merino

Estou esperando para ser chamada pelo médico, a cabeça cheia de pensamentos — as contas vencendo, a suposta doença, as brigas dentro de casa, a Covid-19, o mercado que há de estar lotado mais tarde, o desemprego no Brasil, a janta ainda por fazer, o dia de ontem, as tristezas do amanhã... E, em meio a tudo isso, mexo distraidamente em meu celular, aparentemente calma, o dedo indicador passando post atrás de post no instagram numa espécie de tédio. Sim, a palavra é exatamente essa: sinto tédio.

Eis quando me deparo com a bela imagem de um urso-polar perdida em meio a tantos outros posts sem graça. Tão calmo, tão esplêndido, tão... Feliz?

É a pintura de um urso-branco camuflado em meio à extensa neve do Círculo Polar Ártico, seguindo seu caminho, solitário. Mas, não estaria ele, por acaso, tal como eu, repleto de pensamentos conturbados e aflitos por trás de fingida calma? Em que estaria ele pensando? Sim, eis o que passo a perguntar silenciosamente em meu íntimo: “Em que pensas, urso?”.

Olho outra vez para a ilustração e, por alguns segundos, tenho a impressão de que ele é capaz dos mais distintos e embaralhados pensamentos, tal como qualquer um de nós.

Quem sabe, no instante em que o pintaram, estivesse tal urso meditando sobre a vida? Por que não? Quem sabe, estivesse ele pensando sobre as vantagens de possuir pelos sem nenhuma pigmentação e, com isso, camuflar-se muito bem na neve. Ou, pelo contrário, estivesse recordando o fato de não gostar da própria cor justamente por ficar camuflado quando, em sua opinião, “O bom seria que todos no mundo me enxergassem! Gostaria mesmo era de ser vermelho ou roxo!”. Ah! A insatisfação consigo mesmo! Fosse capaz de ver os posts de instagram e se deparasse com o desenho que aqui se encontra, olharia a própria imagem refletida e sentiria o retrato como sendo infiel. Certamente pensaria: “Como estou magro! Pareço ter uns 400Kg!” ou, por outro lado, “Preciso começar um regime: devo estar com uns 585 Kg!” Evidentemente que tudo isso se daria a depender de sua própria percepção “ursínea”...

Fosse ele capaz de ler (já imaginaram isso? Um urso leitor!), se orgulharia ao saber que é comumente retratado em tudo quanto é livro, site, blog e enciclopédia como sendo “o maior mamífero carnívoro terrestre”. Sim, sim... Motivo de orgulho é a forma como nos retratam, não é mesmo? Diante disso, quem sabe, ele resolvesse até “dar um Google” e fazer pesquisas como: “Os ursos polares mais famosos de todos os tempos”, ou “1001 formas possíveis de um urso-polar melhorar as próprias técnicas de caça”. Principalmente porque talvez ele se achasse um tanto defeituoso. Aliás, talvez ele estivesse pensando naquele exato momento em que o pintaram: “Tenho tantos defeitos! E se eu pudesse ser um urso melhor? Será que há vídeos no youtube sobre esse assunto?”. Fosse ele uma fêmea, talvez ponderasse também acerca de outros temas, não tão típicos no pensamento de um macho. Quem sabe, pensasse sobre a baixa taxa reprodutiva dos ursos-polares ou o longo período de gestação da espécie, calculado habitualmente entre 195 e 265 dias, o que quer dizer que esta fêmea poderia pensar: “Não é justo! Eu passaria quase dois terços de um ano prenha! E eu não posso perder esse tempo. Além disso, preciso pensar no futuro e suas dificuldades: a educação do filhote, os perigos naturais, o fardo de precisar encontrar alimentos para dois, protegê-lo de possíveis predadores, etc. Por outro lado...”

pensaria ela ainda, “a nossa espécie vive em risco atualmente: já entramos até para a Lista Vermelha da extinção! Então, se eu não tiver filhotes, o que será de nós, ursos, no mundo? É uma baita responsabilidade tomar uma decisão dessas... Ficar prenha ou não? Eis a questão.”

Ou, talvez, diferentemente de tudo isso, o urso — macho ou fêmea, já não importa mais — estivesse unicamente se lembrando da última foca que comeu ontem, ou pensando “O que vou comer amanhã?” ou ainda, se perguntando: “E se eu não encontrar comida mais tarde, o que farei?”. Agora, se por acaso seus pensamentos fossem mais sofisticados, esse raio de sol da imagem o faria pensar: “Oh, céus! O verão está chegando... Ainda bem que a minha pele ajuda na absorção do calor, caso contrário eu estaria perdido! Mesmo assim, esse sol quer dizer que logo terei de sair daqui e buscar outros lugares onde haja mais gelo. Ah, como é difícil essa vida de animal polar! E se eu não conseguir encontrar um local bom o suficiente onde viver? E se lá, nesse novo lugar, não houver buracos por onde as focas tirem os seus focinhos para fora em busca de oxigênio e, conseqüentemente, eu não tiver alimento e morrer por falta de energia? Ainda por cima, existe o impacto das mudanças climáticas por toda a parte, as interferências humanas e a questão do petróleo, por exemplo, ficando no ambiente e contaminando os meus pelos! Ou seja, a gente não pode nem se lambar em paz que, PUF! Lá se vai um urso intoxicado! Mas eu não quero desaparecer do mundo assim, tão novo, por algo tão insignificante como me lambar! Quero chegar a pelo menos 22 anos! Quero realizar tantos sonhos, quero ser tão f..

— Dona Lourdes.

Ah, sou eu! Já?

Olho para o relógio do celular e uma última vez para o post antes de entrar na sala 23. Parece que eu realmente viajei nos pensamentos... Olhando bem, ele é apenas um urso. Um ser pensante, claro, mas não tão cheio de pensamentos corrosivos como nós, seres humanos. Um ser que apenas vive o agora: sente os leves raios de Sol que vem surgindo ao longe, levanta cautelosamente a pata dianteira, respira o ar puro que o rodeia e segue em frente, sem pensar em nada, imponente e majestoso como a natureza.

Daniela S. T. Merino é doutora em Letras - Literatura e Cultura russa. Autora do livro “Sulerjítiski: *mestre de teatro, mestre de vida*: sua busca artística e pedagógica” (2019), escreve peças teatrais desde 2011, ganhou 2 menções honrosas no Nascente e o segundo lugar no 1º Prêmio Travassos de Literatura em 2021. Atualmente desenvolve projetos em parceria com a ilustradora Claudia A. Terehoff Merino, sobretudo para o blog Masticadoresbrasil e em seu instagram @daniterehoff. Tem contos, crônicas e poemas publicados em antologias por diversas editoras desde fins de 2020.

Cláudia A. Terehoff Merino é professora de desenho Mangá no Centro Cultural de Ribeirão Pires. É ilustradora da obra “Brilha Brilha Adelina”, vencedora do 2º lugar no Primeiro Prêmio Travassos de Literatura em 2021. Tem obras disponíveis na revista Conexão Literatura, em sua página do instagram @caucauilustra, nos sites Masticadoresbrasil e Colab55 (onde podem ser adquiridos produtos com seus desenhos), na antologia *Café e Literatura* organizada por Douglas Augusto (2021) e na antologia “108 Sombras” da editora CRAS (2021).

COLETÂNEA DE POEMAS

Ademir Pascale - Org



Uma coletânea repleta de belos poemas, totalmente gratuita para os leitores.

PARA ADQUIRIR O E-BOOK
— CLIQUE AQUI —

A MENTIRA E A VERDADE - HUMOR

POR AYLTON SANGY

Ah, essa é de doer...
A Mentira e a Verdade:
A Verdade dizia...
- Mentira, tu escondes a Verdade.
Tu trocas histórias
Por maldades
E eu conto história de Verdade.
Mentira, tu és
A Santinha do Pau Oco.
Tu és, de verdade, a mentora
Desse Mundo louco.
- A Mentira responde:
- Que nada! Isso é Mentira pura!
- A Verdade retruca:
- Mentira tu és astuta
Mas não serves para nada
Nem de testemunha
Já viu como te chamam?
Conto do Vigário!
Black Fraude! Embuste,
Trama, lorota, suspeita,
Casca, um sete um,
"Me engana que eu gosto!"
Eita! Quantas... falam até besteiras...
Que... mentira tem pernas curtas,
Que... és falsa como nota de três
Ah, que em abril tem
O primeiro dia do mês...
- E a Mentira retruca
- Verdade, tu és toda certinha!
A Dona do pedaço!
Por cima da carne-seca!
Serves até de juramento!
Morres falando a Verdade!
A Verdade dói!
Quem cala consente
E a Verdade não mente.
Tem o Dia da Mentira
Tem a Hora da Verdade
Dizem que a Verdade é nua e crua
É cada uma que parece duas...
- Agora, sou eu, retruca a Verdade:

- Quem mente a primeira vez,
Mente a segunda vez
Pra esconder a primeira...
Mente a terceira pra esconder
A segunda... e por aí não para.
Até que ponto
Quem conta um conto
Aumenta um ponto?
És tu, "né" dona Mentira
De que lado tu andas?
Pare de "sem-vergonhice"
Brincando de Mentirinha
Ficas até vermelhinha
Atrapalhas toda Verdade.
Uma hora a casa cai
Para nós duas.
Aí, Dona Mentira,
Tu vais dizer que é fatalidade
Que não vistes...
Que não sabes...
De nada do que te disse a Verdade!

Aylton Sangy - Professor, alguns textos em Recanto das Letras, premiado em concursos de poesias, algumas participações em Antologias.

RESENHAS

ANTOLOGIAS

HQS

ENTREVISTAS

LIVROS

VENHA PARA O LADO CULTO DA FORÇA

CONEXÃO LITERATURA

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

INSTAGRAM: @REVISTACONEXAOLITERATURA | FACEBOOK: @CONEXAOLITERATURA
E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PORQUE AMAMOS LIVROS

MICROCONTOS

Em um coração de pedra a vida floresce. Na terra fria a semente germina. Grita a vida na floresta de concreto.

Clodoaldo Lima é formado em processos gerenciais e em Instrumentação Cirúrgica. Trabalhou como operador de som e luz em espetáculos teatrais. Publicou os livros Luar (2017) e Mágicos Segredos (2019). Foi um dos vencedores do Concurso Literário Espelho de Leituras na categoria Micropoemas e ganhou menção honrosa na categoria Microcontos. Participou de diversas antologias.

Em enfadonhas linhas ele me censurava. Raramente dava risadas de criança. Raramente. Mas eu o entendia.

Rosangela Cunha é natural do Rio de Janeiro. Funcionária pública e compositora, foi contemplada com os prêmios Lions Internacional, Polo Cultural Ilha do Governador, Reconhecimento Popular (3ª edição) e Espelho de Leituras. Escreveu o Samba Hino Comemorativo dos 450 anos da Ilha do Governador e participou das antologias PoEsla InStAnTâNeA, Um Olhar Insular e Minhas Poesias. Foi condecorada com o diploma de cidadã honorária da Arte & Cultura da Ilha do Governador.

Novos Contistas: Anna Koeppe, Benedita Rosa e Lucas Azevedo

Vamos passear no bosque, enquanto o tempo não vem. O amor está?

Anna Koeppe – 32 anos, professora de Artes Visuais, formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Acordo cedo, desanimada. Às sete a minha filha precisa estar na escolinha. No retorno, deito novamente. Durmo. Depois, me arrasto pela casa, faço um grude qualquer para salvar o almoço do dia. O relógio aponta meio dia e alguma coisa. O carro vem deixar minha filha. Ela almoça, descansa. A levo para aula de reforço. No retorno, deito mais um pouquinho. O relógio me diz que está quase na hora de receber a criança novamente. Ela chega contente. Anoitece, amanhece. Acordo cedo, desanimada.

Benedita Rosa - 63 anos, bacharel em direito, especialista em Direito do Trabalho e em Docência do Ensino Superior - Maranhão

Maria regava o jardim todos os dias. O pé de café a fazia lembrar da Era Vargas. O pé de tomate a fazia lembrar dos tempos de cozinheira. O pé de feijão a fazia lembrar que... que o feijão está caro.

Lucas San – 30 anos, graduando em Letras – Rio de Janeiro

HOMENAGEM AO GUIMARÃES ROSA

Incerto sertão
De verso, prosa
E estrela de João
Noite para ser
Tão gente, tão grande
Identidade
De perto, de pele e palavra
Além das veredas pastagens
Do meu, do seu
E do céu, espelho inteiro de miragens.



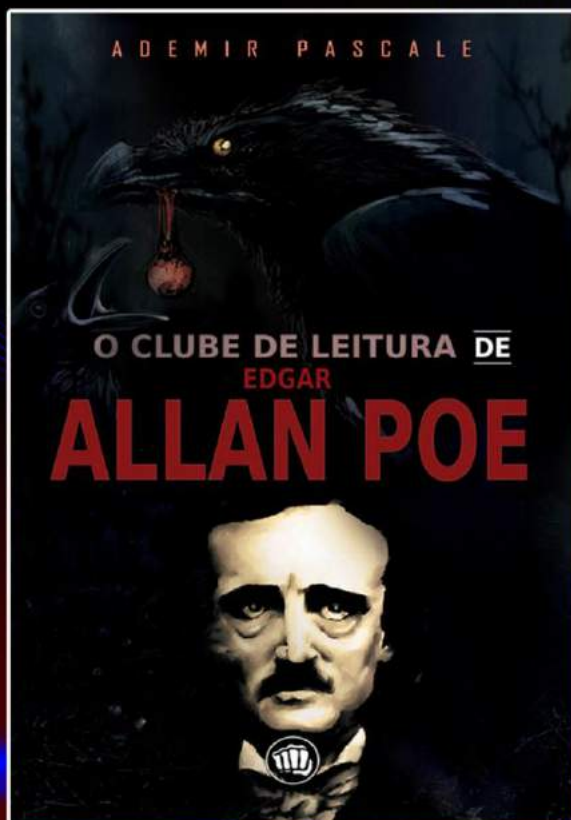
Texto: Brunno Vianna (RJ) – Professor de História, vencedor do Concurso Literário Machado de Assis (2008), do I Concurso de PoEsla InStAnTâNeA do Sarau do Bar (2016) e do VIII Concurso Internacional La Vida es Poesía (2016).

Imagem: Ueliton Dias (SP) – Professor de Letras e Geografia. Se dedica a desenhar autores e personagens de nossa literatura.

BRUNNO VIANNA HOMENAGEIA CECÍLIA MEIRELES

O poeta e historiador carioca Brunno Vianna, autor dos livros Poesia, Cartas para a Cidade, À Primeira Vista e Caminhos de Papel, homenageia através do poema “Encontro” a escritora Cecília Meireles.

Encontro em teu poema a outra face
Encontro tua palavra sem disfarce
Moça do Retrato
A Rosa toda prosa
E dos olhinhos de gato
Calma e calada ilha
E filha
Do Mar Absoluto
Mãe do Poema dos Poemas
Viagem pelo Romanceiro da Inconfidência
Te encontro na Festa das Letras
Nas infâncias
E Canções
Ou isto ou aquilo
Não importa—
Abro a porta
dos sonhos
A página do livro
E te encontro
Em minhas emoções.



Situado numa sala de um antigo prédio do centro da cidade de São Paulo, o Clube de Leitura de Edgar Allan Poe, apresenta personagens intrigantes e problemáticos, iniciando pelo cofundador, um velho caolho de nome Clay, que não vê mais sentido na vida depois da morte trágica da esposa Virginia. Henrico e Marcelo, irmãos órfãos que tentam levar uma vida pacata em um sebo na garagem de casa, mas que eventos sobrenaturais assolam a vida de um deles, que é atormentado por corvos. Samanta é uma jovem gótica e solitária. Rafael, ex-vocalista da banda Nevermore, sente-se rejeitado pela rica família e vive nas ruas e noites paulistanas tentando encontrar um novo caminho. Bernardo e Kátia, casal que discute a relação entre casar ou apenas morar juntos, vivem aventuras perigosas. Mas, todos com algo em comum: a paixão que nutrem pela vida e obra do inigualável mestre do horror: Poe.

DO AUTOR ADEMIR PASCALE

POLICE LINE

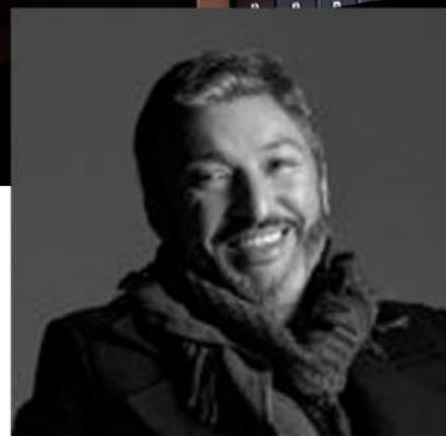
PARA ADQUIRIR O LIVRO, ACESSE:

www.selojovem.com.br

ENTREVISTA COM O ESCRITOR

ALEX BITTEN

POR ADEMIR PASCALE



Alex Bitten é autor de romances envolventes e com personagens marcantes. Suas obras caracterizam-se pela riqueza de detalhes e tramas bem elaboradas, um trabalho realizado através de pesquisa e obsessão pela qualidade do texto.

Possui 6 romances publicados ao longo de 20 anos como autor independente e está lançando “A Casa do Capitão”, seu primeiro romance junto a uma editora tradicional, a Coerência.

Seu objetivo é transportar o leitor para dentro da história, proporcionando conhecimento e entretenimento de alto nível.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Alex Bitten: A vontade de escrever surgiu ainda na adolescência, quando comecei a criar personagens vivendo histórias que não estavam em livros que havia lido. Ela cresceu com o passar dos anos, até que em 1998, depois de não conseguir tirá-las da minha mente, iniciei meu primeiro romance, que foi publicado em 2001. O Romance “O Espírito da Noite”, ambientado na época da Independência do Brasil, teve ótima aceitação e serviu de combustível para prosseguir. E não parei nem pretendo parar.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "A casa do capitão". Poderia comentar?

Alex Bitten: As premissas do livro eram desafiadoras. Queria criar minha primeira protagonista, algo que ainda não havia feito. Além disso, após uma visita num asilo, pensei em escrever um livro onde a personagem descobre a existência de uma vida passada. Mas não queria escrever mais um romance sobre reencarnação, queria fugir do lugar comum.

A vida de Caroline era perfeita: no auge de sua brilhante carreira, estava noiva de um ótimo pretendente. Tudo acaba quando se vê traída por seu grande amor e sua melhor amiga. Agora, só consegue pensar em fugir dessa triste realidade, e uma proposta de emprego em outra cidade parece ser sua salvação.

Decidida a abandonar o passado e começar uma nova vida, a médica se muda e começa a trabalhar no renomado Centro Médico Souto Lima, local para tratamento de idosos e pacientes singulares. Lá, ela rapidamente se vê envolvida com interessantes figuras, como Helena Cortês, uma professora de filosofia capaz de fazê-la contestar suas convicções. Aos poucos, vai percebendo que o centro médico mantém encobertos fatos envolvendo a guerra que terminou décadas atrás.

Enquanto busca informações sobre o enigmático paciente do quarto 206, ela percebe que a doutora Laura, fundadora e proprietária do local, pode estar envolvida em terríveis segredos.

Apenas em sua nova casa, a residência de um casal que teve seu amor interrompido pela guerra, a médica encontra paz, mesmo que ninguém consiga explicar os estranhos eventos que acontecem lá, nem mesmo Benjamin, o homem com passado trágico que ganha cada vez mais espaço em seu coração. Ao perceber que sua presença está ligada a um mistério e que forças poderosas desejam mantê-lo enterrado, Caroline decide participar de um jogo mortal, arriscando-se para descobrir a verdade. Porém, sua descoberta mudará sua vida para sempre.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Alex Bitten: “A Casa do Capitão” levou 2 anos para ser concluído. Durante esse período pesquisei sobre vários assuntos, desde procedimentos médicos, rotinas em asilos, passando por filósofos e é claro, sobre a criação de uma personagem feminina com uma alma autêntica. Acredito ter conseguido fazer Caroline evoluir com ser humano, enfrentando seus medos e vencendo seus desafios. Foi um livro muito gratificante.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Alex Bitten: Gosto de utilizar cartas em meus livros, acredito no poder de comunicação que elas possuem. E uma das cartas escritas por um paciente terminal para Caroline me emociona sempre que leio.

Minha amiga Caroline. Prefiro chamá-la de amiga à doutora.

Quando estiver lendo estas palavras, não estarei mais neste mundo. Mas não se preocupe comigo, porque há muito tempo parei de me preocupar com meu destino.

Como diria Júlio César, na batalha de Zela: Veni, Vidi, Vici. Não escolhi minhas batalhas, mas lutei todas com fúria e inteligência. A maioria delas venci, e, para mim, isso é o que importa.

Agora é tempo de continuar minha jornada. Minha mente está mais afiada do que a katana, de samurai, mas meu corpo se deteriora a cada minuto.

O destino é inevitável.

Eu lhe darei um presente e uma batalha.

Deixo a você o meu acervo. Esse é o seu presente. A doutora Laura tem outros planos para ele, por isso, quando lhe der a notícia, é claro que vai discordar, mas quero que a convença a ficar com eles. Esta é a sua batalha, o seu desafio, e se tornará mais forte se vencê-la.

Não os doe, não os venda e, sobretudo, trate-os com carinho. Leia-os, e alguns autores se tornarão caros para você. Somente quando encontrar alguém que os trate melhor do que você, faça o que estou fazendo agora.

E nunca se esqueça: o conhecimento liberta.

Não vou dar nenhum conselho politicamente correto, há vários deles ao alcance dos seus olhos, e sempre acreditei que clichês foram feitos para idiotas.

Mas gostaria de deixar uma reflexão.

Nós somos navios, e navios não foram feitos para ficar na segurança de um porto, mas para cruzar mares bravios, conhecer lugares inacreditáveis e participar de grandes batalhas. Não há nenhum problema em sofrer avarias durante a-jornada. Prefiro um navio cheio de cicatrizes a um que nunca levantou âncora.

Afaste-se de pessoas que não navegam pelos mares da vida, ou que navegam apenas em rios estreitos e águas tranquilas. Não aceite seus medos ou suas desculpas, porque, se os aceitar, condenará seu navio ao mar dos sargaços, e lá ele ficará preso para sempre.

Quando o fim estiver próximo, e o seu navio estiver naufragando, aceite com resignação, tenha orgulho de sua história e repouse no fundo do mar como os lendários e audaciosos navegadores. Compreenda que a jornada da vida é o caminho que percorremos e nunca o seu destino, porque esse é apenas uma miragem no deserto que é nossa existência.

Eu lhe desejo uma vida longa e uma morte rápida.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Alex Bitten: No meu site www.alex bitten.com.br o leitor encontrará muitas informações sobre os meus romances, curiosidades, opiniões dos leitores e links para os locais de compras. Alguns preferem adquirir comigo, porque gostam de recebê-los autografados.

Meus livros são comercializados em formato impresso nas grandes lojas da web (Americanas, Submarino, Shoptime, Submarino. Na Amazon é possível adquiri-los também em formato digital.

Todas as novidades sobre meus novos projetos estão no meu Instagram [@escritoralex bitten](https://www.instagram.com/escritoralex bitten)

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Alex Bitten: Estou revisando meu novo romance, que deverá ser lançado no primeiro semestre de 2022.

Uma história sobre caçadores de baleias, ambientada numa armação, no litoral de Santa Catarina, no final o Império do Brasil.

Uma feiticeira revela o futuro de três meninas, e quando elas se tornam mulheres, percebem que suas previsões se iniciam a partir da chegada de uma fera do mar.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Conde de Monte Cristo

Um (a) autor (a): Júlio Verne

Um ator ou atriz: Sean Connery

Um filme: Nada é para Sempre – Dirigido por Robert Redford

Um dia especial: O lançamento do meu primeiro romance “O Espírito da Noite.”

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Alex Bitten: Escrevo o que sinto.

Uma angústia inexplicável, de personagens que vivem dentro de mim, implorando para contar suas vidas.

Eu continuo vendo e escrevendo. Este é o meu destino e será assim até o dia do meu último suspiro.

Escrevo para libertá-los, para que possam seguir seu destino.

Escrevo para libertar minha alma, para que eu possa seguir meu destino.

Eu sou Alex Bitten.

Eu sou um contador de histórias.



Cinza no Céu



**HORROR
FANTASIA
NOSTALGIA
FICÇÃO CIENTÍFICA**

Roberto Schima

CINZA NO CÉU

NOVO LIVRO DE
ROBERTO SCHIMA

SINOPSE:

A EXEMPLO DA MINHA COLETÂNEA ANTERIOR, "SOB AS FOLHAS DO OCASO", "CINZA NO CÉU" REÚNE HISTÓRIAS QUE FORAM PUBLICADAS NA REVISTA DIGITAL "CONEXÃO LITERATURA", EDITADA POR ADEMIR PASCALE. DESTA FEITA, A PARTIR DO Nº 49 DA PUBLICAÇÃO. OS CONTOS AQUI REUNIDOS ABRANGEM FANTASIA, HORROR, FICÇÃO CIENTÍFICA, NOSTALGIA. TAMBÉM INCLUI ALGUMAS CRÔNICAS, POESIAS E MÁXIMAS/REFLEXÕES. SE ESTÃO DISPONÍVEIS NAS VÁRIAS EDIÇÕES DA REVISTA CUJO DOWNLOAD É GRATUITO, MINHA MOTIVAÇÃO PARA O LANÇAMENTO EM LIVRO É IGUALMENTE PELO DESEJO DE NÃO SOMENTE VER AS HISTÓRIAS REUNIDAS EM LIVRO, MAS TAMBÉM PODER MANUSEÁ-LO, FOLHEÁ-LO, GUARDAR NA ESTANTE. ADEMAIS, COMO JÁ ME REFERI CERTA VEZ AO EXEMPLIFICAR A QUESTÃO DO E-BOOK E DO LIVRO FÍSICO, AMBOS SÃO CO MO UMA PESSOA QUERIDA, ENTREMENTES, NO PRIMEIRO CASO A GENTE VÊ ESSA PESSOA PELA INTERNET, ENQUANTO QUE, NO SEGUNDO, PODEMOS ABRAÇÁ-LA. E TOCAR UM LIVRO QUE A GENTE ESCREVEU É COMO ABRAÇAR O PRÓPRIO SONHO. "LIMBOGRAPHIA", "O OLHAR DE HIROSAKI", "SOB AS FOLHAS DO OCASO" E, AGORA, "CINZA NO CÉU" SÃO RETALHOS DE MUNDOS DIVERSOS QUE PREENCHERAM MINHA MENTE, NOS QUAIS MERGULHEI, ME PERDI, ME ACHEI, POR VEZES COM RELUTÂNCIA EM VOLTAR. PARA MIM, ELES EXISTEM DE VERDADE. ESTOU NELES. ESTÃO EM MIM. E SÃO AQUILO QUE DEIXAREI PARA TRÁS.



Para saber mais ou adquirir:

<https://loja.uiclap.com/titulo/ua2785/> e <https://clubedeautores.com.br/livro/cinza-no-ceu>

ENTREVISTA COM A ESCRITORA

ALICE VITÓRIA

POR ADEMIR PASCALE



Alice Vitória nasceu em Aracaju/SE, mas atualmente mora em Ribeirão Preto/SP com sua família, onde estuda Ciências Biológicas na USP. Participa dos projetos de incentivo à leitura e escrita "Um Sonho Possível" e "Webelieve". Leitora voraz, começou a ler muito cedo, aos 03 anos de idade, adora fantasia e contos de fadas, mas também não dispensa um bom desenho animado e filmes de super heróis. Alice Vitória começou a escrever histórias aos 05 aninhos, quando disse à mãe que queria ser escritora e publicou seu primeiro livro, "O Monstro de Chocolate", aos 7 anos de idade. Desde então já expos na Bienal Internacional de São Paulo/SP, Fenelivro (Feira Nordestina do Livro – Recife/PE) e na The London Book Fair/Londres. Também é autora dos livros "A Bruxinha Boazinha e os Ratinhos de Circo", "O Monstro Invisível" e "Saída Discreta Pela Porta dos Fundos", sendo este seu primeiro livro para jovens.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Alice Vitória: Desde criança eu sempre gostei muito de ler, os livros eram uma constante na minha vida, desde bebê, quando minha mãe contava histórias para me acalmar. Comecei a ler muito cedo (aos 3 anos), um dia, quando eu tinha 5 anos estava lendo "O Reizinho Mandão", de Ruth Rocha, e a história me encantou tanto que eu decidi que também queria ser escritora. Perguntei a minha mãe como eu faria pra ser uma, e ela me disse que tinha que escrever uma história, e eu disse: "só isso?" Então fui no meu quarto e escrevi um tipo de fanfic, misturando Turma da Mônica e Sítio do Pica Pau Amarelo, que eram meus favoritos na época, deixei minha mãe boquiaberta, porque a história era uma narrativa completa. Depois escrevi outras e vivia pedindo aos meus pais para transformá-las em livros, até que consegui convencê-los e "O Monstro de Chocolate" foi meu primeiro livro publicado, "A Bruxinha Boazinha e os Ratinhos de Circo", foi minha segunda publicação, depois veio o "Monstro Invisível", todos infantis e este ano publiquei "Saída Discreta Pela Porta dos Fundos" o meu primeiro livro para o público jovem.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Saída Discreta Pela Porta dos Fundos". Poderia comentar?

Alice Vitória: Há algum tempo eu já vinha querendo escrever um livro para o público jovem e "Saída Discreta Pela Porta dos Fundos" foi a minha primeira tentativa concluída. O livro narra a história de Nala, uma adolescente que, depois de sofrer racismo em suas redes sociais, acaba misteriosamente parando em um mundo paralelo onde tem que lidar com diversas situações bizarras. Celine é a única amiga que ela faz nessa outra dimensão e juntas elas tentarão encontrar um modo de Nala voltar para casa.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Alice Vitória: Durante vários meses eu li depoimentos na internet de vítimas de racismo nas mais diversas situações, páginas e mais páginas contando como essas pessoas se sentiam. Também busquei ajuda em alguns livros que leio, procurando situações parecidas para entender como eu podia descrever os sentimentos da personagem. Eu reescrevi o livro duas vezes, então demorei quase dois anos para concluir. É bastante tempo, mas eu queria escrever algo legal, que além de ser uma leitura prazerosa levasse o leitor a reflexão sobre essa temática tão importante e atual, que é o racismo. Também tive um pouco de dificuldade com a extensão da história, pois estava acostumada a escrever contos infantis.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Alice Vitória: “Lute pelo que você acredita, honre a luta dos que vieram antes para conquistar a paz pelos que ainda virão.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Alice Vitória: Me seguindo no instagram @alicevitoria_escritora e pedir diretamente pelo [instagram](https://www.instagram.com/alicevitoria_escritora) ou pelo [Shopee](https://shopee.com.br/product/404017125/12548653441?smtt=0.404036702-1636641552.3) pelo <https://shopee.com.br/product/404017125/12548653441?smtt=0.404036702-1636641552.3>

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Alice Vitória: Sempre! Tenho uma história finalizada e mais algumas em andamento, tanto para o público infantil quanto para o jovem. Também em 2022, participarei de eventos de incentivo à leitura em escolas de Aracaju/SE que adotaram “Saída Discreta Pela Porta dos Fundos” como livro paradidático para os alunos do Ensino Fundamental II (6º a 9º ano).

Perguntas rápidas

Um livro: O Retrato de Dorian Gray

Um (a) autor (a): Cassandra Clare

Um ator ou atriz: David Tennant

Um filme: Como Treinar Seu Dragão

Um dia especial: O dia que decidi ser escritora

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Alice Vitória: Gostaria de agradecer pela oportunidade de contar um pouco sobre o meu livro e que a história de Nala seja uma aventura deliciosa para todos que lerem “Saída Discreta Pela Porta dos Fundos”.





REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

**Divulgue
o seu
livro**



**PACOTE DIVULGAÇÃO
PARA AUTORES**

POR APENAS

R\$100

O pacote inclui entrevista com o autor(a), divulgação nas redes sociais Facebook, Twitter e Instagram e publicação na revista literária e digital Conexão Literatura

Bônus:

Você ainda ganha a publicação do release no site da revista



agilidade



público-alvo



apareça



novas ideias

DESTAQUE O SEU LIVRO

Somos especialistas em divulgação de livros e autores. Conheça o Pacote Divulgação Para Autores e veja o custo/benefício em divulgar o seu livro conosco.

SAIBA MAIS. ACESSE:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Ou escreva para: ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale

ENTREVISTA COM A ESCRITORA

ANA PAULA

POR ADEMIR PASCALE



Jurista, pesquisadora, escritora, leitora, compositora e professora. Doutoramento em Estudos da Paz pela Bircham International University. Possui experiência com o magistério superior em nível de graduação e pós-graduação. *Expertise* em preparatórios para concursos públicos (ambientes presenciais e virtuais). Autora de livros e de ensaios científicos publicados nacional e internacionalmente. Presta serviços voluntários em comunidades carentes. Canal cultural no YouTube: Engenho de Letras Devagar e Sempre. Idealizadora do *blog* e fraternidade Academia Literária Engenho de Letras – ALEG.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Ana Paula: Desde criança, sempre gostei de ler, o que facilitou a escrita. Quando estudante do ensino fundamental, participei do primeiro concurso literário. Posteriormente, ao estudar o idioma francês, disputei concurso de contos (1995) em língua francesa, obtendo a primeira colocação. Penso que para aprender novos idiomas é muito importante o domínio vernacular da língua materna. Assim foi meu início do meio literário.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "100% Alencarina". Poderia comentar?

Ana Paula: Trata-se de “e livro” poético edificante. Foi publicado com total autonomia editorial. O discurso literário expressa mote para pensar o pensar. O que o leitor ganhará? - Reflexão filosófica. Pensar criticamente ainda é possível?

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Ana Paula: “100% Alencarina” é fruto da literatura erudita a serviço da liberdade. Comecei a escrever a obra em 2019. Concluí o processo criativo no início de 2021,

quando publiquei. Eu mesma obtive o registro ISBN. A escrita homenageia diversos escritores brasileiros, a exemplo de Rachel de Queiroz.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Ana Paula: Considero que o poema (em versos livres) FLOR DO MARMELEIRO se destaca na obra. Ei-lo:

Patativa já cantara
 O Ceará-Saara...
 Os verdes mares do jangadeiro
 O cabra da peste, herói do sertão, o vaqueiro
 Ceará das folhas maduras do marmeleiro
 (E também do mar)
 Ceará de Rachel de Queiroz a retratar
 O inumano, o atroz
 O Quinze denuncia a fome algoz
 Ceará de Quintino Cunha
 Grande jurista, comediante brilhante, pleno em alcunha
 Terra de Belchior,
 De noites, galos e quintais – canção maior
 Filho de Sobral, letrista singular,
 Agora no céu a emular
 A misericórdia de Deus.
 À Via Láctea, aplausos e adeus!
 (A dialogar com Bilac sobre estrela)
 Pois só o olho do amor permite vê-la...
 De Sobral a Maranguape,
 Chico Anysio, humorista sem *backup*
 Mais um filho no céu está
 A anjos alegrar!
 De Viçosa do Ceará, ao Brasil:
 Clóvis Beviláqua – patrono do ab-rogado Código Civil
 Magistrado, jornalista, professor, historiador e crítico
 Por 80 anos, valeu o nobre trabalho jurídico
 Outro jurista de destaque, eis José de Alencar
 (Do romance Iracema)
 Iracema – romance e poema
 Esperança com Moacir – fruto de Iracema e Martim
 Do sofrimento, ao poder do sim.
 José de Alencar, aclamado por Machado de Assis
 Ceará, de tantos filhos e filhas, és a gêneseis...
 Terra de Bezerra de Menezes,

De Jaguaretama ao Rio de Janeiro, não pensou duas vezes
Ao doar anel de médico em favor de causas nobres
Ser de luz, médico dos pobres!
O cearense resiste, dificilmente desiste
Pense em brasilidade que insiste...
Solo sagrado da divina cajuína
Sua cor é genuína
Oscila entre o bronze e o dourado
Bebida de sabor “incorporado”
Ceará, terra do Cego Aderaldo, mito cantador
Sonho em verso arrebatador
Talento lendário para o canto de improviso
Aderaldo Ferreira de Araújo, filho do Crato divino
(Trovador reconhecido por Gonzagão)
Cantou seus versos com o coração
Inculto poeta do imaginário
Da poesia, de fato, operário.
“Macho véeeeei”... Quanta riqueza tem meu Ceará!

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Ana Paula: No canal ENGENHO DE LETRAS DEVAGAR E SEMPRE há *playlists* sobre filosofia e literatura, poemas recitados, língua portuguesa e poemas musicados. Para adquirir o “e livro” é super simples: é só ir ao canal e clicar no ícone da Hotmart. Qualquer dúvida, só contatar: apogdevagaresempre@gmail.com

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Ana Paula: Sim. Para 2022, já se encontra em fase de revisão novo “e livro” poético!!!
Aguardem!!! Em breve, novidades!!!

Perguntas rápidas:

Um livro: MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE ‘BRÁS CUBAS.

Um (a) autor (a): MACHADO DE ASSIS.

Um ator ou atriz: AUDREY TAUTOU

Um filme: 2001 – UMA ODISSEIA NO ESPAÇO

Um dia especial: O NASCIMENTO DA MINHA FILHA

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Ana Paula:

Com sinceridade no coração
Limpeza d'alma e nas mãos
Tal qual porta, viverei!



Para adquirir o e-book, acesse: <https://www.hotmart.com/product/100-alencarina/S53638979N>

ENTREVISTA COM O ESCRITOR

EDSON CORRÊA

POR ADEMIR PASCALE



Edson Corrêa, nasceu no dia 04 de outubro de 1962, na cidade de Votorantim, interior do Estado de São Paulo. Profissionalmente se especializou como Técnico Mecânico, inicialmente na manufatura e após, na área administrativa. Estudou Teologia pela Arquidiocese de Sorocaba e já com seus 50 anos se formou como Gestor Público pela Faculdade Anhanguera. Na década de 1980, escreveu diversas peças de teatro, atuando e dirigindo. Participou de festivais em Sorocaba, sendo premiado nas três áreas: obra, direção e atuação. Em 2016, se formou radialista participando como entrevistador do Programa da Rádio Nova Tropical FM – Comunidade em Destaque.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Edson Corrêa: Desde a adolescência me diferenciava de muitos amigos, porque gostava de ler. Gosto de conhecer a vida de pessoas famosas, como exemplo, li aos 15 anos a biografia do pugilista norte americano Cassius Clay (Muhammad Ali), o livro tinha em torno de 500 páginas. Gostava muito das histórias de Agatha Christie, etc...

Conexão Literatura: Você é autor do livro "CoPoPe – Contos, Poemas e Pensamentos". Poderia comentar?

Edson Corrêa: Sim. Em fevereiro de 2019 resolvi, sem data pré-determinada para concluí-lo, escrever um livro de contos e poesias. Por quê? Com 59 anos já vivi algumas aventuras, ouvi muitas histórias e poderia colocar no papel. Iniciei em fevereiro com um poema, o primeiro do livro, intitulado: “Meu desejo”. Em 2020 com a pandemia, me dediquei totalmente, porque era o que tinha para fazer, já que estávamos proibidos de sair e não havia para onde ir.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Edson Corrêa: Minhas pesquisas se resumem na interpretação da minha vida. Cada dia que levantamos de nossa cama iniciamos uma nova história, podendo trazer alegria,

tristeza, motivação, etc. Para conclusão do trabalho levei em torno de 26 meses, e quando apresentei à editora, fui aconselhado a dividi-lo, pelo motivo de ser a primeira obra e comercialmente seria inapropriado o lançamento de um livro com um custo elevado. Com isso, tenho material para lançar meu segundo livro, pois, alguns feedbacks são positivos. Mas isso não interrompeu meu trabalho, continuo escrevendo para poder dar continuidade e conquistar mais leitores.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Edson Corrêa: Entre muitos, gosto de um conto em que Beatriz, uma mulher casada recentemente tem que tomar uma posição para não ficar submissa ao seu esposo. Sem discussão, mas, tomando uma decisão certa ela consegue reverter a seu favor o que a prejudicava. Criei esse conto interpretando um fato real.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Edson Corrêa: Abaixo coloco os links onde poderão adquirir o livro. Acredito que na cidade de Votorantim, sou bem conhecido, por ter sido âncora num programa de entrevista de uma rádio da cidade, meu envolvimento com a comunidade religiosa e na juventude participar na elaboração e atuação de peças teatrais.

Links de venda do livro nos sites:

AMAZON: https://www.amazon.com.br/dp/6587132723?ref=myi_title_dp

AMERICANAS.COM:

<https://www.americanas.com.br/produto/4032522225?sellerId=25403659000110>

SUBMARINO:

<https://www.submarino.com.br/produto/4032522225?sellerId=25403659000110>

SHOPTIME:

<https://www.shoptime.com.br/produto/4032522225?sellerId=25403659000110>

ESTANTE VIRTUAL: https://www.estantevirtual.com.br/bok2livros/edson-correa-copope-contos-poemas-e-pensamentos-2968113060?show_suggestion=0

MERCADO LIVRE: https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-2039525713-livros-copope-contos-poemas-e-pensamentos-_JM

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Edson Corrêa: Estou corrigindo um novo material para composição do segundo livro CoPoPe – Contos, Poemas e Pensamentos a ser lançado em julho de 2022. Iniciei, concomitantemente, um romance, sem data para lançá-lo.

Perguntas rápidas:

Um livro: Cem dias entre céu e mar – Amyr Klink

Um (a) autor (a): Augusto Cury

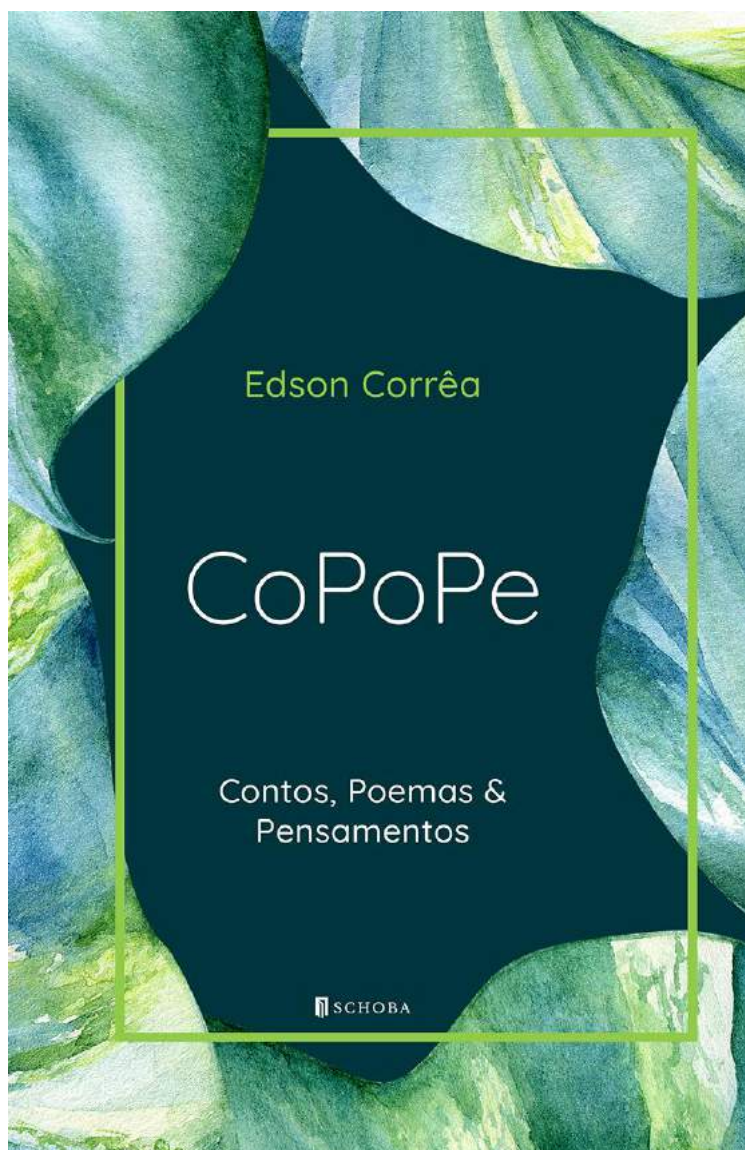
Um ator ou atriz: Lima Duarte

Um filme: Nasce uma estrela (1976) com Barbra Streisand; Kris Kristofferson

Um dia especial: O nascimento de meus dois filhos

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Edson Corrêa: Quero agradecer ao trabalho desta Revista, Conexão Literatura, a importância que tem, dando-nos oportunidade de podermos nos apresentar e instigar leitores(as) para conhecer nossa obra.



ENTREVISTA COM O ESCRITOR

ERCILO DIAS

POR ADEMIR PASCALE



Ercilo Dias, pseudônimo de Marcio Ercilo, nasceu em Niterói no ano de 1971. Formado em Desenho Industrial pela Uerj e pós graduação na Cândido Mendes, teve o despertar pela escrita ainda jovem. Ávido leitor, desde literatura nacional até livros técnicos, tem especial predileção pela Filosofia. Inspirado em muitos personagens de revistas em quadrinhos e seriados de TV, ele e seus irmãos faziam seus próprios personagens e histórias quando muito jovens, até que a ideia de trazer para a literatura de ficção estes personagens foi concretizada na elaboração deste livro. Atualmente é funcionário público do Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Ercilo Dias: Bom, como todo escritor – acredito, eu – foi lendo muitos livros. Conheci autores de livros universitários, a maioria professores, que ao verem meus escritos incentivaram muito. Isso me encorajou bastante e sempre tive um projeto de tornar em livro personagens que eu e meus irmãos criamos em nossa época infanto-juvenil. Não é fácil lançar um livro neste país sendo um desconhecido – as editoras só querem apostar nos famosos por causa do lucro – e então decidi lançar minha obra de modo totalmente independente.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Adeus, fome!". Poderia comentar?

Ercilo Dias: O título se refere a uma lanchonete – é o nome dela – e seus personagens vivem as mais diversas aventuras no dia a dia. Na realidade, estes personagens e as histórias são um pano de fundo, uma metáfora para abordar as mais diferentes questões: a exploração das massas por religiosos gananciosos na famigerada “teologia da prosperidade”, a corrupção na política e nas forças armadas, a Guerra Fria, o imperialismo estadunidense, a boa música... como se vê, assunto é o que não falta. E, claro, o livro se passa nos incríveis anos 80: quem viveu aquele tempo vai revivê-lo, quem não viu, vai ter o prazer de estar lá nas páginas deste livro!

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Ercilo Dias: É até um pouco estranho falar disso, porque é algo interessante. Eu sou do tipo que a inspiração vem do nada, vejo uma notícia, um filme, um desenho animado e a inspiração surge daí. Pego um papel e faço um resumo da história que desenvolvo desta inspiração. Então começo a escrever e mais idéias surgem, mas tenho que ordená-las, colocá-las dentro do contexto geral da obra, para que não fique totalmente desconectada do mundo dos personagens. Claro, muitos livros ajudam a me inspirar também.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Ercilo Dias: “Foi então que eles tiveram certeza que existe um mundo maravilhoso subjacente ao nosso, onde a beleza e harmonia reinam para sempre. E que pode ser acessado por belas canções.” (Episódio 12, pp 88)

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Ercilo Dias: Haverá o lançamento deste livro no dia 17 de dezembro na livraria Blooks na Reserva Cultural no Gragoatá, em Niterói – RJ. Mas eu deixei um email para pedidos: livroadeusfome@gmail.com Em breve estará no instagram e facebook.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Ercilo Dias: Apesar de todas as dificuldades, não desanimar. Escreva para revistas, sites, tente fazer seu projeto o mais conhecido possível... e claro, faça seu lançamento de modo independente – não se iluda com as grandes editoras. Elas só vão te procurar quando você for conhecido e vender muito. E não esqueça das redes sociais e sites de divulgação – afinal você ainda não é conhecido e estes meios são a tábua de salvação.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Ercilo Dias: Sim. Pretendo lançar o volume 2 e o 3 desta obra, a continuação dos personagens e das suas aventuras até o apocalipse final... onde as respostas para muitos mistérios que envolvem até mesmo a origem da humanidade estarão nestes livros.

Perguntas rápidas:

Um livro: “O mundo de Sofia”. O melhor livro de todos os tempos.

Um ator ou atriz: Charles Chaplin... nem precisa dizer que era um gênio.

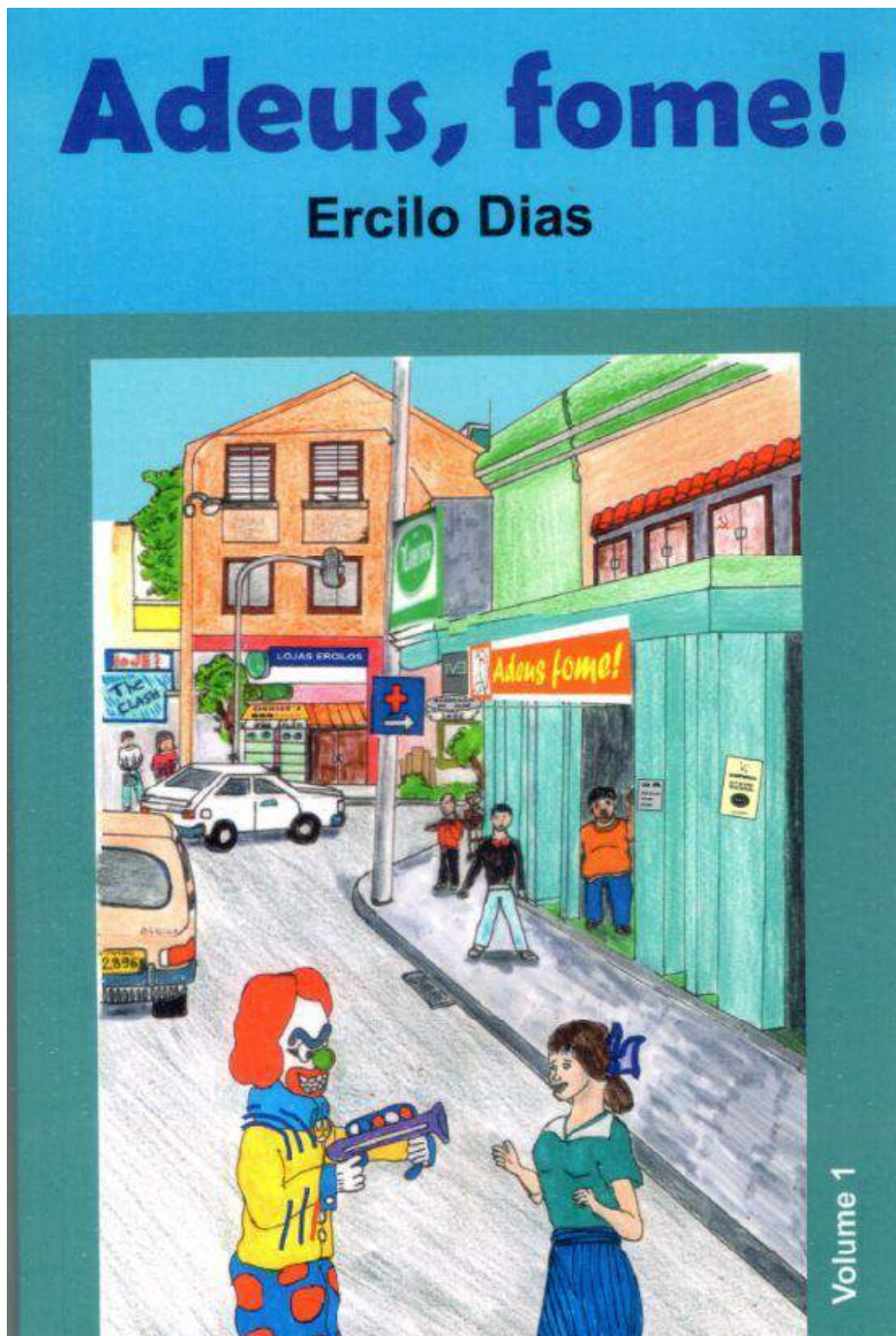
Um filme: “Terra em transe” de Glauber Rocha.

Um hobby: construir objetos de madeira ou plástico.

Um dia especial: o dia que minha filha nasceu.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Ercilo Dias: Desejo que os brasileiros leiam mais, busquem respostas para os problemas de nossa sociedade em livros e que desenvolvam crítica, não aceitem tudo de forma dogmática. Questionem, duvidem, pensem em cooperar e não em competir. Que a empatia seja a moda e não a indiferença. Acumular riquezas não deve ser o objetivo de nossas vidas, penso eu, mas sim acumular conhecimento de modo a sermos seres humanos melhores.



PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

TEMPO DE AMAR

CONTOS E POEMAS DE AMIZADE E AMOR

VOLUME IV

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

**LEIA OS EDITAIS
CLIQUE AQUI**

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

ENTREVISTA COM O ESCRITOR FRANCISCO JOSÉ BALDIM

POR ADEMIR PASCALE



Sou agente de correios. Formado em Gestão comercial. Trabalho desde a idade de 12 anos. Fui aprendiz de mecânico, auxiliar de loja de peças automotivas, trabalhei na extinta Minas Caixa, onde comecei meu gosto pela literatura. Com a extinção da referida instituição financeira, fui absorvido pela Secretaria de Educação e trabalhei nas escolas estaduais locais. Por incentivo comecei a praticar artes marciais, hoje, faixa preta karatê shotokan, terceiro dan. Passei pela Emater-MG. Casado, tenho uma filha.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Francisco José Baldim: Enquanto trabalhava na extinta MinasCaixa. Nos momentos de folga rascunhava umas ideias que foram amadurecendo com o tempo.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Poesias – Ainda há tempo". Poderia comentar?

Francisco José Baldim: A ideia saiu do papel e com a ajuda de algumas professoras consegui fazer a correção ortográfica necessária e minha filha Ivanna, que estuda arquitetura fez a capa do livro.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Francisco José Baldim: Demorei uns três anos para chegar no ponto exato necessário. Pesquisei pela Internet um jeito mais fácil de publicar o meu sonho. Consegui com o Clube dos Autores a melhor forma e assim nasceu meu primeiro livro.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Francisco José Baldim: Todas as poesias são especiais. Extraio então a poesia: “Ainda há tempo”, que deu nome ao livro.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Francisco José Baldim: Pode ser adquirido direto no site do Clube dos Autores, na Amazon, Mercado Livre, Estante Virtual. Tem a versão impressa ou Ebook. Se quiser autografado entre em contato pelo tel.: 991393629 (whatsapp). E-mail: franciscojosebaldim@yahoo.com.br

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Francisco José Baldim: Pergunta interessante. Tenho mais três livros prontos. Falta somente a correção ortográfica. Até dezembro/2021 pretendo lançar mais dois.

Perguntas rápidas:

Um livro: A última música

Um (a) autor (a): Nicholas Sparks

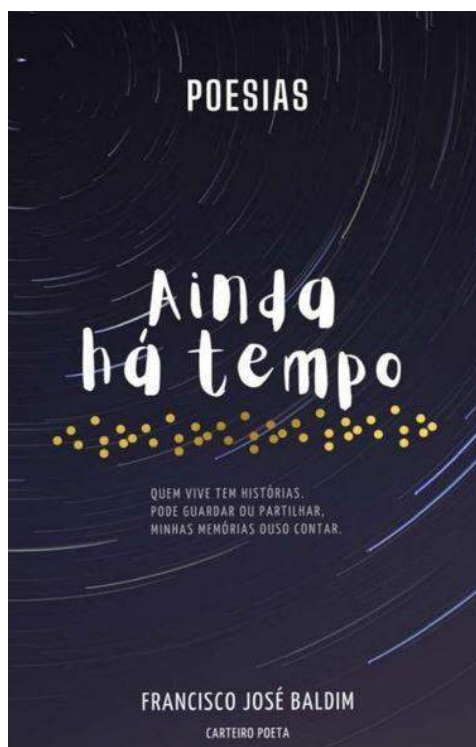
Um ator ou atriz: Chico Anísio

Um filme: O menino da porteira.

Um dia especial: Quando meu livro foi publicado. Foi excelente.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Francisco José Baldim: Digo que quem vive tem histórias. Pode guardar ou partilhar. Minhas histórias ouso contar.



ENTREVISTA COM A ESCRITORA GEORGINA CÉLIA MAKSOUND POR ADEMIR PASCALE



Georgina Célia Maksoud nasceu no início dos anos 50 no Guarujá, onde cresceu acalentando o sonho de ser livre para escolher o próprio destino. Filha de um pai machista e opressor, ela foi impedida de estudar assim que concluiu o ensino fundamental. Trocou os lápis e cadernos por panos de chão e detergente, pois apreender o serviço doméstico era fundamental para se “conseguir um bom casamento”.

Mas havia um lugar onde Georgina era livre: nos seus pensamentos. Era lá, nas fantasias juvenis, que a menina se refugiava da rotina hostil que vivia. Até que, inconformada com a vida sem graça e sem cor reservada às mulheres da época, aos 13 anos ela se formou como manicure e passou a ganhar o próprio dinheiro com seu trabalho. Assim foi dado o primeiro passo para a sua tão sonhada liberdade.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Esse é o meu primeiro livro, escrevi com uma “passagem” de volta ao passado. Em primeira pessoa, relatei casos curiosos, viagens inusitadas, como a viagem que fiz para a União Soviética com Henry Maksoud, os encontros e desencontros da infância, adolescência e vida adulta. Neste livro sou filha, mãe e mulher. Descrevo os momentos memoráveis da vida! O leitor vai ler a minha história, vida real de uma mulher apaixonada por um dos maiores empresários que o Brasil já teve. É uma vida feita de bordas e escolhas difíceis, dores e frustrações, amores e felicidades. O grande hotel Maksoud Plaza, ícone da cidade de São Paulo, é cenário de parte da minha história!

Conexão Literatura: Como foi escrever um livro sobre as suas histórias?

Por se tratar da minha vida, do passado, do tempo, é sempre difícil voltar, lembrar e reconstruir cenas, sentimentos, cheiros e emoções. Como diz Mário Lago “Eu fiz um acordo com o tempo”.

Eu fiz um acordo com o tempo...

Nem ele me persegue, nem eu fujo dele...

Qualquer dia a gente se encontra e,

Dessa forma, vou vivendo

Intensamente cada momento...

Mario Lago

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Ainda na adolescência, conheceu o primeiro marido, de quem foi vítima de violência e ameaças de morte que a obrigaram a fugir para São Paulo quando o casamento acabou. Foi na “terra da garoa” que a oportunidade de trabalhar como manicure na Hidroservice, uma grande empresa de engenharia, trouxe ares de conto de fadas à história de Georgina. A paixão avassaladora que viveu com Henry Maksoud em 1980, com direito a show privativo de Frank Sinatra no hotel mais luxuoso da capital paulista e viagens pelo mundo, compõe os capítulos escritos ao longo de 30 anos de uma "love history" da vida real que parece ter sido retirada de um roteiro de cinema.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Na livraria AsaBeça, da Editora Scortecci, no telefone da livraria (11) 95520-3535, no meu email georginamaksoud@outlook.com e nos links abaixo da livraria.

https://www.asabeca.com.br/detalhes.php?prod=9423&friurl=_-SEM-MEDO-DE-VIVER--Georgina-Celia-Maksoud-_-&kb=1110

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Seja persistente, não desista de seus sonhos, realize! Como sempre me dizia Henry: "Nenhum ser humano nasce igual a outro. Cada ser que nasce é uma aventura biológica, um risco que a vida assume, um PIONEIRO".

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Sim, quero trabalhar em um livro de receitas e histórias. Eu aprendi uma enormidade de receitas árabes e libanesas. Viajei o mundo inteiro descobrindo cores e sabores. Seria interessante compartilhar com as pessoas esses cheiros, gestos e sabores que vi e vivi.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Pequeno Príncipe.

Um ator ou atriz: Richard Gere

Um filme: Uma linda Mulher

Um hobby: séries, de várias nacionalidades e dirigir

Um dia especial: Todos os dias.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Dedico este livro a todas as mulheres que como eu, lutam em diversas frentes para serem ouvidas

Muito obrigado



ENTREVISTA COM A ESCRITORA LOUYSE JOSEFA POR ADEMIR PASCALE



Louyse Josefa nasceu no Rio de Janeiro. Desde criança sempre gostou de escrever histórias e poemas. Conhecida por seus amigos como uma eterna sonhadora e uma romântica incurável, realizou o seu sonho em maio de 2021. Hoje é professora de Inglês com uma paixão por Literatura, uma escritora com uma imaginação fértil e uma poeta de coração partido. Deseja espalhar o amor com seus poemas e livros.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Louyse Josefa: Desde pequena sempre gostei de ler. Comecei a escrever minhas histórias aos 8 anos e arrisquei na criação de uns poemas. Influenciada pela minha mãe, mergulhei na literatura com as obras de Sidney Sheldon. Quando terminei "A Ira dos Anjos" percebi que o meu sonho de criança ainda estava vivo dentro de mim. Escrevi um livro na adolescência, mas não deu certo. Anos depois, aos 29 anos, minha inspiração entrou na minha vida e o sonho de menina foi realizado. Aos 30 anos 'O amor de Olímpia' foi o meu primeiro livro publicado. Apesar do tempo, acredito que tudo acontece no momento certo. Além dele, tenho uma participação em uma antologia poética e outros projetos para 2022.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "O amor de Olímpia". Poderia comentar?

Louyse Josefa: O livro é inspirado (parcialmente) na minha história de amor. Sempre sonhei em viver um amor especial e marcante como é apresentado nos filmes. O que é raro hoje em dia. Mas quando o meu momento chegou, o meu amor não foi correspondido. Então nasceu a ideia de escrever um livro baseado em um sentimento verdadeiro.

O amor de Olímpia conta a história de duas pessoas totalmente distintas e especiais, que estão machucadas porque o passado amoroso de cada um não foi dos melhores. Olímpia é forte, carinhosa e declara seu amor através de poemas. Paulo Henrique é tímido, inseguro e cavalheiro. Um romance forte, que tenta sobreviver ao tempo e as diferenças.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Louyse Josefa: A minha inspiração retornou quando conheci o Paulo Henrique. Sim, o personagem tem o mesmo nome para manter a beleza e rima dos poemas. O primeiro poema, 'Você', foi escrito no final de 2019, quando o vi pela primeira vez. Criei muitos poemas apaixonados, e quando ele partiu o meu coração por não corresponder o meu amor, nasceu mais de 100 poemas. O livro foi escrito totalmente em cima dessa experiência. Demorei 5 meses para escrever esses poemas e o enredo.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Louyse Josefa: Versos do poema "A DOR DO AMOR", capítulo 8, página 92.

"Dói saber que você brincou comigo com o desejo de ser só um amigo

[...]

Você não imagina a minha dor porque eu nunca fui amor dentro de você

[...]

Dói saber que nesse tempo você me prendeu, mas nunca se envolveu."

Adoro todos os meus poemas. Mas esse poema na íntegra é muito forte e marcante, escrevi depois de ter o coração partido, então as lágrimas me acompanharam nesta criação.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Louyse Josefa: Basta acessar meu Instagram: <https://www.instagram.com/louysejosefa/>

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Louyse Josefa: Sim. Para 2022, o lançamento do livro "Os poemas de Olímpia", que traz os poemas feitos depois da publicação do primeiro livro. É uma coletânea intensa e repleta de poemas apaixonados de um coração partido, e outros projetos também.

Perguntas rápidas:

Um livro: A Ira dos Anjos.

Um (a) autor (a): Sidney Sheldon.

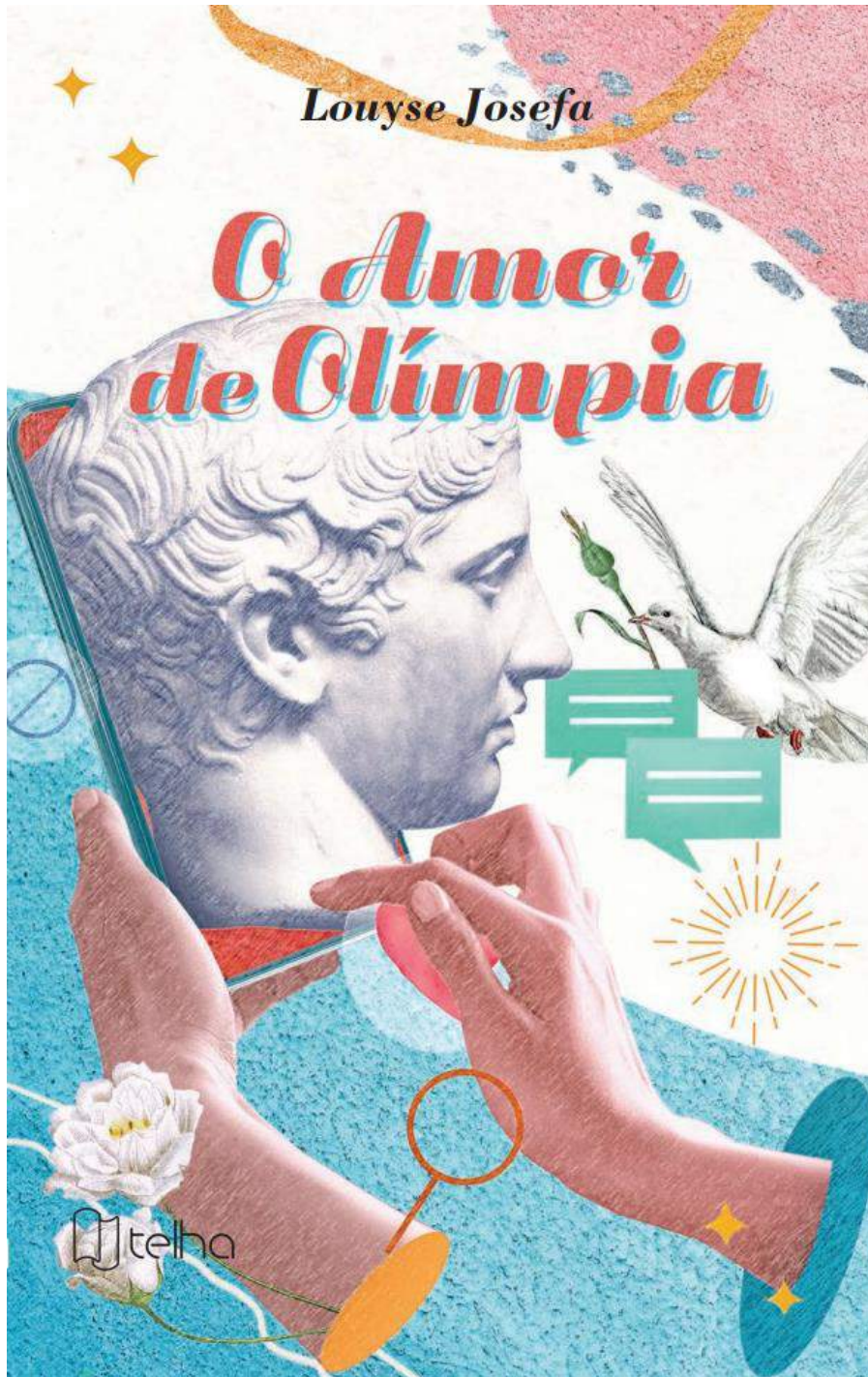
Um ator ou atriz: Tom Bateman.

Um filme: Ghost – Do Outro Lado da Vida.

Um dia especial: O show dos Scorpions.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Louyse Josefa: O amor verdadeiro existe, embora seja difícil de encontrar, um dia eu encontrei. Tudo acontece na hora certa, no tempo certo. Não deixe de acreditar no amor só porque alguém não corresponde o seu. Foca na dor, viva o “luto romântico” e dê um tempo para o seu coração. Escreva, produza, viva outras coisas, mas nunca faça morada no coração de alguém se outro alguém ainda vive no seu.



ENTREVISTA COM A ESCRITORA LUCIELLEN DE CARVALHO

POR ADEMIR PASCALE



Luciellen de Carvalho, professora de alfabetização há 15 anos, reside em Guarulhos/SP cidade onde nasceu, se formou e leciona, mãe de Melissa e Miguel, dedicada à ensinar de forma lúdica, integral e interdisciplinar, formada em pedagogia, neuropsicopedagogia e neurociências, adora ler e escrever, apaixonada por criar novas histórias para seus alunos aprenderem e se divertirem, protagonista de diversos projetos reconhecidos em sua unidade escolar, desenvolveu uma série de livros infantis com viés pedagógico que leva a criança por meio da narrativa aprender diversos conteúdos, saberes e curiosidades. Lançou seu primeiro livro dia 07/11/2021 na Livraria Martins Fontes Paulista em SP, com sucesso, livro com críticas favoráveis, vendeu 300 unidades na pré campanha de lançamento.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Luciellen de Carvalho: Sou professora e em plena pandemia decidi enviar os textos de alguns livros para algumas editoras, incentivado pela família e por amigos, tive algumas respostas favoráveis e decidi iniciar o projeto do primeiro livro com uma editora independente ALL Print, pela maneira como ela me auxiliou nas escolhas para o livro, tive liberdade em todo o processo de escolha desde a ilustração ao material, o que me deixou segura e confiante no projeto, as ilustrações foram feitas com minha total participação e o resultado ficou como eu sonhava, o lançamento foi feito em duas grandes livrarias de São Paulo, a livraria da Vila no shopping Maia em Guarulhos e Martins Fontes da Paulista em São Paulo, até o momento está sendo um sucesso de vendas a aceitação pelo público infantil.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Aventuras no jardim - Descobrimos números e bichinhos". Poderia comentar?

Luciellen de Carvalho: O livro nasceu do projeto que desenvolvi em 2017 na EPG Manoel Rezende da Silva "Animais de Jardim", que desdobrei em diversos momentos, conhecimentos e eixos temáticos, para finalizar o projeto escrevi com os alunos o

primeiro rascunho do livro, confeccionamos um livrão feito de cartolina. Em 2020 ao olhar meus arquivos, decidi colocar em prática, revisei o texto, teçi uma narrativa mais fluente, coloquei fundamentos de neurociência e cognição para as crianças aprenderem, então nasceu o livro *Aventuras no jardim*. Cada página foi pensada e escrita com muito carinho para as crianças interagir e aprender se divertindo e compreendendo a história.

O livro conta a história de uma abelhinha coletora que vai conhecer o jardim pela primeira vez além da sua colmeia, ela é curiosa e sapeca, está ansiosa para conhecer novos amigos que habitam o jardim, descobrindo diferentes personagens e suas especificidades, dentro dessa narrativa o leitor aprende sequência numérica, o nome dos números em destaque e a grafia numérica, juntando literatura com alfabetização matemática.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Luciellen de Carvalho: Os rascunhos do livro nasceu em 2017, mas a criação do livro e pesquisa dos animais que seriam abordados durou em média um ano, os estudos que permearam a escrita e compreensão de tudo que o integra durou muitos anos de pesquisa nas inúmeras formações acadêmicas que obtive durante a vida, o livro é uma junção da liberdade poética e as concepções pedagógicas.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Luciellen de Carvalho: É difícil nomear a parte que eu acho especial, sou suspeita, para mim o livro inteiro é de uma aventura muito especial que abre diversas possibilidades a ser trabalhadas, interiorizadas e aprofundadas, mas vou destacar uma parte que gosto muito, “SENTIU EM SEU CORAÇÃO COMO O TRABALHO DE CADA BICHINHO DO JARDIM ERA IMPORTANTE E CONTRIBUÍA PARA UM JARDIM LINDO. FICOU FELIZ POR FAZER PARTE DESTE FANTÁSTICO MUNDO, ONDE TODOS TÊM UM LUGAR IMPORTANTE”.

É uma das partes em que a criança pode compreender SEU lugar no mundo e o quanto é importante o seu papel como cidadão.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Luciellen de Carvalho: para adquirir o livro tenho o Site: www.luciellendecarvalho.com.br, e nas principais livrarias.

Meu Instagram @luciellendecarvalho

Canal no youtube Luciellen de Carvalho

Realizo palestras, contação de histórias e ultimamente estou com um projeto embrionário do canal no youtube.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Luciellen de Carvalho: Tenho mais 5 livros já em fase de pré edição que serão lançados pelos menos um a cada ano, Apresentação nas escolas com contação de história teatral e o projeto animais de Jardim, realizo palestras e cursos também.

Perguntas rápidas:

Um livro: Harry Potter

Um (a) autor (a): Rubem Alves

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

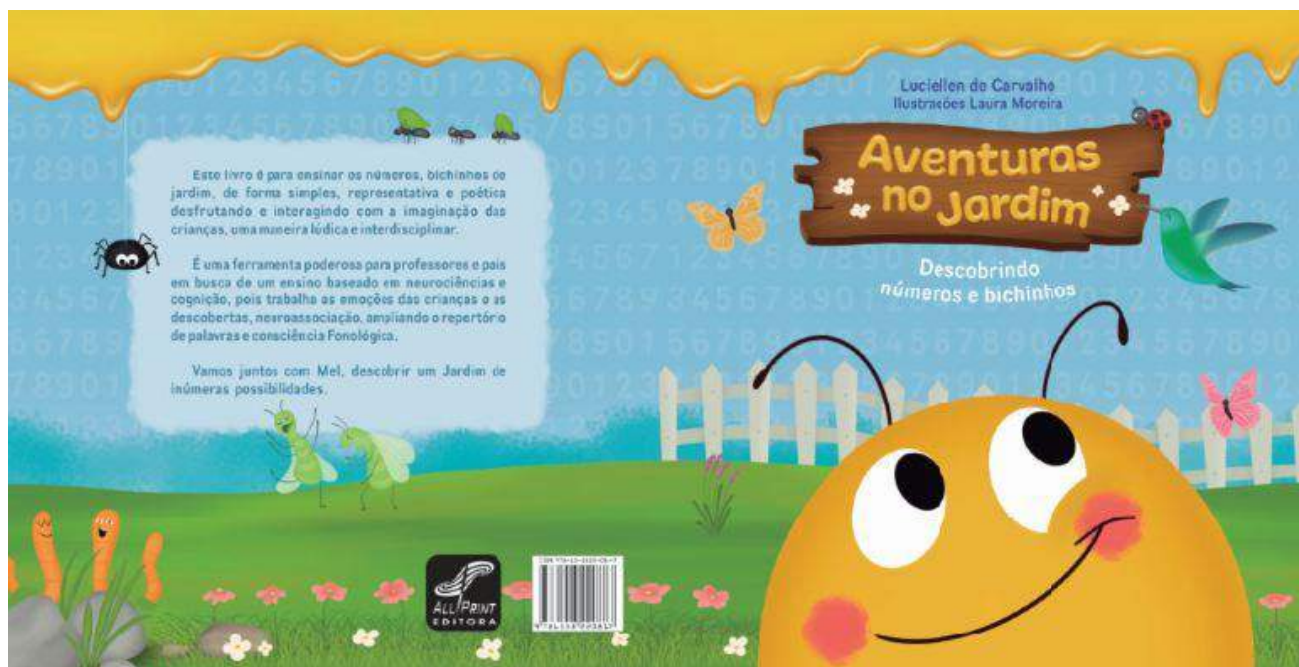
Um filme: Como estrelas na terra, toda criança é especial

Um dia especial: Nascimento dos meus filhos.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Luciellen de Carvalho: Para formar grandes cidadãos, é necessário começar com uma geração de pequenos leitores que amem ler, imaginar e criar.

Agradeço pela oportunidade de apresentar meu trabalho que foi feito com muito carinho e dedicação.



ENTREVISTA COM O ESCRITOR

LUIS BOTO

POR ADEMIR PASCALE



Luis Boto nasceu em 1975, é de Sobral, zona norte do Ceará, a 220km de Fortaleza. Formado em Ciências Contábeis pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. É Servidor Público Federal desde 2003, casado e pai de quatro filhos.

Amante das artes literárias desde sua infância, concluiu sua primeira obra literária em 2012, o romance sertanejo "Terra sem Lei", publicado pela Ed. Dracaena.

Agora nos presenteia com o romance infantojuvenil "Um Conto de Natal em Gramado", uma fantástica aventura cheia de magia e recheada de personagens do mundo mágico do Natal.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Luis Boto: Desde criança sou apaixonado por histórias de ficção, fantasia e tudo mais, seja através de livros ou em gibis. Aos poucos fui descobrindo que, além de ler as histórias, eu gostava também de criar e contar histórias. Inicialmente tentei criar através de quadrinhos, uma vez que sempre levei jeito para desenho, mas logo percebi que o processo de desenhar quadrinho tornava o ato de "contar história" muito demorado. Foi aí que percebi que "escrever" a história era muito mais rápido e produtivo. Não tive dúvidas: comecei a criar diversas histórias através de manuscritos, os quais muitos se perderam com o tempo. Somente em 2011 consegui finalmente concluir minha primeira obra literária, o romance sertanejo "Terra sem Lei", de 373 páginas, publicado em 2012. O romance infantojuvenil "Um Conto de Natal em Gramado" é minha segunda obra publicada, desta vez pela Editora Luazul, em 2019.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Um conto de Natal em Gramado" (romance infantojuvenil com tema natalino). Poderia comentar?

Luis Boto: Depois do romance sertanejo "Terra sem Lei", resolvi enveredar pelo mundo da fantasia e da magia, afinal a literatura fantástica era algo que eu queria escrever há muito tempo, já que é neste tipo de história que se pode deixar fluir toda a sua imaginação e, de certa forma, voltar a ser criança. E não poderia haver um tema melhor

para escrever sobre isso do que uma aventura infantil dentro do mundo mágico do Natal, sem falar que a história se passa na maravilhosa cidade de Gramado durante o seu famoso e tradicional festival do “Natal Luz”.

Estive com minha família no “Natal Luz” de Gramado em 2012, o que serviu de inspiração para contar essa história fantástica, mas que somente agora consegui colocá-la no papel, e posso dizer que valeu muito a pena escrever cada capítulo, assim como valerá muito a pena ler cada página, uma vez que a história realmente mergulha fundo no mundo do Natal e no clima mágico que essa festa proporciona todos os anos, trazendo uma linda e emocionante mensagem natalina a todos os povos.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Luis Boto: Inicialmente posso dizer que possuo diversas fontes de inspiração para escrever minhas histórias. Para “Terra sem Lei”, por exemplo, me inspirei em autores de romances regionais, como José Lins do Rêgo, Domingos Olímpio e Rachel de Queiroz. Quando escrevi “Um Conto de Natal em Gramado”, tive como inspiração nomes da literatura fantástica, como J. R. R. Tolken e Charles Dickens.

O meu processo de criação consiste em, inicialmente, fazer um esboço completo da obra, do início ao fim, então somente depois dou início ao processo de escrita de cada capítulo. Não sou adepto da metodologia de ir criando a medida que escrevo. Gosto de ter todo o esquema da trama pronto para só então poder escrever o texto em si. É claro que nem sempre a história se desenvolve ou termina do jeito que eu planejei no início, mas essa forma de criação me mantém sempre nos trilhos da trama central da história.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Luis Boto: Posso destacar inúmeros trechos especiais da história. A seguir, cito dois deles:

1 - Seu Sampaio revela os 3 símbolos de Natal que Aninha terá que encontrar.

...

– Primeiro uma “guirlanda”, símbolo da saúde, da sorte e também das boas vindas ao espírito natalino. Depois você deverá encontrar a “vela de Natal”, que simboliza a luz do menino Jesus que ilumina os caminhos da vida. E finalmente a “grande estrela de Natal”, o símbolo norteador do nascimento de Cristo. Esses símbolos estão em 3 lugares diferentes de nossa linda Gramado.

2 - Aninha conversa com o Espírito Natalino.

...

– Então o Natal realmente existe?

– Sim. – confirma ele rapidamente – Seja pela magia ou pela realidade, o Natal existe e sempre existirá. Seja na imaginação inocente das crianças ou na fantasia criada pelos adultos, o espírito do Natal sempre

estará presente influenciando as pessoas a amarem uns aos outros e a fazer o bem. Afinal, não foi assim que Jesus Cristo nos ensinou? Não é justamente o Natal a celebração do seu nascimento?

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Luis Boto: “Um Conto de Natal em Gramado” pode ser adquirido das seguintes formas:

- Na **Amazon**, pelo link https://www.amazon.com.br/Um-conto-Natal-em-Gramado-ebook/dp/B088WCR1CF/ref=sr_1_2?qid=1637625287&refinements=p_27%3ALuis+Boto&s=digital-text&sr=1-2&text=Luis+Boto
- Em Sobral/CE na **Livraria Pensar** (Sobral Shopping) e na **Distribuidora Max Livros** (Beco do Cotovelo).
- Exemplar autografado, diretamente com o Autor, através dos seguintes contatos:
 - e-mail: luismboto@hotmail.com
 - WhatsApp: (88)99970.7900

Demais contatos do Autor:

- Instagram - <https://www.instagram.com/luismboto/>
- Facebook - <https://www.facebook.com/luismboto/>

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Luis Boto: O mercado literário em nosso País, infelizmente, é muito seletivo e concorrido, onde vemos inúmeros autores estrangeiros fazerem sucesso enquanto os escritores nacionais raramente são reconhecidos. Diante dessa realidade, devo dizer a você escritor iniciante: nunca desista, escreva pelo prazer de escrever, não gaste seu talento e seu potencial literário com a preocupação de fazer fortuna com seus livros... apenas escreva, crie suas histórias e faça o possível para que o máximo de pessoas leiam o que você escreve. O sucesso financeiro é uma consequência que pode ou não se tornar realidade.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Luis Boto: Tenho mais dois grandes romances já concluídos, sendo que um deles, o suspense policial “O Código de Arianto”, foi publicado também pela Editora Luazul em 2020.

O outro projeto se trata de uma emocionante e violenta aventura urbana intitulada “A Ordem dos Condes”, voltada ao público adolescente, o qual ainda está aguardando o momento certo para publicar.

Perguntas rápidas:

Um livro: “Luzia Homem” – Domingos Olímpio

Um ator ou atriz: Antônio Fagundes e Adriana Stevez

Um filme: “Tropa de Elite”

Um hobby: Escrever

Um dia especial: O dia em que fui Pai pela primeira vez.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Luis Boto: Não poderia encerrar sem comentar mais um pouco sobre “Um Conto de Natal em Gramado”, um pequeno romance infantojuvenil que escrevi buscando mergulhar o mais fundo possível nesse ambiente mágico que permeia o mundo natalino. Não deixem de conhecer a encantadora história de uma menina de 10 anos que, pós ganhar um lindo guizo de Natal de um velho senhor, ela conhece um amiguinho de sua mesma idade que mais tarde se tornará seu guia durante uma emocionante aventura para encontrar três símbolos natalinos espalhados pela belíssima cidade de Gramado e cujo prêmio será ver pessoalmente o verdadeiro Espírito do Natal. Uma aventura fantástica cheia de magia e recheada de personagens do mundo mágico do Natal, como gnomos, duendes, elfos, renas e, como não poderia faltar, o próprio Papai Noel, trazendo uma linda e mensagem a todos.



ENTREVISTA COM O ESCRITOR PIERRE RICHARD GERISMA POR ADEMIR PASCALE



Pierre-Richard Gerisma, um diplomata de formação e escritor por instinto, oriundo da segunda maior ilha do Caribe, foi cativado pela diversidade cultural e pela beleza exuberante das florestas do Brasil, decidindo assim, fazer morada na histórica e inspiradora cidade de Olinda, em Pernambuco. O mesmo iniciou sua carreira em 2015 com a publicação do livro *Attente d'un Amoureux*, na XXI Livre En Folie, após isso, participou de 4 antologias brasileiras; em 2020 publicou a reedição do *Attente d'un Amoureux* em Paris, pela editora Edilivre; e, em 2021 lançou a tradução de seu livro com o título *O amor pelo qual me apaixonei*, no Brasil e em Portugal, pela Chiado Books.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Pierre Richard Gerisma: Iniciei no mundo literário ainda na época do ensino fundamental, devido a grande afinidade com disciplinas de literatura francesa, lexicologia, letras e filosofia. No ensino médio, comecei a escrever cartas e poemas para pessoas que admirava, e muitas vezes recitei alguns destes para meus amigos. Na universidade, comecei a escrever para os jornais *Le Matin* e *Le Nouvelliste*, o que me deu motivação para ir além e poder sonhar em escrever o meu primeiro livro.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "O Amor Pelo Qual Me Apaixonei". Poderia comentar?

Pierre Richard Gerisma: Conceber este livro foi uma coisa surreal, arrebatadora. Sinto-me como um pai que apresenta seu filho ao mundo e apenas apoia e observa-o crescer, ganhar forma e fazer sua própria história. Escrevi com minha alma, me deixei transbordar nestes versos e quem sabe, promover ao leitor um reencontro consigo mesmo e com suas próprias emoções.

Até os dias de hoje, me pego fascinado com a forma que *O amor pelo qual me apaixonei* toca as pessoas. Outro dia, alguém comparou a obra com a frase do Nietzsche "Em última análise, amam-se os nossos desejos, e não o objeto desses desejos." e acho que tem bastante disso

também, no livro, o objeto seria como a pessoa que me desperta essas emoções, já minha musa, seria os desejos aos quais realmente me fazem vivo.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Pierre Richard Gerisma: Às vezes, eu mesmo, busco tentar entender o meu processo de criação da escrita pelo fato que consigo escrever apenas sob a abundância das emoções que me movem. É um desafio muito grande, que, para acontecer, preciso de espaço, aventuras e inspirações. Dessa forma, costumo dizer que minhas inspirações vêm da musa que eu trago dentro de mim, e que manifesta-se como bem quer ao meu redor tanto na natureza selvagem, no belo da vida e no sorriso e olhar da mulher que se identifica nela.

No caso de *O amor pelo qual me apaixonei*, a inspiração veio desde cedo, na minha infância, quando fui condicionado a gostar de só uma alma que me roubou de mim enquanto eu era vulnerável e inocente. Eu fazia de tudo na minha ampla ignorância para me alinhar aos seus pensamentos, tentando procurá-la através de todas as mulheres com quem eu falava debaixo do sol. Porém, eu só andava no caminho da desilusão. Até que vinte anos depois, a natureza conspirou a meu favor e permitiu que eu encontrasse novamente essa pessoa com quem eu teria tanta afinidade, essa alma que vivia dentro de mim e me assombrava desde muito tempo.

O encontro inesperado com essa musa é algo que nunca imaginei que fosse possível. Então, ao paquera-lá devagarinho, recuperando o tempo perdido, surgiu a melhor coisa nessa jornada, aquilo que tanto eu busquei, o sentido da minha própria vida. Descobri que fiquei muito mais encantado pelo jeito que eu a amava e pela maneira que essa paixão me inspirava a alcançar coisas incríveis que eu não teria coragem de fazer naturalmente. Sobretudo, essa inspiração era como uma força motivadora que me empurrava para frente, me ensinava a ser eu mesmo, uma pessoa melhor para a sociedade.

Porém, as pessoas ao seu redor invejavam essa complexidade que crescia entre nós e começaram a levantar barreiras para que nos afastássemos um do outro. Ao invés de desistir, encontrei um caminho na escrita onde eu expressava de maneira sutil, não apenas o sentimento pela musa, mas também, reverter essa discriminação social do cotidiano em energias positivas.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Pierre Richard Gerisma: A vida, uma aventura que surpreende a todos. “Tudo acontece por um motivo, nada acontece por acaso ou por meio de boa sorte. A doença, a ferida, o amor, os momentos perdidos de verdadeira grandeza e de verdadeira estupidez, tudo acontece para testar os limites de nossa alma. Sem essas pequenas provações, a vida seria como uma estrada facilmente pavimentada, reta e plana, que não leva a lugar nenhum. Os sucessos e as ruínas que experimentamos podem ser criados por nós e as más

experiências podem nos servir de lição. Na verdade, elas são provavelmente uma das mais pungentes e importantes. E, às vezes, as coisas que acontecem conosco em um momento podem parecer horríveis, dolorosas e injustas, mas após reflexão percebemos que, sem superar esses obstáculos, não teríamos percebido nosso potencial e nossa força.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Pierre Richard Gerisma: O livro *O amor pelo qual me apaixonei*, está disponível tanto em formato físico como em E-book em todas as livrarias parceiras da Editora Chiado Books, como a Livraria Cultura, Amazon, livraria Atlântico etc... Para contatar-me, me encontro disponível através do Instagram @pierre_richard__ e @oamorpeloqualmeapaixonei, os quais atualizamos diariamente com posts sobre minhas obras e respondo eu mesmo a todas as mensagens.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Pierre Richard Gerisma: A escrita é um hobby para a maioria dos jovens escritores, que estão a iniciar nesse universo, no entanto, para outros é uma profissão séria como todas as outras. Dessa forma, é preciso dedicação, paixão e muita paciência para apurar sua ciência e seu modo de escrever. O talento não é suficiente se não o trabalha todos os dias, faz-se necessário a lapidação, para extrair dele o melhor resultado possível.

É importante também saber escolher uma boa editora para trabalhar em parceria e contar com o apoio de uma boa equipe de assessoria. No Brasil existem várias editoras sérias e comprometidas que recebem originais de autores iniciantes, basta vá a pesquisa e faça uma sábia escolha.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Pierre Richard Gerisma: Sim, venho me dedicando a um novo projeto, trabalhando duro dia e noite e pretendo publicá-lo em breve. Trata-se de uma antologia de contos, poesia e crônicas.

Perguntas rápidas:

Um livro: Pourquoi pas le bonheur? - Michèle Morgan

Um ator ou atriz: Tom Hanks

Um filme: Far And Away - 1992 (Um Sonho Distante)

Um hobby: Caminhar

Um dia especial: Hoje.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Pierre Richard Gerisma: Aproveito para expressar minha imensa gratidão à revista Conexão Literatura pela oportunidade de falar sobre mim e minha obra. Agradeço também a todas as pessoas que me apoiaram na realização e divulgação deste trabalho.

Espero poder continuar inspirando pessoas através da minha escrita.



ENTREVISTA COM O ESCRITOR ALDAIR RIBEIRO DOS SANTOS POR ADEMIR PASCALE



Sou graduado em Pedagogia, fui coordenador de Salas de Leitura, professor e coordenador pedagógico, ganhei o “Prêmio Professor Excelência do Estado de Roraima – 2008/2009”, sou especialista em Alfabetização, especialista em Gestão Escolar, tenho MBA em Gestão Pública e Gerência de Cidades. Tenho poesias, contos e crônicas premiadas e publicadas em diversas coletâneas nacionais; associado à Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial (ABPEE). Moro em Boa Vista - RR.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Aldair Ribeiro dos Santos: Tinha sonhos de publicar temas acadêmicos, poesias, contos e crônicas. As ideias fervilhavam, pois sou ávido leitor. Então, no início da pandemia dei início ao que vinha protelando há tempos: criei um blog, perfis em redes sociais e trabalhei no livro acadêmico, o qual é esse que hora relato. Pretendo publicar outros com poesias, contos e crônicas.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "A impossível tarefa de fazer gestão democrática na escola - E outras considerações impossíveis". Poderia comentar?

Aldair Ribeiro dos Santos: O livro propõe-se a ser um oásis de democracia. É uma obra que focaliza alguns dos principais desafios quase intransponíveis na escola pública, quais sejam: (1) as intrincadas relações de poder dentro da escola; (2) a questão paradigmática entre Administração e Gestão; (3) a questão da qualidade na educação escolar; (4) a importância da postura democrática da equipe dirigente na escola; (5) finalizando com uma pesquisa de campo em uma escola do município de Boa Vista-RR.

No decorrer da obra, sugerimos, implícita e explicitamente, posturas democráticas emancipatórias para a escola e todos os seus atores.

A obra defende que, a construção de uma escola pública democrática e de qualidade e transformadora, está estreitamente relacionada à participação ampla da gestão, dos professores, dos funcionários, dos alunos e da comunidade.

Com isso, esperamos contribuir para que a gestão democrática seja um elemento corriqueiro na escola pública. Parece uma tarefa impossível? Sim, mas os educadores são, desde sempre, especialistas em realizar o impossível.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Aldair Ribeiro dos Santos: Para este livro acadêmico o processo foi de muitas leituras técnicas e pesquisa de campo, além das minhas próprias experiências de educador. A grande dificuldade é extrair as ideias centrais de dezenas de textos e livros.

Quando ao processo criativo das minhas poesias, contos e crônicas, as inspirações vem das leituras dos clássicos, da vida cotidiana e dos filmes, desenhos, histórias, fábulas que vejo ou leio. Bateu uma ideia, já anoto no bloco de notas do celular. Minha meta é criar, no mínimo, um conto/poesia/crônica por semana e publicar em minhas rede. Depois reunir tudo em livros.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Aldair Ribeiro dos Santos: *“A escola sempre reproduz em escala menor as relações de poder da sociedade. Muitas vezes, na escola, a teoria é separada da prática, é fragmentada e estanque, então as frações do conhecimento tornam-se objeto de posse e barganhas de poder. O saber, portanto, é coisificado e utilizado para delimitar quem manda e quem obedece, quem está por cima e quem está por baixo, reproduzindo-se as relações autoritárias da sociedade.*

...essas relações de poder na escola são resultantes de chantagens recíprocas. No caso da relação professor-aluno, o professor usa seu poder de conferir notas para forçar o aluno a cumprir seu programa; o aluno representa o cumprimento das exigências feitas para obter nota de aprovação. No caso da relação professor-gestor, o professor “faz tudo o que o mestre (gestor) mandar” porque não quer ser perseguido ou quer receber favores; e o gestor age como se cada atitude sua fosse um favor, um benefício que faz ao professor, ou deixa-se manipular por alguns, atendendo a todos para deixar a escola “em ordem”.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Aldair Ribeiro dos Santos: O livro já está a venda no link abaixo ou na Livraria da Travessa, Mercado Livre, Livraria Cultura, Amazon, Americanas, Submarino, Estante Virtual, Magazine Luiza e em dezenas de livrarias físicas e online. Breve chegará nas livrarias de Boa Vista - RR. Pesquise o melhor frete e promoções.

Site da Appris: <https://www.editoraappris.com.br/produto/5717-a-impossivel-tarefa-de-fazer-gesto-democrtica-na-escola-e-outras-consideraes-impossveis> (Se for comprar na editora APPRIS, use o cupom-desconto AIMP020 ao finalizar a compra.)

Também publico regularmente poesias, contos, crônicas, reflexões e textos sobre acessibilidade e inclusão, além de livros raros para baixar e notícias literárias nos seguintes links:

<https://aldairsantosrr.wordpress.com/>
<https://www.instagram.com/aldairars60/>
<https://www.facebook.com/AldairSantosRR>

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Aldair Ribeiro dos Santos:

1. Leia os clássicos, temas adultos e infantis.
2. Leia obras similares às suas propostas de escrita ou do seu estilo.
3. Assista filmes, desenhos, peças de teatro,...para ter ideias na memória.
4. Converse com as pessoas em todo e qualquer lugar. Todos tem histórias.
5. Escreva e escreva.
6. Deixe o texto “de molho” antes de fazer revisões. Você será outra pessoa no dia seguinte.
7. Tenha bloco de notas à mão (papel ou celular) para anotar ideias.
8. Peça leituras betas dos amigos ou de especialistas. Receba bem as sugestões.
9. Avalie a reação dos seus leitores e mude ou adapte.
10. Não desista por causa de rejeição ou críticas, reinvente-se.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Aldair Ribeiro dos Santos: Sim. Pretendo publicar livros nas seguintes temáticas: poesias, contos e crônicas, dinâmica de grupos, storytelling, autobiografia, contos envolvendo super-heróis dos quadrinhos, livro com temática nas falas de crianças refugiadas venezuelanas, um livro com citações de João Calvino, livro de ficção cristã... Mas ainda não decidi por qual tema iniciarei (risos)

Perguntas rápidas:

Um livro: “*Casa das estrelas*” de Xavier Naranjo - Editora Planeta.

Um ator ou atriz: Robin Williams

Um filme: “*À Prova de Fogo*” - 2008, dirigido por Alex Kendrick e produzido pela Sherwood Pictures

Um hobby: Livros e escrever

Um dia especial: 22/12 - Data do meu casamento com Renata, minha rainha.

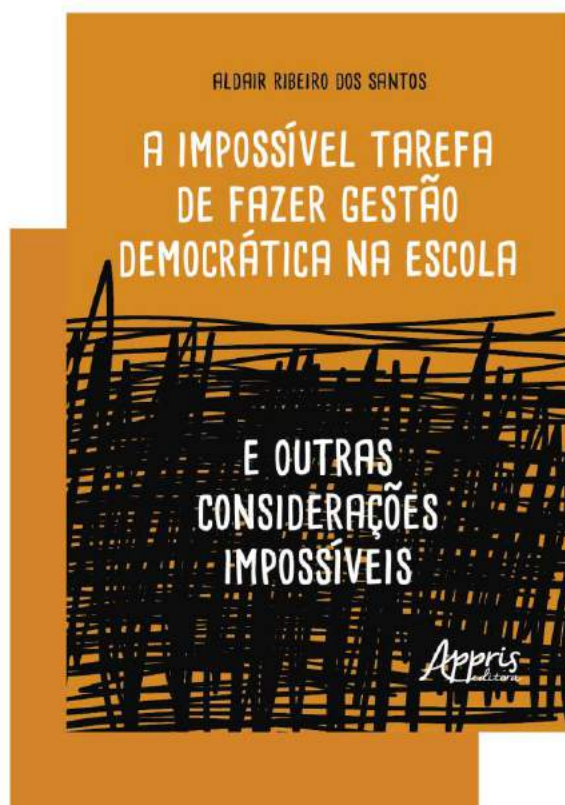
Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Aldair Ribeiro dos Santos: Agradeço a Deus pela concretização do primeiro livro acadêmico publicado, foi uma grande luta e virão outras. Agradeço a minha família que sempre me apoia em tudo.

Aos leitores: apoiem os escritores comprando suas obras. Vocês são a razão de ser da nossa escrita.

Contatos: aldairars60@gmail.com; aldairrr@hotmail.com, (95) 99964-1934.

A Impossível Tarefa de Fazer Gestão Democrática na Escola: E Outras Considerações Impossíveis



Numa sociedade ressecada pelo autoritarismo estrutural, este livro propõe-se a ser um oásis de democracia. É uma obra que focaliza alguns dos principais desafios quase intransponíveis e tarefas quase impossíveis da gestão democrática na escola pública, quais sejam: as intrincadas relações de poder dentro da escola; a questão paradigmática entre Administração e Gestão; a questão da qualidade na educação escolar; a importância da postura democrática da equipe dirigente na escola; finalizando com uma pesquisa de campo em uma escola do município de Boa Vista-RR.

Appris
editora

Compre com desconto no site:
www.editoraappris.com.br

Insira o código:

AIMPO20

no campo "vale desconto"

Viva bem
Viva com saúde!

bem estar

saúde

beleza

Todos os meses
uma nova
edição

revista
projeto

AUTOESTIMA

edições

acesse: revistaprojetoautoestima.blogspot.com

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima, com dicas sobre saúde, beleza, gastronomia, cultura, literatura e bem estar

Escreva para: elenir@cranik.com - c/ Elenir Alves

POR CLAYTON ALEXANDRE ZOCARATO

CONTO
TRÊS AMIGOS...



Conto

Esse “causo”, não somente é mais um caso, é um parnaso em nome da amizade...
Passou-se em uma cidade de horizontes, e descaminhos...

Um convite para um copo de vinho, tendo o passado como testemunha reflexos pelos sinos da igreja, com o comércio com suas portas seculares, é um exemplo típico de um dia foram ouvintes de inúmeros bailes.

Conheceram-se por acaso, poderiam, ser classificados como beatos, mas o som do sarcasmo e das noitadas era muito mais atraentes, do que os infindáveis sermões do padre.

Parafrazeavam bem com Picasso; “Missas e manhã, Touradas a Tarde, Zona a Noite”, cada um ao seu modo, tinha um jeito de subscrever sua história, na linha mágica do acaso.

O mais velho, com 19 anos, com ar de Duque Francês da corte de Luiz XIV, misturava a eloquência socrática, com uma pitada de ironia maquiavélica, mas no fundo não escondia o gosto apurado pela boemia, sempre era o primeiro do trio a convidar para boates, ao som eclético dos anos 1990, era apreciador de um bom cigarro mesmo não sendo um fumante inveterado.

O segundo amigo, o mais rechonchudinho o mais desprovido de mente dialética, era o mais divertido, mesmo que sua falta de inteligência fosse algo senil, seu coração valia muito mais que sua razão, adepto do catolicismo, não obstante, porém tinha fraqueza ao sabor “noir”, de uma farra, mas contendo um amor a procura de uma “dona”.

O terceiro amigo, o mais alto e jovem dos três, sonhador, paspalho, acreditava piamente na bondade, mas como todo o bom escorpiano, um vulcão prestes explodir, se levava fácil pelas paixões e a aparência, mas com decência era um bom ouvinte, mesmo não tendo muito requinte.

Pelas inumeráveis noites da mocidade, a cidade perdida no mapa era o seu palco, uma tocha acesa a propiciar uma fuga da rígida educação religiosa, e a inveterar pelos sentidos de uma vida romântica, mas com toque “epicurista”.

Cada um tinha seus objetivos: o primeiro um futuro advogado que queria de início, ser engenheiro químico, dono de uma ótima retórica, se tornaria funcionário público, o segundo querendo ser cardiologista, começou uma faculdade de administração de empresas, culminou em um biólogo não exercendo a profissão, o terceiro personificou, uma viagem pelas ciências humanas, historiador, “para-filósofo”, e um psicólogo fajuto, no fundo queria preencher com a carreira acadêmica aquilo que os anos de juventude não pode ter, e competência para ter, “um verdadeiro amor”.

Os dois mais velhos em um determinado momento foram pais, o mais velho de uma gravidez não desejada com uma namorada problemática, o segundo fruto de algo mais sólido teve sua “infanta aos 38 anos”, depois de alguns anos de casado.

Já o mais jovem usava e abusava de um sarcasmo “fáustico” para justificar seu auto-exílio do amor, o rancor de vez quando reinava em sua mente, era uma locomotiva desgovernada caminhando para o nada.

A vida prosseguiu, na composição frenética de que um determinado momento, todos seus encontros iriam se tornarem cada vez mais raros.

Cinemas só de vez quando com autorização das esposas, jantares do "clube do bolinha", esporádicos, e "cervejadas" substituídas por "sorvetadas".

A solteirice do amigo mais jovem, atingiu um momento de forte inquietação existencial.

Qual seria o sentido de tudo? O tudo é nada, ou o nada é tudo?

Não conseguiu respostas perante a vulnerabilidade de sua exclusão.

Uma exclusão sentenciada, para uma fuga desesperada da sensação de ficar para "titio".

Nada convém, tudo é desdém, a vomitar um clamor, por um amor que nunca irá chegar.

O terceiro amigo pagou pelo preço de sua preciosa carreira acadêmica, sugando sua juventude, se proclamando como um "samovar", a depositar todas as suas inquietações na "gandaia" nossa de cada dia da mocidade.

A clemência nunca foi sua amiga de sua conduta, a soberbidade como guia e o orgulho como companhia vital, fizeram com seu círculo de amizades, estivesse restringido a afresco de "loiras geladas", e nos fins de semana, ficar repetindo monólogos intermináveis de "conquistas" do passado, com discussões sobre táticas de times gloriosos de futebol que marcaram época.

Na verdade o que ele mais queria, era reencontrar seus velhos companheiros, mesmo que fosse por alguns instantes, em torno de um boteco fedorento, ao qual molhasse a boca, com a pinga da pior qualidade possível, e assim embarcar a uma metafísica de reviver noites de punk rock embaladas por sucessos do "Offspring".

A vida dos dois amigos casados conteve a calma "franciscana", com a exasperação megalomaniaca de "Woodstock", enquanto continha a imagem cretina de manter um casamento a moda cristã, dentro de seus íntimos, o que mais queriam eram reviver seus tempos de rebeldia sem fim.

O incerto de tudo isso, é que tudo era motivo, para que ambos pudessem se encontrarem, e colocar em marcha, uma melodia de saúde em reviver bons momentos.

A guerra de laranjas no pomar do antigo sítio pertencente ao avô, do amigo do meio, os jantares de "zuação" que o amigo mais velho promovia, e que depois terminavam com baforadas escondidas dos pais, os filmes em vídeo cassete assistidos na sala preferida do pai do amigo mais novo, tudo isso era programação de fins de semanas nostálgicos, mas tendo alegria jovial, de uma puerilidade sem deidade.

Com o passar do tempo os membros de cada família, foram partindo para o infinito, algo em comum é que o câncer matou o avô do amigo mais novo, praticamente um pai para ele, substituindo uma figura paterna problemática depois de saber que sua vinda para esse mundo "foi fruto de casinho mal-sucedido", adornado a uma noite quente de bebedeira.

A ciúmeira foi à marca característica de cada um desses três amigos, que colocavam suas frustrações advindas de um passado de privações das mais variadas estirpes, misturado com os prazeres da noite.

E cada noite de “balada”, era uma salada para outorgar novas formas de enxergar um mundo que ao mesmo era construído, também se desmoronava na frente de cada um, e assim projetavam um dia cortejar as “patricinhas” mais belas, beberem dos melhores vinhos, saciar os melhores pratos, esbanjando uma avareza, que muitas vezes contrastava com a pureza de seus corações.

A donzela de cada um, hoje, reflete como a juventude é iludida por um falso sentimento em unir amor, com o desejo insaciável de um Cupido desenfreado a procura de uma nova conquista, quista que cada um dos amigos possuía um dom especial em escolher a dama mais difícil, mas também as mais cheias de “mimi”, que mesurado a uma libido descomunal, inflamava os sonhos joviais, de celestiais paixões.

Todos conheceram o desprezo do amor, e que, estupor fizeram.

Cicatrizes em suas almas forma tatuadas, realizando uma lógica de comportamento materialista, de desconfiar do sorriso mais belo, e a projetar uma imagem, de que toda a mulher é um desafio e um descaminho, por curvas estonteantes, que procura, dentro de inseguranças amorosas patéticas, alguma coisa no passado que possa lembrar, doces tempos onde a inocência prevalecia, com uma carestia de buscar o céu através da pureza de sentimentos mais íntimos, encouraçados em seus corações.

O amigo mais velho, uma espécie de “Don Juan da classe baixa”, sempre levou jeito com o sexo feminino, provido de uma boa oratória e sendo um pouco bonachão, construiu-se para si, um estilo de “mentor” do trio, ao quais seus companheiros procuravam constantemente para relatar seus sonhos e angústias, e porque não dizer conter a constituição de um psicanalista perante os inúmeros fracassos sentimentais de seus colegas.

O do meio uma espécie de “brutamontes com comportamento infantil”, mas dono de uma bondade sem limites era o mais “sarrista” e divertido, sempre a procura de uma boa farra, contendo um sibilar de Frank Sinatra (topo qualquer coisas para passar a noite, desde ir a uma igreja, ou um prostíbulo), essa dicotomia se revelaria em seu consciente, pois futuro seria um bom chefe de família, mas ainda com resquícios neurológicos do seu tempo de solteirice.

Já terceiro amigo, era o mais desengonçado e tímido, não levava lá muito traquejo com as mulheres, mas era dono de uma mente privilegiada, que era escurecida com sua dificuldade comunicação em público por causa da “língua presa”, que por ironia do destino essa sua fraqueza seria uma grande aliada para o desenvolvimento de sua carreira como Professor do Ensino Médio, mas com um pé no Ensino Superior, transformando isso em um doce sabor de ironia e sarcasmo.

Com o passar dos anos, depois de tanta diversão, foi natural que cada um seguisse seu caminho, as aparições sendo escassas, mesmo com o mais “velho” e o mais “novo”, morando acerca de metros um do outro, o do meio se mudou para uma cidade maior mas próxima, houve momentos de pura nostalgia, que fora gerenciadas a metamorfose de novas alegrias, não sem uma pitada de uma indelicada artimanha de poder voltar no tempo, e conter a mesma doçura dos tempos de adolescência, contendo a tranqüilidade da recordação sem censura como testemunha, ao qual também, uma ida até a cidade mais próxima era um oásis de felicidade sem fim.

A tecnologia deixou uma lacuna ao qual o tempo passou muito rápido, já não ouvem mais os sons dançantes de baladas românticas dos anos 80 e 90, os sinos da igreja já não tocam mais como tocavam, antes, o sabor da noite perdeu um pouco do seu brilho.

Os três amigos estão envelhecendo, ou como whisky e o vinho, ficando mais saborosos com o passar dos anos?

Uma pergunta difícil de responder, mas quem se importa com isso, viver um dia cada vez, é como construir uma pirâmide de sabedorias, mas que nunca se vai chegar ao seu cume, pois cada tijolo no mar da vida é um micro-espço de venturas sem fim, um mar de estórias no qual não há um escritor definido, onde a platéia faz da humanidade, uma eterna amizade, onde por fim, cada amigo é também um inimigo para ser derrotado, difícil entender como podem ter entrelaços, com percalços tão terríveis, a amizade caminha para uma subjetividade onde o atrevimento em ser sincero ficou retido ao ridículo do politicamente correto.

Incorreto pensar, que amizades não vai haver conflitos, elas são os propulsores para se chegar a uma tolerância, com constância, a uma ânsia do amor, sem o sexo, sem o corpo como um martírio, para uma justificativa de frenesi ao qual possa haver uma flexibilidade de levar o carinho, como um ninho de vida, que se renova a cada encontro da velha amizade estimada.

Os amigos beberam o sabor dançante, de uma noite sem fim de amores finitos e infinitos, veneraram “Afrodites” e foram derrotados, pela magia sem fim de um sentimento de imortalidade, que leva uma vida vazia de artimanhas para a construção de uma filosofia mental espiritual que possa dar conta da solidão de corações endurecidos pelas areias de “Cronos”.

No interior, ainda detém o cheiro da relva de uma bela noite de inverno, que conserva memórias, ao registro de aventuras e diabruras, que os três companheiros empreenderam, ao desprezo do envelhecimento que chega para todos.

Amores vividos, não vividos, mas jamais esquecidos, seria eles uma projeção a bagatela literária de “Os Três Mosqueteiros sem d’ Artagnan”, uma mistura singela entre o medo do pecado, e a avidez por conhecer um mundo, com o seu gosto amargo, que se apresentou para cada amigo, como um “temperate” temível, não adianta enraizar desejos, perante os destinos de uma amizade que seja colocada ao sabujo do nada, cada sentimento fica enternecido nas vivências de suas carências, de sobrevivências com consciência.

O amigo mais velho, de certa maneira perante o título de bacharel em Direito, sofreu com as amarguras do espaço burocrático dos advogados, culminou depois de alguns anos advogando, não chegou a enriquecer, todavia seu salário continha a possibilidade de possuir algumas regalias, ao qual seu tempo de adolescência não era possível obter.

O amigo do meio optou pelo trabalho na indústria, que com o seu fiel soldo de “pseudo-escravo”, angariou, o desejo de construir um futuro melhor para a família através de promoções por mérito, mas que não tirava sutileza a vir a contribuir para um falsificacionismo de liberdade improvisada, visando o baú da felicidade feita, no quinto dia útil do mês.

O terceiro amigo se perdeu entre emaranhados de livros, variando sua jornada acadêmica entre indecifráveis noites de leitura e escrita, sofria com miserabilidade intelectual de boa parcela dos seus estudantes, a carreira de professor não poderia ser considerado como um castigo pelos pecados cometidos em alguma reencarnação passada, mas também não poderia ser classificada como a “oitava maravilha do mundo”, vistos a uma safra de “incompetência útil” de gestores escolares, preocupados muito mais em seguir apostilas nefastas dadas pelo governo, que ao invés de lapidar a formação intelectual dos estudantes.

Os encontros foram ficando cada vez mais, mais e mais difíceis de se realizarem, parados a um andrajo de que poderiam ter aproveitado melhor, os momentos de jovens tardes, subvertidos primeiramente a coca-cola e guloseimas ao melhor estilo “american way of life”, para depois serem alijadas por momentos na companhia da primavera de “Quinta das Flores, molhados com Sangue de Boi”.

Nota: (para o leitor desprovido de sabor de vinhos de estirpe duvidosa, essas são marcas advindas de generosos galões de 05 litros).

Depois dessa fase, os três amigos, lavraram o sentido pactual de jamais se separarem, devido a compromissos de trabalho, ou até pelo sentido que suas vidas tomariam no decurso de uma jornada sem precedentes e procedentes na realização das suas auto-imagens, diante uma sociedade civil, tradicionalmente cristã de herança em sua maioria da ancestralidade dos tempos dos “Barões do Café”.

Os telefonemas começaram a ficarem mais distantes, e assim a solidão de lembranças de tempos imemoriais, foram sendo substituídos pela presença de novas companhias, mas as cicatrizes das verdadeiras amizades nunca desaparecem, assim como as recordações insistem em não sumirem, o passado é um círculo vicioso permanente com uma tessitura de levar o inconsciente, a questionar o consciente de que para profundidade das emoções, é jus um mergulho de cabeça no encontro do desconhecido, para arquitetura de algum sentido de vida que valha a pena, de conter reflexão sobre juízo final.

Os lares onde cada um freqüentou, com o passar dos anos, foram se deteriorando, cada um foi de encontro do seu destino.

As dores e as perdas também deixaram suas apresentações, mas não houve tempo para aplausos de suas admoestações de maldade, a alegria da recordação, comisera um lado obscuro ao qual a saudade sempre deixa um espaço, para suavizar a ausência que cada irmão de criação deixa, viabilizando a doçura de um rebento que lançado no marasmo do distanciamento, afia sua vida com uma pitada de amor, em um mundo já onde o desamor não encontra mais temor.

Os três amigos...

Viveram, apreciaram, choraram, abraçaram, beijaram, e demonstraram que não é preciso o corpo para amar.

O tesão da vida está em ter estórias de histórias, que vão sendo preenchidas revividas a cada novo encontro, um sistemático ensino para combater os males de uma solidão que faz um azarão de lamentar, o que não possa haver mais pulsação, para corações que na sua maioria, estão em uma ontologia de não se atrever a sofrer por querer o bem do próximo.

Três amigos, espaços circulares de sonhos, liberdades e compromissos, que se perderam ao longo do crescimento e amadurecimento de corpo e mente.

Mesmo estando à fé sempre presente, as tardes já não são mais as mesmas, os sonhos foram multiplicados por pesadelos, de longe a aurora consumou o inevitável banimento da companhia, que praticamente foi diária.

No preenchimento da vida, todos os amigos são uma mistura do que a humanidade sonha, para mover um sentimento de ternura que possa estar presente, nos momentos de terrível dor.

O odor da saudade misturou com o vapor da partida, um dia todos os amigos vão se reunirem no banquete da eternidade, onde não haverá mais o desejo de chegar, sem hora para partir, vão estarem na serenidade de uma prematura inexistência terrena que vai se comporta como plena para realizar a consubstanciação de adocicar a amargura de uma jornada aos quais os anos vão se distanciando, provocando, ansiando, velando, amando e acariciando.

Os três amigos são um universo constelado para deixar alado, todos os sentimentos ruins, procrastinando cada momento como eterno, vaticinar uma biblioteca imaginária, onde cada página do livro da vida é feita pelo acaso que fez caso dos sábados a noite que pareciam intermináveis.

De idas para sessões de cinema, ao qual o maior espetáculo é estar diante de uma doçura em se acreditar a dizer que se tem o tempo na palma das mãos, a arremessar as incertezas adultas pela janela mais próxima, e conter a única certeza que a recordação vai ser a prisão de cada um quando supostamente a velhice chegar.

Apagar a ingenuidade em nome da virtude da consciência plena, eles amadureceram rápido em uma tangente de sumir, e resumir, que não há como cumprir um compromisso, que não seja indeciso quanto a seguir padrões de vida estabelecidos como algo natural, e também a lutar contra a marca terrível da solidão, que um dia vai virar amarga recordação perante um leito de “adeus”.

Preceito! Todos são eleitos e feitos como diamantes, esculpidos por um sinal de que a amizade é a jóia que faz a translação entre a razão e a emoção.

Emotividade, simplicidade, sinceridade, demasiadamente fez o relacionamento dos três amigos, algo não massificado, mas acariciado, abençoado, que entorpeceu suas lembranças, fazendo a saudade ser única.

Messiânica, destoante, elegante, extravagante, garante, o antes, de que não haverá inimizades, mas a certeza de que a cada nova conjugação de encontros, a saudade vai tomar conta a cada surgimento de nova reflexão.

O veneno da separação, da injusta perdição em ter que se fazer junção entre vidas que aparecem a cada momento na vaidade de cada amigo, é um doce sacrilégio para partir para um quarto escuro ouvir uma boa música, e mergulhar em memórias sedimentadas da mais pura harmonia entre o respeito e despeito, e deixar no peito um abraço fraternal com gozo de se lançar no imaginário destino, de que somos dono do universo, e produzir um verso que vai ficar molhado de lágrimas, a cada novo encontro e partida, para um dia não ser mais preciso estar escravo da física, fazendo uma faísca, em torno de uma semântica de atitudes de carinhos sem fins.

Nada libidinal, ou machista, ou de reducionismo de classe, o verdadeiro amor se encontra em estar útil para as pessoas, mesmo quando elas nos julgam já sem nenhuma utilidade.

O três amigos são úteis, e atrevidamente “fúteis”, quando a saudade bate no semblante de cada um, olhando fotos, que hoje são apenas fótons a iluminar recordações, já sem tanto vibração.



SOBRE O AUTOR:

Clayton Alexandre Zocarato

Possuo graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceuclar - Campus de São José do Rio Preto–SP. Escrevo regularmente para o site www.recantodasletras.com.br usando o pseudônimo ZACCAZ, mesclando poesia surrealista, com haikais e aldravias.

Email: claytonalexandrezocarato@yahoo.com.br

Instagram: Clayton.Zocarato

Facebook: <https://www.facebook.com/clayton.zocarato>



POR IDICAMPOS

CONTO
CAI CEDO OU TARDE



Conto

Uma funerária era inaugurada, na Avenida Joaquim da Costa Lima, por João Cai Cedo; criado, desde pirralho, em Belford Roxo. Indivíduo de caráter duvidoso, péssimo aluno na escola, porém capcioso, loroteiro, um espertinho...

O dia chuvoso rimava com a cerveja vagabunda, oferecida aos convidados, na recepção de inauguração da funerária: Rumo Certo. O empreendimento, comedido, abria as portas, apoiado no alto índice de óbitos da região.

Cai Cedo começou a carreira limpando cova, pintando sepultura de cal; profissionalizando-se, ainda jovem, como papa defunto. Trabalhou duro, logrou algumas economias: abrindo o comércio da morte.

Entrava, no ramo, no dia 2 de novembro, no feriado de finados: distribuía cartãozinho na porta do cemitério, possuía serviço de limpeza de cova, exumação de ossos, pintura de sepultura, decoração com cravos, perfume; tudo que o buraco tivesse direito.

O negócio ia de vento em polpa, morria mais do que nascia, ramo prospero. Os parentes queriam, sempre, bom enterro: urna de madeira de primeira, flores importadas na coroa, maquiagem europeia na face do ente querido; a alma torcia a cara de tanta falsidade, coisa de desculpa na hora da morte.

O comerciante crescia os olhos, com os fregueses, ia até ao inferno, para satisfazer a vontade da família do moribundo...

Além de assistencialismo remunerado, mantinha sociedade, escusa, com o grupo de extermínio, a câmara dos vereadores, a PM e a boca de fumo. Garantindo o sucesso do seu empreendimento, em tempos de crise...

A situação degradingolou com o advento do amor, do relacionamento sério, do casamento; a obrigação impunha mais responsabilidade. A garota já casou grávida.

A carestia acometeu o chefe de família, gerando a necessidade de um bico para completar a renda, um por fora... Numa fração de segundos surgiu mais uma oportunidade ilegal, porém lucrativa.

Mal morria alguém, ganhava um pente fino, o laráprio prendia desde a cueca de marca ao espartilho, o arrastão acontecia na hora da customização, da ornamentação do caixão. Indefeso, o corpo frio perdia a aliança, os dentes de ouro e as próteses.

O morto chegava, na funerária, com as mãos pra cima, sabia da sua sina, seria roubado. Primeiro ele retirava, com o auxílio de uma bomba d'água, todo o sangue do infeliz. Engarrafava e vendia às clínicas clandestinas de cirurgia plástica.

João derretia o ouro no fundo do quintal, dispensando no câmbio negro. As próteses, depois de lavadas, eram colocadas em caixinhas bem arrumadas, com selo de qualidade; iriam habitar outros corpos.

Os casos assombrosos somavam-se ao sobrenatural. Uma dentadura, colocada com certificado de garantia, na esposa do vereador, do bairro da Areia Branca, sorria sozinha. O cérebro do gênio, instalado na cabeça de um idiota, confundia a ignorância com a inteligência. Os desatinos contextualizavam os conflitos existenciais, entre a vida e a morte.

Cai Cedo administrava a funerária ao telefone, no balcão da padaria, naquela manhã, curtindo um cafezinho, quando uma dor insuportável gritou dentro dele. Perdeu o equilíbrio, esborrachando a cara no piso da Padaria da Solidão. Por sorte, a balconista fez a massagem cardíaca, retardando o ataque fulminante. Socorrendo-o, às presas, no Hospital do Joca.

Na maca, o enfermo, estrebuchando, foi encaminhado à sala de cirurgia, onde lhe aguardava um coração de plástico, com boa procedência, prazo de validade, com a marca: Cai cedo, ou tarde.

Aquele coração de plástico era um órgão apaixonado — desencaminhado por descuido — amava a vida, sonhava com a paz! Vinha, do que havia sobrado de um poeta da região.

O ambiente, fruto do SUS (Sistema Único de Saúde), contava com o mínimo; vez por outra, o esparadrapo cedia lugar ao durex, a faca da cozinha substituía o bisturi, faltava água, a higiene estava de férias, parecia laboratório nazista.

Estirado, na política de saúde pública do país; o enfermo aguardou, três horas, o início do procedimento, pois o doutor atenderia antes, uns trinta...

Após a cirurgia, recebeu a visita da esposa, dos empregados, dos vereadores, do prefeito do Município de Belford Roxo, do coronel do batalhão, do chefe do grupo de extermínio, do dono da boca, etc.

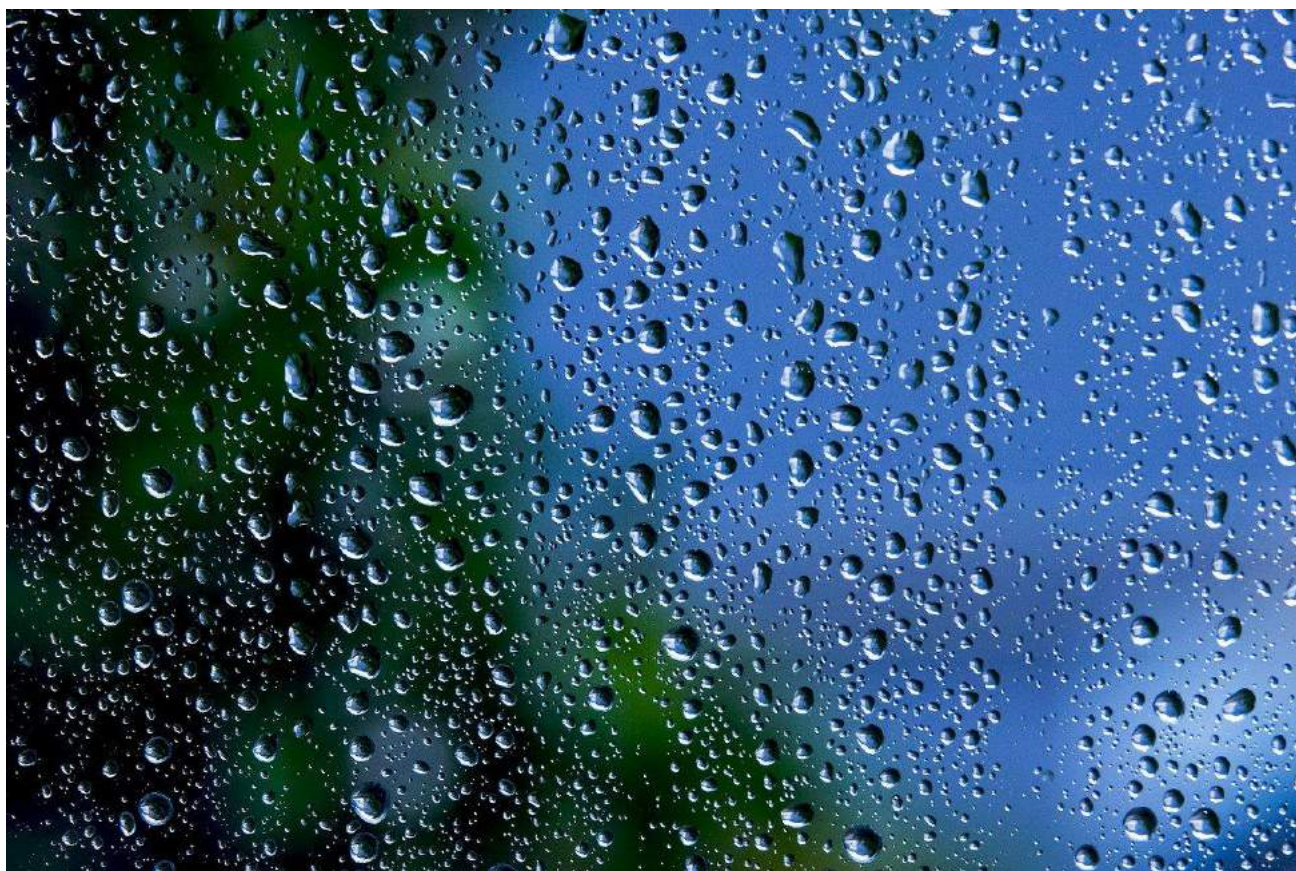
O recinto remetia aos interesses do poder paralelo, as visitas torciam pelo restabelecimento de João Cai Cedo; eles temiam perder a propina, oriunda da funerária: Rumo Certo.

A contrariedade aconteceu, quando o coração lírico gerou oposição à mente do pilantra, pois mediante qualquer mentira, ele inchava, esbarrava nas costelas... O papa defunto comprimia por dentro.

No que tange à operação, fora bem sucedida, o coração cabia certinho, no local; todavia a fraternidade, da prótese de plástico, comprometia a continuidade da atividade mortuária, inviabilizando o comércio da morte. Finalizando o ocorrido com a venda da funerária.

Refez os conceitos, investiu em flores, abriu uma floricultura — quem diria — virou poeta, facilmente encontrado na última quinta-feira do mês, no sarau dos Poetas e Afins.

Confuso, apresentou-se como cobaia humana, numa iniciativa sem comprovação científica, para aumentar a integridade do ser, livrando a raça humana da falta de honestidade.



Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

Cedrik, junto de seu fiel companheiro, Sandial, o Ancião e da bela Vivian, protetora do misterioso livro Necrofilium, embarcam em uma incrível jornada para salvar o seu povo de um destino cruel. Buscando inspiração no clássico trabalho de Robert E. Howard, Roberto Fiori cria um herói único, dotado de extrema força, músculos avantajados capaz de levantar em cada braço mais de 75 quilos e, ao mesmo tempo, escalar facilmente uma parede de 20 metros de altura. Com Cedrik: Espada & Sangue, Roberto apresenta um mundo fantástico e apaixonante perfeito para os fãs de bárbaros, magia e lutas épicas.



CEDRIK - ESPADA & SANGUE POR ROBERTO FIORI



ADQUIRA O SEU
CLIQUE AQUI

POR IRACI JOSÉ MARIN

CONTO
O FILHO



Conto

Percival sentia um vazio de pedra. Há algum tempo esta indomável e malquerida companhia não o abandonava. Parecia aumentar a cada mês.

Era casado com Vera há dez anos e não tinham filhos. O começo da vida deles fora muito duro, com poucos recursos, o ganho era exíguo. Desde o começo, Percival se preparava para os filhos que viriam.

Os filhos não vieram. Se sentia desanimado, às vezes frustrado. Nada comentava com Vera, que olhava para ele e via o seu aspecto macambúzio. Logo sua imaginação voava: “Está tendo caso com alguma colega de trabalho? Ou com alguma amiga? Às vezes, as melhores amigas, elas mesmo, trazem infelicidades para um casal. Conheço inúmeros casos destes.” Calada, ficava atenta a algum gesto falho dele, alguma revelação descuidada.

Um dia, chegou tarde do trabalho, colocou um bombom na mão dela e disse que encontrara um amigo e ficaram conversando — aquele amigo de antigamente, do colégio, agora ele estava morando na mesma cidade, trabalha no comércio, coisa e tal.

Em outra oportunidade, chegou de cara fechada, sem palavras e sem bombom. Não abriu sorrisos naquela noite e ficou muito tempo na sacada, olhando o escuro.

— Você tem que me dar dez mil reais. Se não me der o dinheiro, quando ele nascer deixo no portão da tua casa.

Ele não deu o dinheiro e não se encontrou mais com Carmem. Mas aquela ameaça provocou-lhe fortes perturbações, seus dias se tornaram nebulosos e aquele vazio de pedra doía.

Na semana seguinte, ao voltar do trabalho deu com algo no chão, junto ao portão de sua casa. Estava escuro e fazia frio. Olhou e percebeu que não era um embrulho qualquer. O cobertorzinho do embrulho guardava uma criança. Observou ao redor, olhou para a casa. Ficou confuso e tenso. Lembrou-se de Carmem. “Ela está cumprindo a ameaça.”

Não podia deixá-lo ali. Mas levar para casa e apresentá-lo a Vera? Resolveu não arriscar.

Observou de novo a casa e o ambiente ao redor. Estava tudo silencioso e abandonado. “Tomara que não chore. Se chorar, vai denunciar sua existência e o segredo. O que fazer?”

De repente, um barulho de automóvel. Vinha por sua rua. Pegou o embrulho, passou o portão e encolheu-se para não ser visto. Depois, sentou no meio-fio da calçada. “Eu posso deixá-lo aqui, entrar em casa sorrindo, beijar Vera. Ela vai ficar surpresa e desarmada. Então eu vou falar — tem uma criança ali fora, enrolada num cobertorzinho, vamos ver? Ela pode duvidar, pode rir de minha estupidez, pode ficar lívida de alegria e decidir, sim, ver a criança. Acho que pode ficar contente em abraçar um bebê. Ou perguntar se é meu e por isto a amante o deixara ali... Então vai entornar o caldo. Não, não vai dar certo. Isto não vai funcionar.”

Não queria ter problemas com Vera. Então decidiu firmemente deixar o embrulho na frente de alguma das poucas casas da rua. Saberá com quem estaria o

bebê. Pegou-o e saiu a caminhar, a passo lento, evitando a claridade das lâmpadas dos postes. Não podia levantar suspeitas de que estava carregando uma criança. Se alguém o visse, poderia comunicar a polícia ou o Conselho Tutelar, então estaria bem encrencado. Que história contaria e como iria comprová-la?

Melhor seria deixar perto do prédio, distante poucas quadras de sua casa. Havia ali muitos moradores e a chance de a criança ser encontrada era grande. Logo no outro dia saberia quem a encontrara.

O bebê dormia.

Aliviado com isto, continuou andando na direção de um prédio. Era o lugar ideal para deixar a criança. Quando chegou próximo, percebeu um pequeno tumulto. Parou. Deixar a criança ali seria extremamente temerário e desumano. Retornou.

Percival sentia necessidade de atravessar o vale escuro. Passara por momentos ruins na vida, mas aquela situação aumentava a sua amargura, o seu temor, as dúvidas.

Logo viu uma casa. Estava com portas e janelas fechadas, sem qualquer luz acesa. Não poderia deixar ali a criança, seria abandoná-la. Seguiu o caminho do vale, um choque no coração a cada passo. Outra casa, adiante, era de um casal de idosos, sabia. Ali também não.

Adiante, outra casa. Mas ficava bem distante da rua.

Percebeu a dificuldade de alguém, àquela hora da noite, encontrar um embrulho abandonado na frente de alguma casa. A criança estaria destinada a morrer de frio e de fome.

“Vou levar pra casa só por esta noite. Amanhã, comunicamos o Conselho Tutelar. Vou explicar pra eles. Levam a criança e tudo fica resolvido.” Satisfeito e, mesmo temendo a tempestade que Vera poderia fazer, começou a retornar para casa. Ia pensando nas possíveis reações e calculava as respostas.

Mas lhe ocorreu de ligar para Carmem, sem saber ao certo o que ia falar ou perguntar. Talvez apenas dizer-lhe o que decidira fazer.

Estava com o celular na mão quando viu um vulto aparecer à sua frente. Focou melhor e percebeu: era Carmem. Parou, surpreso e assustado. Vinha rápido em sua direção, chorando quase desesperadamente. Ao se encontrarem, tirou o bebê de seus braços e apertou-o com força e carinho. Depois, beijou a criança no rosto e exclamou, comovida: “Meu filho!”.

Percival olhava para ela, atônito e, com a respiração suspensa, esperava a revelação. Quis falar algo, perguntar, mas a voz não saiu. Foi ela que falou:

— Me arrependi.

— ?

— Não me acuse de nada e não se preocupe. O filho não é teu.

Deu-lhe as costas, com desdém, e sumiu na noite incógnita.

IRACI JOSÉ MARIN reside em Caxias do Sul - RS. Professor aposentado e advogado, publicou obras de ficção, bem como artigos e obras sobre a etnia polonesa. Lançou recentemente um livro de Literatura Infantil e Juvenil - "Histórias de ontem".



Email: ademirpascale@gmail.com

DIVULGAMOS O SEU LIVRO

PACOTE DIVULGAÇÃO PARA AUTORES

POR R\$100

MEIO DIGITAL

O meio digital é o mais rápido para atingir o seu público-alvo de maneira eficaz

DESTAQUE O SEU LIVRO

- 1** São milhares de autores e livros. Nosso trabalho é destacá-lo.
- 2** A promoção é por tempo limitado, então garanta já a divulgação do seu livro

POR MARCELO GOMES JORGE FERES

CONTO

O RIACHO, A PEDRA E A ANDORINHA



Conto

A primaveril andorinha, arquejante e saltitante, misturava-se aos ares matutinos e, em acrobacias majestosas e mirabolantes, confundia-se com as nuvens e passava ligeiro, em lampejos fulgurantes e de mãos dadas com os próprios ventos, sobre aquele fundo azul, e maciço, qual corisco, que riscasse os céus em repentes explosivos e cortantes.

A pedra, coitadinha, repousava ali por milênios, simples e paradinha, divisando a dança dos ventos e dos seres voantes, fitando, com carinho, mas enciumada, as peripécias daquele frágil e pequenino, porém mais que ágil passarinho, que pactuava, intimamente, com todos os felizes infinitos.

— Psiu! Passarinho! Vem cá! É só por um instantinho!

— Oi! Mas, tu és uma pedrinha?

— Sou, sim!

— O que queres? Podes falar!

— Leva-me, contigo, só um pouquinho! Quero tanto, assim, voar também! Quero deixar este lugar só por um tempinho apenas, sinto-me entediada por este eterno esperar — qual lagarta que quer virar borboleta —, mas, só passa todo o tempo, e minhas asas jamais chegam!

— Mas, como voaremos, pedrinha, com o teu peso a me pesar em minhas asas?

— Bem, vem aqui e pousa em mim! Quem sabe, assim, minhas asas não aparecem, enfim?

E a andorinha pousou naquela pedrinha que repousava à beira do plácido riacho; riacho que também não voava, mas que, ao menos, ia passando, devagarinho, mas que, enfim, passava.

E a andorinha pousou sobre a pedrinha, porém, estranhamente, adormeceu justo naquele pousar. E assim que pousou e dormiu, sonhou. E, em seu sonho, era ela, andorinha, a própria pedra que, por milênios, ali dormia ao som das corredeiras daquele riacho de águas doces e cristalinas. E a pedra, aquela simpática pedrinha, era ela agora, naquele estranho sonho da andorinha, a própria andorinha.

Mas que sonho perturbador, aquele; e que estranho sentimento — ser pedrinha quando, ainda há pouco, era andorinha... E, neste inusitado sonho, a pedra, que agora era, ela própria, a andorinha, dizia, com solene cortesia:

— Mas posso te levar, sim, querida pedrinha! E, juntas, voaremos livres por sobre as montanhas; por sobre as montanhas que estão adormecidas, ali, há milênios. E voaremos e voaremos juntas e por todo o sempre. E te contarei, ainda, todos os segredos para se poder voar em ziguezagues repentinos; contar-te-ei também dos segredos de como nós, andorinhas, somos tão próximas dos homens, pois fazemos nossos ninhos nas casinhas de madeira que eles dependuram sob os telhados de suas casas verdadeiras. Sim! Vou contar-te, até mesmo, os segredos que nos segredam os ventos, segredos que são sussurrados aos ouvidos dos pássaros ligeiros e precisos. E, como podes ver, pedrinha querida, poderás, sim, confiar em mim e poderemos, sim, ser amigas, para todo o sempre! Mas, que tal te parece essa proposta? Topas ir, agora mesmo, comigo, jogarmo-nos aos ventos?

— Claro que sim, amiga! Vamos, sim, juntas, voar com os sublimes ventos!

Mas eis que, de repente, um vento frio soprou por sobre as águas do riacho que se encrespavam, e um silvo agudo soou baixinho, mas foi ouvido, despertando a adormecida e sonhadora andorinha. Sobressaltada, ela se dirigiu à pedrinha e perguntou-lhe:

— Continuas sendo tu mesma e, eu, eu mesma, ainda?

— Mas que pergunta idiota é essa, andorinha? Sempre fomos nós mesmas! Tu és passarinho e, eu, pedra! Tu voas, leve e ligeira, e eu, pesada como pedra que sou, estou fadada a apenas romper todos os tempos vindouros à beirada dessas águas que passam, às vezes mais apressadas e, outras tantas vezes ainda, com um vagar de deixar qualquer um entediado! Ora! Que pergunta idiota!

E, por conta de tamanha irreverência da pedrinha, a andorinha jogou-se a uma corrente de vento que passava e deixou a pedrinha sozinha, falando pelos cotovelos, mas ainda se sentindo terrivelmente sozinha.

— Volta! Volta! Andorinha! Não me deixes aqui, sozinha! Vem! Pousa em mim, novamente, e adormece ainda, e sonha que és, tu, a pedrinha! Quem sabe, desta vez, dormimos juntas e, também, sonhe eu que sou como tu, pássaro alado e sempre já partindo, célere, a todos os infindos!

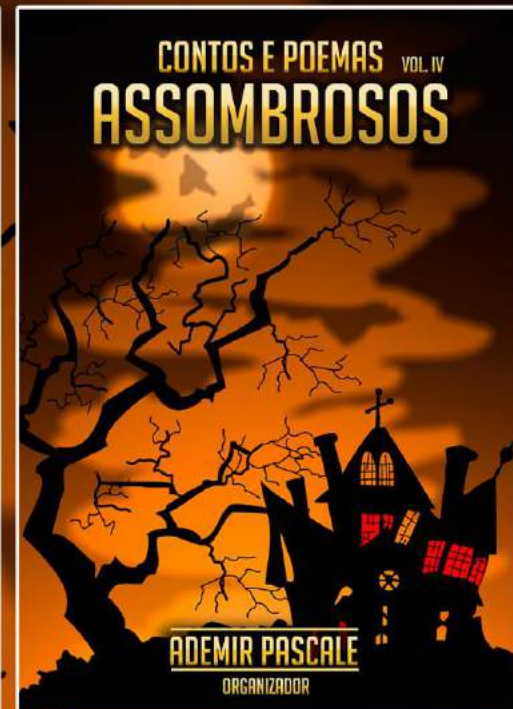
— Ah! Queres sonhar que és como eu! Ambicionas tornar-te aquilo que sou, não é!

— Talvez! Mas, realmente, não! Pois se sonhar junto contigo, sonharei que sou então um pássaro como tu o és, sim, mas sendo, então, uma ave de rapinas, desta vez! E irei te devorar de um só bote e com um só golpe, a ti, tão frágil e tão pequenina andorinha fugidia!

— Deixa estar, pedrinha! Não voltarei a pousar em ti, novamente! Pois se sonharmos juntas, quem poderá dizer quem sou eu, e quem tu és? Pois, para quem olha a paisagem linda desta manhã de primavera, de uma qualquer janela, e descortina esta divina paisagem, com o riacho a correr em saltitantes passinhos da gigante natureza, e com os passarinhos em bailados matutinos, acaso distinguiria quem é a pedra, e quem é a andorinha? Não, não correrei este risco! O de ser confundida com uma simples pedra no meio do caminho! Deixemos tudo exatamente como está, agora! Pois, consciência é algo tão próprio, e tão relativo que, possivelmente e às vezes, os sonhos se tornem realidades, e vice-versa ainda. Adeus, querida pedrinha! Mas, sonha, sempre ainda! Mas sonha, apenas, com pássaros e com ventanias; pois já és divina por sonhares sonhos de grandezas e de partidas! E, quem sabe, sonhando assim, partes ainda, e assim agora, junto com o riacho que te rodeia e que, já de há muito, te toca o corpo inteiro com suas molhadas carícias. Sim, faze-te amante deste riacho que parte sempre e, juntos, partam mundo a fora. E deixa que ele te carregue e que te leve com ele ao fim de seus destinos. Vê, é simples! Pois já não estás acostumada com os seus assíduos e molhados beijos em todo o teu corpo inteiro? E o que achas de seus constantes murmúrios, e de seus segredados cochichos? Sim! Um, para o outro, foram feitos! Assim como eu! Mas apenas para todos esses ventos!

Marcelo Gomes Jorge Feres nasceu em 6/7/1957, na cidade de Niterói (RJ). Graduado em Administração pela EBAP, Rio de Janeiro, em 1979; graduado e pós-graduado em Direito pela UNESA, Rio de Janeiro, em 2005; licenciado em História na UNICESUMAR, Maringá (PR), em 2019; estudante de Filosofia; publicou 17 livros de conteúdo poético-filosófico e, desde 1987, participa de várias antologias.

PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



**LEIA OS EDITAIS E ENVIE
O SEU CONTO OU POEMA**

ACESSE:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

POR MÍRIAM SANTIAGO

CONTO
O SÍMBOLO SAGRADO



Conto

*A pobreza e a extrema pobreza alcançaram em 2020 na América Latina níveis que não foram observados nos últimos 12 e 20 anos, respectivamente, bem como uma piora dos índices de desigualdade na região e nas taxas de ocupação e participação no mercado de trabalho, sobretudo das mulheres, devido à pandemia da Covid-19 e apesar das medidas de proteção social emergenciais que os países adotaram para freá-la, informou a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL).
(site Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe)*

A informação da CEPAL é de dar medo! Milhões de pessoas que perderam tudo em suas vidas: um lar, família, emprego... Aqueles cujos salários eram abaixo do mercado com o novo coronavírus da Covid-19 simplesmente desapareceram! É um cenário aterrorizante que, infelizmente, convivemos diariamente, com pessoas sem rumo, “jogadas” em cada esquina em busca de uma moeda para sobreviver.

Essa vivência relatada acontece na cidade de Santos, no Estado de São Paulo, Brasil, tida por várias entidades que estudam os melhores lugares para se morar no País, imagina as que nem aparecem no índice!

Trabalhava em home office ainda neste ano de 2021, lá pelo mês de outubro quando o interfone me “desconecta” do serviço pelo barulho e ao atender, uma voz de homem necessitando de alguns itens de alimentos. Por sorte dele o que pediu eu tinha em casa. Coloquei entre várias sacolas, arroz, feijão, biscoitos e outros produtos em lata.

Ao descer e abrir o portão me deparei com um senhor de estatura mediana aos padrões brasileiros (1,70 m) de altura, magro, de boa aparência, barba cortada, roupas limpas. Ele logo desceu da bicicleta para receber a doação.

— Você não sabe como os alimentos me servirão, pois já estávamos sem o básico para cozinhar, disse o pobre homem, que ficou um pouco sem jeito em pedir, notava-se que a vida agora para ele estava dura demais.

— Sempre é bom ajudarmos, pois vivemos em tempos difíceis, não é mesmo? Disse-lhe e quando já estava prestes a encerrar para retornar ao trabalho, o senhor me olhou bem dentro dos olhos dizendo que eu passava por momentos de tristeza.

— O quê? Sim, isso mesmo, passo por momentos infelizes, mas logo estarei bem, retruquei.

— Espere, se me permite dizer, sei porque está triste e digo-lhe que a pessoa está bem, não se preocupe.

— Mas como o senhor pode saber o que se passa comigo?

— Sei muitas coisas e se a pessoa está triste, ela emite um pensamento correspondente, o qual é convertido em uma determinada onda mental, a qual vibra de uma forma específica.

— Impressionante o que disse senhor, como sabe dessas coisas?

— Sou uma pessoa que já estive pelo mundo em áureos tempos, em que conseguíamos ir aqui e ali com uma mochila nas costas e nada acontecia. Não tinha essa

violência que a cada dia se destaca entre as necessidades das cidades, disputando com a falta de saúde e educação.

Nesse momento eu esquecera por completo do serviço, pois a maneira como ele se pronunciava, a expressão facial e os olhos que procuravam os meus para chamar minha atenção, me aguçou a saber mais sobre aquela pessoa.

— O senhor mora aqui perto?

— Não sou daqui de Santos e muito menos do Brasil. Vim para cá há alguns anos, para que eu possa conhecer as pessoas, nesta Cidade estou há um mês e logo já partirei para outra dessa região ou lá para o Planalto, ainda não sei.

— E veio de onde? Da Europa?

— Sim, nasci lá por aquelas bandas, o Velho Continente! Minha infância foi rude, cujo sofrimento senti bem cedo, ainda criança. Na adolescência, a necessidade de viajar para conhecer as pessoas, ver como lidavam com os problemas, os governantes como tratavam o povo, tudo isso para saber como estava o mundo e o comportamento dos seres humanos, seus sentimentos, aflições, parti sem rumo para descobrir se aprenderam alguma coisa com o legado deixado por aquele cuja cruz foi semear o amor. Parece que falar em bondade e perdão não dão audiência, ou como dizem nos tempos modernos, não rendem cliques!

— É verdade, o senhor está correto, dizer a verdade e praticar a bondade e humildade estão fora de moda.

— Sim, é o que parece, me dê suas mãos! Disse o senhor já com as dele esticadas aguardando as minhas.

— Estiquei as minhas e o senhor as deixou sobre as dele. Foi como estivéssemos conectados, e tudo o que ele falou foi sendo revelado em imagens, o vi andando pelo mundo entre os pobres e miseráveis na África, ajudando àquelas pessoas a sobreviver. Depois ele estava entre os pedintes e não só eu assistia a tudo como sentia as emoções de cada ação humanitária realizada eu podia sentir as ações de solidariedade. E assim acompanhei a trajetória vivenciada pelo senhor.

...

No dia seguinte, me sentia como se estivesse acordado de um sonho espetacular, estava confusa se fora realidade ou não o contato com aquele senhor, mas ao olhar minhas mãos, percebi, minuscilmente, em uma delas, dois arcos que se cruzam para formar o perfil de um peixe, me marcando para sempre ao símbolo mais antigo do cristianismo: “Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador!”

Desejo a todos os leitores e amigos da Revista Conexão Literatura Boas Festas, e que os símbolos da bondade e da fé estejam presentes em todos os dias de nossas vidas, forte abraço e obrigada por estarem conosco nesta jornada literária!

Miriam Santiago: jornalista - atua em Assessoria de Comunicação - e também formada em Letras. Publicou em diversos livros de gêneros diversificados, porém, sua predileção é o fantástico. Escreve contos, minicontos e crônicas. Gosta também de ler e fotografar. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, cursos e exposições, entre outros. Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com> - Contato: miriansssantos@gmail.com

DIVULGAMOS
LIVROS, TEXTOS,
CONTOS, POEMAS,
CRÔNICAS, ARTIGOS,
EMPRESAS,
BLOGS, SITES,
ETC.

ESCOLHA O SEU
PACOTE DE
DIVULGAÇÃO E
GARANTA
JÁ A SUA
PUBLICAÇÃO!

AQUI VOCÊ ENCONTRA
EXCELÊNCIA NO
ATENDIMENTO
E QUALIDADE EM NOSSO
TRABALHO!

CLIQUE NO BOTÃO ABAIXO:



POR MOLLERO TOMÉ

CONTO
VERÃO DE 79



Conto

A Sexta-feira anoiteceu quente, com um calor típico antes do verão que trouxe para a cantina da vila muitos amigos, entre eles, dois recrutas no serviço militar, o Atirador MO e o Soldado TJ servindo no mesmo quartel, junto com Queixada que não havia conseguido passar nos testes permanecendo com seus cabelos longos, sentados na mesma mesa jogando conversa fora. Um Fusca verde estacionou em frente à cantina pouco tempo depois de terminarem a primeira garfa de cerveja, da janela um rápido aceno antes de entrar na cantina, era o Cabo D, uma amizade recentemente construída nas fileiras do quartel.

Antes mesmo da próxima rodada, o Cabo D fez a proposta para descerem rumo ao litoral, como não chegavam a uma conclusão sobre qual praia ir o Atirador MO disse:

— Sem destino certo gente, vamos pegar a estrada e depois entrar numa rua qualquer para ver onde vai dar.

A ideia foi aceita, saíram para a aventura, antes passaram na casa de cada um para pegar roupas, toalhas e após uma breve parada para comprar filme fotográfico, logo estavam na estrada, no fusca verde a frente o Cabo D dirigindo e Soldado TJ no banco carona, no banco traseiro o Atirador MO e o Queixada, quase ao terminar a descida da serra Cabo D disse para ficarem de olho nas placas.

— De forma alguma Cabo D, se olharmos as placas saberemos para onde estaremos indo, entra nessa estrada, segue em frente, quando algum de nós falarmos aqui, você entra e vamos ver o que acontece. Disse o Atirador MO.

E logo após ouvir um “entra aqui” o Cabo D cruzou a pista entrando em uma rua escura, de paralelepípedos bastante desconforme misturada com pedras e cheia de buracos, virando por varias ruas sem saber onde estavam, conseguiram chegar à avenida da orla na praia quando o soldado TJ perguntou.

— E agora, direita ou esquerda?

— Direita, ou melhor, esquerda, pois a esquerda vai para o sul e não existem mais sereias nos mares do sul. Respondeu o Atirador MO.

Cabo D seguiu a sugestão, não sabem quantos quilômetros ou muito menos quanto tempo percorreram até avistarem do lado oposto da avenida algumas garotas sentadas no muro de frente a um prédio, passaram olhando, mexeram e as garotas riram, foi o suficiente para decidirem voltar para tentar conhecer e conversar.

— Ou elas riram da gente ou riram para a gente, precisamos saber qual é a delas? Disse o soldado TJ.

Em meio das garotas havia um garotinho com uma bola e o Atirador MO junto do Queixada, convidaram o garoto para bater uma bolinha na calçada de areia. Enquanto o Cabo D e o Soldado TJ começaram a puxar conversa com as garotas.

— Vocês são daqui? Perguntou o Cabo D.

— Somos de São Paulo e estamos passando o feriado, meu pai tem casa ali — respondeu uma moça apontando a direção da casa.

— Vocês vão ficar onde? — perguntou a garota loirinha.

— Não temos onde ficar, vamos dormir no carro mesmo, precisamos ir embora amanhã que o meu amigo entra em serviço no domingo. Respondeu o Soldado TJ.

Alguns minutos depois uma mulher apareceu no meio da rua chamando as garotas para entrarem, sendo que uma delas foi à frente, conversou com a mulher e voltou dizendo que poderiam dormir no quartinho dos fundos da casa, se quisessem. Elas foram andando em direção a casa e os quatro conversaram para resolver se ficariam ou se iriam embora.

— Não sei gente, ninguém convida estranhos para dormir no quarto dos fundos assim, sem mais ou menos, acho que é fria — falou preocupado o Queixada.

— Estamos em quatro, são só três moças um garotinho e uma mulher, acho que não tem perigo. Disse o Atirador MO.

— Não sei, são muito novinhas devem ter uns 15 anos melhor a gente seguir viagem. Falou o Soldado TJ.

— Eu gostei da moça que estava conversando e quero ficar, ela tem 20 anos, é irmã da morena e do garotinho, Já a loirinha é só uma amiga — disse o Cabo D.

Manobrando o carro para estacionar de frente a casa, se apresentaram a mulher com o nome de Dona G, que os fez caminhar até a porta da sala aonde foram apresentados a um homem que os fez baterem continência, pois ele era Tenente Coronel da Polícia Militar.

— Eu autorizo vocês dormirem esta noite no quartinho dos fundos, sem bagunça que eu ficarei atendo — disse o Senhor Tenente Coronel.

Ao entrarem no quartinho que era cercado por alguns beliches amontoados, espremidos entre as paredes e com um leve cheiro de mofo, cada um foi se ajeitando em um, enquanto Cabo D ficou conversando com a garota noiva sentados na porta de entrada. Pouco depois chegaram à moreninha e a loirinha, começando uma conversar para se conhecerem.

Queixada preferiu se concentrar no livro para a prova da segunda feira, enquanto devido à proximidade de posição, a loirinha começou a conversar com o Soldado TJ e próximo da moreninha o Atirador MO ficou conversando com ela, porém de tempos em tempos

os olhos dele e da loirinha, fazendo-os sorrirem um para o outro, e com o tempo acabaram todos interagindo com todos, várias risadas perto das 23 horas, quando a Dona G veio chamar as garotas para irem dormir.

Porta do quartinho fechada, eles começaram a comentar sobre a sorte de viajar assim, sem destino certo e de terem encontrado um lugar para dormir até o Atirador MO falar:

— Será sorte? Olhem para esse quartinho, cheirando mofo ou podre, repararam naquela porta nos fundos, quem faz um quartinho com duas portas e sem nenhuma janela?

Todos pararam de conversar e ficaram um olhando para o outro enquanto o Atirador MO continuou a expor sua teoria.

— Caras, eu acho que caímos numa fria, devem estar esperando nós apagarmos as luzes para poderem entrar por essa outra porta e acabarem com a gente, talvez algum tipo de ritual, não sei, uma seita ou sei lá o que, melhor ficarmos espertos, alguém tem que ficar de plantão.

Achando que o Atirador MO estava viajando ou delirando, começaram a rir e caçoando dele foram deitar, porém nenhum deles conseguia dormir, ainda mais quando começaram ouvir barulho de madeira ecoando de vez em quando no silêncio escuro do quartinho e ficaram apavorados, até perceberem que vinham de um cabo de vassoura no chão que o Atirador MO mexia com as mãos, enquanto fingia dormir, mas aí o dia já estava clareando.

Ao Abrirem a porta na manhã seguinte, as garotas haviam ido para a praia, eles tomaram o café oferecido pela Dona G, logo após foram ao encontro delas. Caminharam uns 50 metros até avenida da orla, em pouco tempo avistaram o garotinho brincando sozinho com a bola, ao chegarem o Cabo D sentou ao lado da Cris continuando a conversa da noite anterior, os outros três foram jogar bola com o garotinho.

Vendo a loirinha caminhando em direção ao mar, o Atirador MO deu um chute na bola para a mesma direção e saiu correndo atrás, gritando para a loirinha parar a bola, coisa que ela fez e assim que chegou perto, o Atirador MO chutou bola de volta para os rapazes e foi para o mar com a loirinha.

Conversando bem próximos entre as ondas, lá da areia quase era possível ouvir a batida dos corações dos dois, não se sabe quantas ondas pularam, nem quanto tempo eles ficaram brincando no mar, mas ao deixarem as águas voltando em direção ao pessoal, o Atirador MO se aproximou da loirinha, pegou em sua mão, puxando para próximo de si e a beijou. Beijo correspondido ao mesmo tempo em que os braços envolveram os corpos num abraço carinhoso.

Ao terminarem, olharam um para o outro por um momento, parados, corpos colados, com as águas batendo em seus pés olharam para a praia rindo.

— Eu achava que você estava interessado na nela, vocês ficaram conversando ontem — disse a loirinha.

— Foi só um disfarce, conversava com ela e olhava para você que aprecia não querer conversar comigo. Falou o Atirador MO.

— Também sei disfarçar — respondeu a Loirinha

De mãos dadas foram caminhando até o local onde estavam os outros e ao chegarem todos ficaram surpresos com a alegria do novo casal formado naquele dia ensolarado próximo do verão de 1979. Sentados a vontade nas areias da praia até próximo do almoço, quando retornaram para casa, após banho, trocaram de roupa para almoçar, lado a lado Atirador MO e a loirinha não soltaram as mãos um do outro, pouco antes de irem embora realizaram uma sessão de fotos, varias fotos separados, todos juntos e misturados na frente do Fusca Verde.

Depois daquele beijo nas areis da praia, o tempo para os dois parece ter acelerado, mesmo acontecendo muitos beijos depois, a hora de partir cada vez mais próxima fez com que ficassem um pouco tristes, a tensão às 16 horas no beijo aquela vontade de ficar, a alegria no olhar cedeu à tristeza quando eles entraram no carro e o Cabo D deu partida, saindo em direção à avenida da orla, com os olhos ela seguiu o carro e viu o Atirador MO olhando para ela sorrindo e acenando um adeus enquanto a loirinha ficava imóvel parada no meio da rua acenando de volta para ele.

— Temos dois apaixonados nessa viagem — queixada falou.

— Eu não estou, ela esta noiva e vai casar no inicio o ano — disse o Cabo D.

— O corpo não diz que a loirinha tem só 14 anos, fazer o que, foi lindo — falou o Atirador MO

— Pode ser chave de cadeia, por isso fiquei só de papo — disse o Soldado TJ.

— Chave de cadeia ou não, vai saber, o cabo D ficou com endereço e telefone delas, semana que vem vamos saber — disse o Atirador Mo.

— Vai ficar conhecido como Atirador “papa anjo” — disse rindo o Soldado TJ.

Na segunda feira, uma das garotas conseguiu junto ao serviço de informações o numero do telefone do quartel, mas a ligação caiu na sala do comandante, que mandou chamar os dois e informou que eles estavam sendo transferidos para outros quartéis, na rápida conversa antes de se despedirem Atirador Mo se deu conta que somente o Cabo D tinha o contato delas.

— Cabo D, você ficou com o endereço delas? — perguntou o Atirador MO.

— Joguei fora, ela vai casar — respondeu o Cabo D.

— Você é louco, agora como vou falar com a loirinha? — falou o Atirador MO.

— Desculpa, nem pensei em vocês. Respondeu o Cabo D

— Lembra-se da praia que estávamos? Perguntou o Atirador MO

— Acho que era a Praia Grande Respondeu o Soldado TJ

— A Praia Grande é grande, precisamos lembrar o nome da praia ou bairro ou nome da rua.

— A ideia de sair sem saber pra onde ir foi sua. Disse o Cabo D

— Minhas ideias são um pouco precipitadas, mas são muito boas. Disse o Atirador MO

Todos ficaram quietos, olhando um para o outro sem que ninguém se lembrasse de nada, nem da cor do prédio na esquina da casa. Triste com a transferência e de não ter como entrar em contato, Atirador MO acabou até esquecendo-se das fotos tiradas e meses depois quando mandou para a loja revelar já era tarde, o filme estava estragado.

E assim aconteceu uma historia de paixão nas areias da Praia Grande no verão de 1979.



Mollero Tomé o pseudônimo de Roberto Molero nascido em 1960 na cidade de Santo André em São Paulo, filho de um pedreiro e uma tecelã, teve uma infância discreta na classe media andreense, estudando sempre em escolas publicas. Técnico em Comercio iniciou sua vida profissional aos 18 anos, atuando em empresas da região do Grande ABC nas áreas de Produção, Manutenção, Qualidade e Projetos Avançados, desde que se afastou das atividades nas indústrias reencontrou a escrita, onde passou a compartilhar historias em forma de livros, contos ou poemas.

POR MÓNICA PALACIOS

CONTO
CADEAUX



- Já está hiper imobilizado.
- Cuidado agora, a tesoura está muito afiada, um movimento pode machucar.
- Entendi... pero começa da cola para o pescoço...
- Não, se queremos que pareça um teclado, e do pescoço até a cola.
- Devagar... não vá tão fundo... há bemoles e sustentidos no teclado...
- ...
- Ele está começando a se impacientar. Vai logo!!!!
- Só duas teclas a mais e acabamos a escala musical completa.
- Acho que a nota sol está muito estreita...
- Miau!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! Miau!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!#**#!&%
- Pega firme!!!!!!!!!!!!!!quer se escapar!
- Tudo bem... abre a porta e deixa sair para relaxar.
- Ficou legal, aquele corte tão musical como nunca tínhamos visto. Uma experiencia e tanto!!!!!!!!!!!!!!
- O próximo será Aramis... ele tem pelos mais longos precisamos imaginar algo diferente.

Só vi sair a Cadeaux com os pelos cortados como um teclado, irizado e desconcertado.

As crianças apareceram, suadas, olhos brilhando, indo à cozinha tomar um suco. Pareciam satisfeitas porque seu plano tinha acabado com final feliz e Cadeaux estava inteiro.

Não quero nem imaginar a reação dos pais quando acordarem.

Mónica Palacios

É Bacharel em Castelhana, Literatura e Latim - Professorado Mariano Acosta (1976) e Mestrado em Letras (Teoria Literárias e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000), Doutoranda na Universidade de Cândido Mendes em LIJ, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol, material didático para o ensino do espanhol e ensino de espanhol.

É autora de 3 livros infantis: Cartas de Manú e Aventuras de Filipo (Livrus) e Medos? Nunca Mais!, pela Soul Editora.

POR NEY ALENCAR

CONTO
POEIRA DA LUA



Conto**R**ecife, 14 de julho de 1969.

Antes do princípio não havia nada, depois veio o Ragnarok e o Cristianismo, a Idade da Razão, o Iluminismo e tudo se transformou, e depois do fim tudo tornou ao princípio.

O homem grisalho de um olho só tomou um gole da cerveja gelada à sua frente e olhou em volta. O bar era um dos muitos na beira da praia, à sua frente as areias amplas estavam cheias de pessoas, famílias e outros sozinhos, aproveitando o calor do sol tropical. O homem grisalho olhou com seu único olho para o disco do sol brilhando no céu e fez uma prece à ele. Ao seu lado uma sombra alta surgiu! Era um homem também grisalho, o nariz aquilino e os dois olhos brilhantes como de águia diziam seu nome, não usava camisa, apenas um calção folgado e sandálias brancas. Um pingente com a forma de raio pendia de uma corrente de ouro em seu pescoço.

— Saudações velho amigo! — cumprimentou o recém chegado — Sua prece à meu filho é benvinda!

O caolho sorriu e ofereceu a cerveja gelada. O recém chegado aceitou o copo e bebeu.

— O hidromel lhe cai melhor, mas hoje em dia é tão difícil encontrar alguém que o faça como antigamente. — falou o recém chegado.

O caolho sorriu.

— Sente-se meu amigo! Disfrute deste fim de tarde comigo.

O outro sentou-se. Eles conversaram, riram e se vangloriaram de seus feitos e de suas histórias, e a tarde caiu e a noite veio. O céu sobre o mar se encheu de estrelas e a lua saiu, bela, de debaixo das águas. Os copos vazios encheram a mesa.

— Como está seu filho? — perguntou o Tonante — Ele não ficou feliz com a guerra do outro lado do mar.

— Realmente! Ele não gostou de ver seu nome envolvido naquilo.

— Ele sabe da próxima que será ainda pior?

— Sim, já conversei com ele sobre isso. Não ficou muito satisfeito. Foi para o sul. Ouvi dizer que apareceram Trolls por lá, foi caçar um pouco para distrair-se. — contou o caolho esvaziando outro copo.

Então o Tonante sorriu e perguntou:

— Não estamos aqui somente para beber e conversar, não é?

O caolho balançou a cabeça negativamente.

— Não, você tem razão. Temos um assunto bem sério à discutir.

Bebeu um grande gole de cerveja e olhou para a lua. O outro seguiu seu olhar.

— Eles estão indo! — disse o caolho com um tom grave — Vão descer lá daqui há alguns dias!

— Não! — o homem do raio fechou o cenho — Já discutimos isso antes, quando aquele francês louco começou a escrever aqueles livros com aquelas ideias absurdas de ir à lua em uma bala de canhão. Não!

— Todos nós tivemos que fazer concessões, meu amigo! — contemporizou o caolho.

— Você já tentou falar com ela? — sorriu de volta o Tonante.

O caolho não respondeu. O outro continuou:

— A lua é um protetorado hostil! Não é apenas ela, são todos os outros.
 — Temos que negociar um acordo! A data já foi marcada, não há volta! — explicou o caolho com razão na voz,
 — Quem o contatou? Foi Miguel?
 O caolho balançou a cabeça e sorriu:
 — Lúcifer falou com Loki ontem em Amsterdam! — confidenciou o caolho e diante do espanto do Tonante riu alto — Eu também fiz essa cara quando ele me contou.
 — Apesar de já saber de tudo, eu suponho!
 — Meus corvos são espertos! — o caolho deu de ombros.
 — Hermes não me disse nada. O que ele falou?
 — Ele quer que eu seja o intermediário!
 — Entre o Olimpo e o Céu? — perguntou o Tonante incrédulo.
 — Sim. — confirmou o caolho.
 — E o que você respondeu?
 — Que seria muito divertido tentar! — riu alto o caolho.
 Os dois riram muito! Mas sabiam que aquilo ia muito além da piada!

*

Flórida, Cabo Canaveral, 15 de julho de 1969.

O pequeno restaurante de frutos do mar estava quase vazio. Construído de frente para o Cais do Pescador, tinha uma ótima vista do local de lançamento de foguetes da base americana. Havia apenas um cliente em uma mesa na varanda, um homem grisalho de um olho só. A tarde passou devagar. O sol já estava se pondo quando uma figura alta em um sobretudo preto entrou pela porta. Os cabelos negros eram compridos e lisos e os olhos negros como azeviche. O caolho sorriu.

— Estrela da Manhã! Que prazer encontra-lo aqui.

O homem sentou-se.

— Sabe, sempre pensei que você e Loki fossem parentes! — refletiu o caolho sorrindo com uma piscadela — Você me lembra muito ele!

O homem sorriu.

— Sempre cortes não é Odin Um Olho!

O caolho fez um cumprimento com a mão agradecendo.

— Ela ainda não veio? — perguntou a Estrela da Manhã.

— Deve chegar com a lua. Sabe como é... tudo é uma questão de entrada.

Beberam e conversaram até que a lua nasceu, grande e luminosa, cheia, seus raios descera sobre o mar como um tapete de fios de prata. Ela veio caminhando pelo luar. Os cabelos compridos e loiros desciam até a cintura, o nariz aquilino enaltecia as maçãs rosadas de seu rosto e seus olhos verdes pareciam refletir a água do mar. Sentou-se de frente para o homem de preto. Não sorriu!

— Seja bemvinda Selene, Senhora da Lua! Nós a saudamos! — cumprimentou o caolho.

A mulher fez um cumprimento com a cabeça e sorriu.

— Sempre Gentil, Odin Muitos Nomes! Porque me convidou à vir aqui? Este não é um lugar neutro e não acredito que seja bemvinda. E porque ele está aqui?

— Vejo que conhece a Estrela da Manhã!

— Sim, eu o conheço desde antes da antiga Babilônia surgir das águas dos rios, quando nossos nomes eram outros ainda!

— Não quis apontar nenhuma idade! — desculpou-se o caolho — Ele veio aqui representando o Céu!

— O Céu está interessado em mim? — perguntou ela sem entender.

— Não diretamente em você. — começou a explicar o caolho — Estão interessados no que vai acontecer daqui há um dia na lua!

— Nada vai acontecer na lua! — respondeu ela com a voz zangada.

— Bem, é justamente por isso que vocês dois estão aqui! Vou explicar assim, o homem, este ser pequeno e frágil que guardamos sob nossas proteção, sempre desejou chegar às estrelas e enquanto era jovem tinha sonhos sobre isso, nós somos culpados pois nós os colocamos lá, em suas memórias e em seus desejos. Ele amadureceu e criou as possibilidades para realizar este sonho, porém agora que pode fazer isso ele olhou primeiro para a lua, pois ela está mais próxima que as estrelas brilhantes e fugidias. É seu sonho romântico que se realiza!

— Minha lua! — falou a mulher com um tom possessivo na voz.

— Sim! Ele tem os meios de chegar até ela, de descer lá e andar por lá. Por isso vim intermediar os termos para que isso possa acontecer.

— Porque eu deixaria isso acontecer? — retornou ela sorrindo maliciosamente — Sabe o que aconteceu com todos aqueles russos que tentaram antes deles? Nenhum homem colocou os pés na lua até hoje.

— Mas eles enviariam sondas não tripuladas! — tentou argumentar Lúcifer.

— Nenhum homem colocará os pés na minha lua! — falou ela levantando-se — Ela não é terra de homens!

— O que você tem hoje? — perguntou o caolho tocando sua mão — O protetorado da Lua? O que ele é senão uma terra nua e sem vida não é? Um deserto do espaço cercado de nada. Mas e se eu lhe disser que tenho fontes, fontes verdadeiras, e você conhece minhas fontes, que dizem que no futuro haverá cidades na Lua e países como aqui? Você seria Rainha de um protetorado tão valioso como todas as nações deste planeta!

— E o que ele tem a ver com isso? — perguntou ela apontando para Lúcifer.

— Como disse ele representa o Céu e o Céu é o dono dos Estados Unidos!

— Achei que eles não tinham dono. Sabe a Terra da Oportunidade!

— Bem — interveio Lúcifer — Isso é meio complicado. Atualmente temos um triunvirato por aqui, foi muito difícil redigir os termos, mas finalmente encontramos um consenso.

— Você sabe que os humanos jamais vão concordar que Iavé, Allah e o Deus Cristão são a mesma pessoa não sabe? — riu o caolho, divertindo-se com a idéia.

— Eu sei, é um Mistério! Mas eles não sabem, assim fica tudo como um só Trono e um só Rei! — explicou a Estrela da Manhã sorrindo e voltando-se para a mulher completou tentando sorrir — E somos nós que estamos enviando os primeiros homens para a lua!

Selene riu!

— Foi por isso que Zeus veio conversar comigo! Ele quer que eu aceite seus termos! Diz que é bom para os negócios.

— Exatamente! — sorriu o caolho — Expliquei os termos para ele e vou explica-los para você. Não tem nada a perder e pode ganhar muito!

Selene olhou dentro do único olho, escuro e insondável, viu seu reflexo nele, e sorriu!

*

Flórida, Cabo Canaveral, 16 de julho de 1969.

O pequeno restaurante de frutos do mar estava cheio. As pessoas se amontoavam sobre as janelas e pela amurada do cais para ter um vislumbre do local de lançamento de foguetes da base americana. Havia um especialmente marcado para aquele dia, às 13 horas e 32 minutos!

Sentados em uma mesa mais distante da aglomeração estavam dois personagens inusitados, aos quais ninguém parecia ligar, nem mesmo ver. Um deles grisalho, com um olho só, trazia na mão uma bengala de castão negro e dois grandes lobos cinzentos ao seu lado. O outro pouco mais alto, também grisalho, com o nariz aquilino tinha na mão direita um pequeno raio brilhante que parecia colear e brilhar como se estivesse vivo. Um sorvia hidromel de um copo em forma de chifre enquanto o outro bebia néctar de um cálice de ouro. Odin Um Olho observou a silhueta pequenina do foguete que subia desesperado tentando alcançar o espaço.

— Eles estão crescendo rápido demais! — falou Zeus com um semblante meio preocupado — O que será que virá a seguir?

— Quem sabe? — respondeu Odin pensativo, lembrando as palavras da Norne — Tudo o que já foi tecido terminou! Cabe à eles tecerem seu próprio destino!

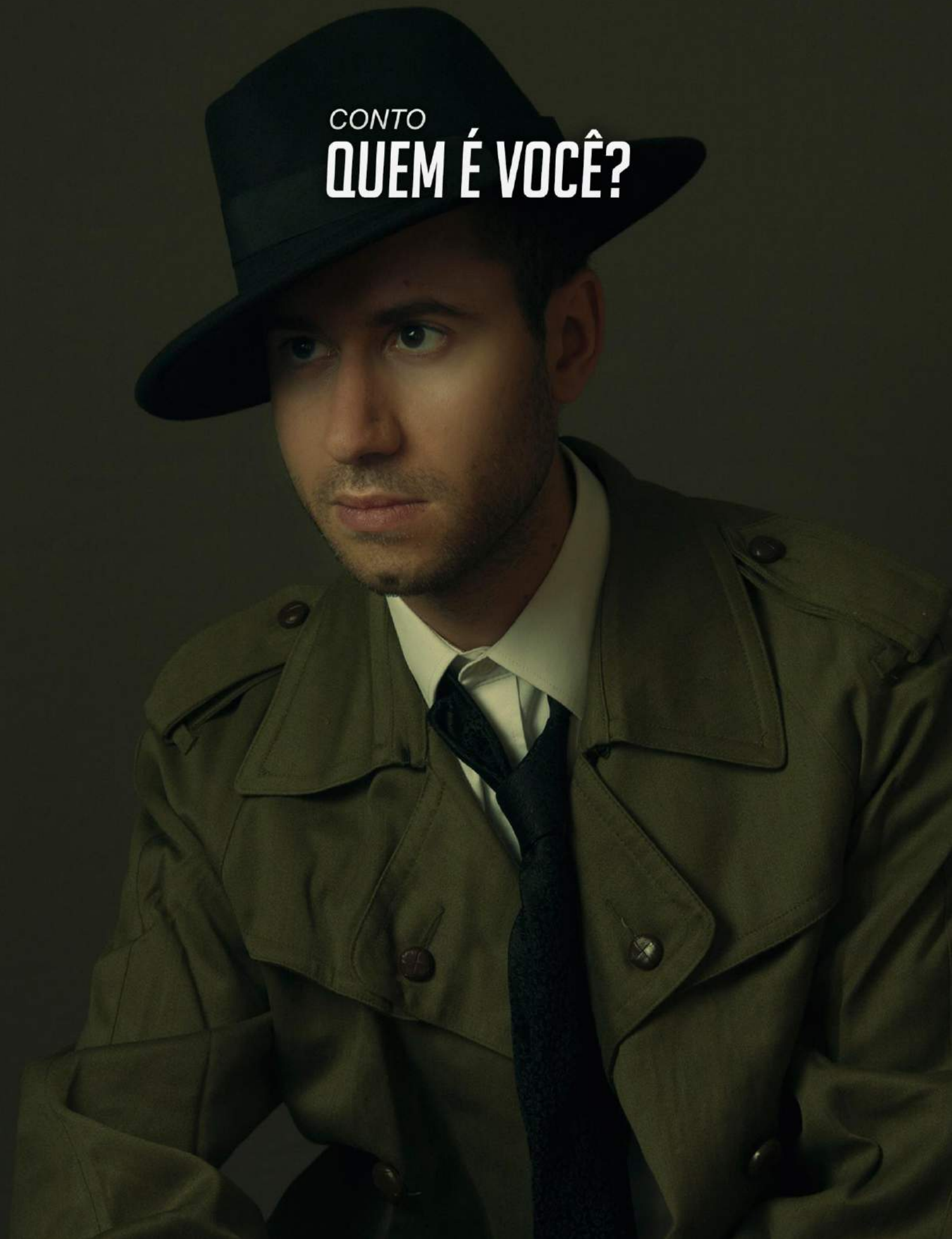
Bebeu um grande gole de hidromel do chifre à sua frente.

— Bem, agora eu gostaria de falar sobre Martel! — sorriu o caolho dando uma piscadela cínica.

Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Contos publicados em 15 e-books (Histórias para Ler e Morrer de Medo I, II, IV, V e VI, Van Helsing Caçadores de Monstros, O Livro dos Mortos, Antologia de Ficção Científica I e II, No Refúgio dos Corvos, Bruxas II, Contos e Poemas Assombrosos I e II, Sobrenatural e Revista Conexão Literatura Setembro/2021) e em 21 antologias de contos (Do Meio do Espaço Chegou, Malditos Lobisomens, Smash, Cartas ao Mar, Bestiário, Era uma Vez, Excalibur, Phantastikós, Portais, Terra do Nunca, Bloody Mary, Slashers, Cine Trash, Cataclismo Bestial, O Amor vem das Estrelas, Pátria Amada Brasil, Chamado das Sombras, Labirintos, Horror Além da Compreensão, Caminhos Escuros, Maldição do Holandês Voador, Um Susto Danado).

POR NEY ALENCAR

CONTO
QUEM É VOCÊ?



Conto

Quatorze Linhas sobre um Crime
 Quem é você que está faminto?
 Sua mentira é vermelha como sangue,
 Sua cicatriz blasfema rescende à sangue,
 Seu desejo espúrio te consome!

Quem é você que se alimenta da Morte?
 Você está dentro das trevas e
 As trevas são sua própria sombra,
 Sua dor é viver eternamente!

Quem é você que devora os vivos?
 As correntes que te assombram
 São os gritos e as lágrimas dos fantasmas,
 Daqueles que mataram sua fome!

Quem é você que ama? e
 Quem é você que mata?

A garganta estava lacerada de uma tal maneira que nenhum ser humano poderia fazer aquilo, ainda sim todo meu instinto me dizia que não havia sido feito por um animal!

Quem fez aquilo tinha sede e fome de matar!

Nunca me deparara com um caso assim antes e já era detetive há quase vinte e dois anos, mas tudo ainda me parecia tão irreal, tão inacreditável!

Havia acontecido de noite em um lugar deserto, uma rua qualquer, escura e desconhecida, afastada das ruas largas onde o fluxo de vida errava mais caudaloso, mas poderia ter sido no meio de uma multidão que não teria feito diferença porque quem o fez não escondeu o que fez nem porque fez.

A garganta lívida e exangue contava a mesma história todas as vezes que a olhava.

O resto do corpo intocado era apenas um invólucro vazio, apenas os olhos cor de mel contavam sobre o horror que haviam visto e a boca de lábios finos aberta em um grito mudo tentava contar sobre o desespero que a silenciara.

Não havia sorriso, apenas o reconhecimento da morte inelutável!

Não havia uma gota de sangue nas roupas da vítima, ou da presa, pois aquele ataque era o trabalho de um predador insaciável, destituído de qualquer humanidade, ainda que andasse como os homens e entre os homens.

Havia apenas as marcas da fome ali, o cheiro estava em todo o lugar, voluptuoso, denso e encorpado, o cheiro de cobre, forte, o cheiro vermelho daquele sangue invisível e lubrifico. Consumido de maneira tão abominável e destituída de misericórdia.

Eu o sentia porque seu odor penetrante entranhava-se em tudo como um perfume barato e lascivo!

O jogo dos braços, brancos, quebrados, em sua posição amedrontada compactuava silenciosamente com o jogo das pernas, torcidas em uma posição antinatural e impudica. O mundo negro da noite, salaz em sua existência bruta, fazia o tempo passar como um silêncio morno que caía, sedento, sobre tudo aquilo.

Uma ânsia estranha preenchia meu peito! Quase como uma epifania libertina!

Um vazio que fazia meu estômago doer e licenciosamente me enrijecia, perversamente!

Porque não conseguia me afastar do corpo? Aquelas feições me consumiam e me assombravam, mesmerizavam meu olhar com uma paixão abominável.

Aquela pele branca, sedosa e fria me atraía como uma luz blasfema e concupiscente atraindo as mariposas em direção à Morte!

Rodeei aquele cadáver em uma dança sórdida de sangue carmesim e lágrimas envenenadas, que me assombravam como fantasmas indecentes.

Não conseguia tirar meus olhos dele, estava preso inexoravelmente a sua matiz alquebrada.

Mordi o lábio, o gosto ferruginoso do sangue me tirou daquele estupor e senti meu coração palpitar mais forte dentro do peito... não... não era meu coração... era alguma outra coisa, pois ele já não batia mais.

Os outros já haviam ido embora há muito tempo, eu continuava voltando, sem ter para onde ir, procurava pelo sangue furtado de maneira tão acintosa.

Quem roubaria aquele sangue? Quem o engoliria?

A fita de seda vermelha que pingava de meu queixo me lembrou do que eu também era, me lembrou daquilo que também me consumia e de meus próprios fantasmas que assombravam meus dias em pesadelos diurnos, esdrúxulos como uma noite de travessuras adúlteras.

Conheço aquela fome intestinal que devora e mente e faz gritar a boca voraz em seu anseio perpétuo.

Quando me lembro do tempo em que passei como parte daquele imenso rebanho do qual agora eu também me alimentava, dentro do qual caçava e bebia daquele caudaloso rio vermelho, aquelas feições dos que antes me eram caros pareciam se desvanecer como nuvens de fumaça em um nevoeiro mais denso, amalgamando-se em uma roda concupiscente de prazer e dor.

Essas memórias cada vez mais tornam-se como sonhos distantes, escapulindo de mim para longe, por entre meus dentes, como se fossem tangidas por um vento forte de verão de uma tarde esquecida da infância.

Mas a maré assediante do chamado do vazio que me compele à me alimentar a cada noite me enlouquece como o ciciar das folhas tangidas pelo vento.

Me esqueço e me recorro à cada noite tentando preencher as lacunas e os rasgos que exorcizam minhas lembranças com seus laivos de dor e melancolia, ansiando por alguma coisa que jamais saberei o que é, mas que sei que é inatingível!

O vento rodopiando ao redor do cadáver me traz o vislumbre de um pequeno fantasma branco como papel, teimoso em mostrar-se e em esconder-se.

Havia apenas algumas palavras escritas em uma letra garranchuda no pedaço de papel amassado ao lado do corpo.

Estranhamente era minha letra em uma tinta vermelha que cheirava à cobre e que
conspurcava a brancura do papel com suas formas estriadas.

Li como se fossem um poema, mas eram a presença da Morte!

Um rasgo aberto,
Jorrando sangue!



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Contos publicados em 15 e-books (Histórias para Ler e Morrer de Medo I, II, IV, V e VI, Van Helsing Caçadores de Monstros, O Livro dos Mortos, Antologia de Ficção Científica I e II, No Refúgio dos Corvos, Bruxas II, Contos e Poemas Assombrosos I e II, Sobrenatural e Revista Conexão Literatura Setembro/2021) e em 21 antologias de contos (Do Meio do Espaço Chegou, Malditos Lobisomens, Smash, Cartas ao Mar, Bestiário, Era uma Vez, Excalibur, Phantastikós, Portais, Terra do Nunca, Bloody Mary, Slashers, Cine Trash, Cataclismo Bestial, O Amor vem das Estrelas, Pátria Amada Brasil, Chamado das Sombras, Labirintos, Horror Além da Compreensão, Caminhos Escuros, Maldição do Holandês Voador, Um Susto Danado).

POR ROBERTO SCHIMA

CONTO

O SILÊNCIO DAS FLORES



Conto

Penelope Seymour McKenna.

Aos setenta anos, a veterana atriz inglesa continua a resplandecer a elegância e a beleza que a notabilizaram na juventude. O que ela veio fazer num obscuro país do Terceiro Mundo é um mistério ao qual pouco fez para esclarecer. Uma filmagem foi adiada. Paparazzi foram despistados; os mais sagazes, atrevidos e insistentes, afastados de modo enérgico por seus seguranças.

— Deixem-me a sós, por favor — diz ela ao inquieto líder dos guarda-costas —, exceto por Kevin.

Kevin é o seu intérprete de Português que residiu alguns anos no Brasil.

— Vamos lá, Kevin.

— Sim, Sra. McKenna.

Ela para e, séria, encara o intérprete.

Sem graça, ele se corrige:

— Sim, Penny.

Ela sorri.

— Bom menino.

Essa pequena cena pode dar a impressão de ser ela uma estrela temperamental. Não é. Procura ser o mais informal possível dentro de sua posição, pois assim foi criada desde suas origens humildes na pacata cidade de Whitby, às margens do Mar do Norte, onde as águas são gélidas e o céu sempre cinzento. A fama foi uma consequência de seu êxito enquanto atriz, contudo, nunca se sentiu confortável diante dela, tampouco feliz.

Trajando um vestido simples, sem ostentações, caminha pelo interior do cemitério até o local onde, habitualmente, são realizados os velórios. Não há velório algum ocorrendo no momento. Isso foi planejado para que haja o máximo de privacidade tanto por ela quanto pela pessoa que a aguarda.

Haviam dito que o brasileiro, por natureza, não é pontual, entretanto, a viúva já se encontra no local. É cerca de dez anos mais jovem do que a atriz.

— Muito prazer, Sra. Silva — cumprimenta através do intérprete. — Meus pésames.

— Obrigada, Sra. McKenna. Nem posso acreditar que esteja aqui.

— Nem eu — confessa. — O que pode me contar sobre seu marido?

D. Cristina Silva, a viúva, diz sem rodeio:

— Alberto a amava profundamente.

A atriz fica sem palavras. Enquanto estrela de cinema, ouviu milhares de galanteios, frases de admiração e toda sorte de comentários que elogiavam seu talento e beleza. De tão calejada, sequer devia sentir algo. Mas foi afetada a ponto de cruzar o oceano. Apercebeu-se disso faz algum tempo, desde que as flores deixaram de aparecer.

— Por favor, conte-me tudo — pede.

— Claro, Sra. McKenna.

D. Cristina a leva até um banco sob uma árvore frondosa. Senta-se insegura ao lado da mulher famosa. Afasta as nuvens de tristeza diante dos olhos e força a memória a recuar quatro décadas.

Enquanto isso, Penelope diz gentilmente:

— Por favor, chame-me de Penny.

No início dos anos 80, quando Alberto Silva contava vinte anos, trabalhava o dia inteiro e estudava a noite no centro de São Paulo. Detestava o serviço e a cidade, trancafiado em um pequeno escritório no vigésimo andar de um edifício na Rua da Consolação. Ao sair de lá às dezoito horas, seguia até o cursinho na Av. Paulista. Era longe e cansativo. Fazia o percurso a pé e, embora não gostasse do caos urbano, da fumaça e da poeira, a longa subida pela Av. Brigadeiro Luís Antônio era uma rara oportunidade para deixar a mente divagar. Após as aulas, tarde da noite, corria para apanhar o ônibus que o levaria até a estação de metrô. Faria baldeação na Sé, tomaria outro metrô e, por fim, mais um ônibus até sua casa. Era o último ônibus naquele horário. Não raro, devido ao cansaço, adormecia na condução e perdia seu ponto, tendo de refazer o caminho a pé, por volta da meia-noite e meia, através das ruas desertas e da neblina que dava às luzes dos postes um aspecto leitoso. Em casa, tomava um banho, comia alguma coisa e, quando a insônia permitia, dormia algumas horas para levantar novamente cedo e seguir sua rotina.

Todavia, tal rotina comum a tanta gente, não era o pior.

Pelo menos desde a adolescência, o casamento de seus pais ia de mal a pior por conta da infidelidade do pai. A esposa tentara ocultar de Alberto, suportando o quanto pôde, até não aguentar mais. Quando veio à tona, toda a amargura emergiu de uma vez, qual o rompimento de uma barragem. Além do adultério, havia tentativa de assassinato contra ela, ameaça a vida de seu filho, além de outros abusos que fizeram sumir qualquer visão infantil que Alberto tivesse sobre uma família ou um lar seguro. Certos jovens revoltavam-se, largavam os estudos, apelavam às drogas, extravasam rebeldia. Alberto, pelo contrário, mergulhou dentro de si próprio. Tornou-se taciturno e solitário. Pensamentos suicidas vinham às vezes, embora sem coragem para pôr em prática. Costumava se ferir a fim da dor física se sobrepor a dor do espírito. Se, em raras ocasiões, sorria, sempre havia algo de triste no fundo dos seus olhos.

Foi assim que, numa noite no cursinho, Cristina tropeçou sobre ele na sala de aula. Podia parecer uma cena clichê de tão banal, mas foi assim que aconteceu. Sentou-se ao lado dele. Conversaram sobre as aulas, os exames, assuntos pessoais. Por mais trivial que fosse, para Alberto representou um facho de luz a romper uma camada de nuvens escuras. Não conseguia se lembrar de ter sido tão feliz.

Numa noite de sexta-feira, procurando ser casual, falou:

— Vou telefonar para sua casa a fim de te dar "boa noite".

Que cabimento havia em telefonar meia-noite e meia para a casa de alguém e desejar boa noite, tendo se despedido da pessoa momentos antes? Todavia, a paixão carecia de lógica.

Assim aconteceu e, quando viram, avançaram madrugada adentro até quase quatro horas da madrugada. Então, ele confessou:

— Eu te amo.

Era uma espécie de tudo ou nada.

Felizmente, não foi rejeitado.

— Também te amo.

Começaram a namorar.

Desnecessário dizer que, se o tempo para estudar era curto, tornou-se quase inexistente. O cursinho — que estava longe de ser barato — foi por água abaixo. Poderia ser contabilizado como uma perda, mas, para Alberto, a felicidade que sentia não tinha preço. Namoravam num cantinho perto de uma escadaria de cimento. Tornou-se o seu oásis à custa da perda de uma ou outra aula mais chata.

Nos finais de semana, passeavam.

— Vamos?

— Aonde?

Zoológico.

Horto Florestal.

Parque do Ibirapuera.

Feira da Praça da República.

Nesses locais, aos poucos, a jovem Cristina soube das aflições de Alberto. Ele contou tudo. Nos olhos dele, leu, além do carinho por ela, o alívio por desabafar o que o atormentava.

Certa noite, Cristina sugeriu:

— Vamos ao cinema? Está passando um filme romântico.

— Qual?

— Chama-se *Um abismo entre nós*. Um colega do serviço indicou. Tem uma atriz que mencionou ser a mais linda que já viu. Também achou a música muito bonita. Vamos?

— Vamos — concordou Alberto, menos pelo filme e mais por ficar junto a Cristina.

Numa época na qual proliferavam filmes que iam da truculência de exércitos de um homem só a vilões sobrenaturais fatiando adolescentes irritantes, *Um abismo entre nós* surgiu como um bálsamo. Tratava-se de uma história de amor impossível, ambientada em fins do século XIX entre uma aristocrata e um jovem operário. O vácuo social que os separava fora primorosamente demonstrado através dos cenários deslumbrantes, dos figurinos cuidadosamente estudados, da atuação comedida de Penelope e dos rompantes exagerados de seu colega de elenco. Sua personagem, Denise, era uma mulher traída pelo marido. Descera um abismo existencial até conhecer a alegria bruta e espontânea do operário, lutara por reconstruir sua vida ao lado dele à revelia da família, do ciúme do cônjuge, do puritanismo da época e descobrir-se capaz de amar novamente. A história de amor caminhava para um final trágico, conduzido por uma comovente trilha sonora. A personagem de Penelope era a delicadeza em pessoa, mas forte em suas convicções. Movia-se suavemente, quase como se flutuasse. Sua voz baixa fazia o espectador apurar os ouvidos e redobrar a atenção na história. A beleza de seu rosto dava uma secura na garganta. Quando Denise sorria, o público sentia-se feliz. Diante de suas aflições, o coração de cada um via-se apertado. Não havia como não se afeiçoar a ela, compadecer-se de seus dissabores e preocupar-se sobre seu destino. A história terminou com ela dizendo:

— "*O abismo faz parte da vida e, não raras vezes, ele vive dentro de nós.*"

O filme foi um sucesso, demonstrando que, acima do vulgar, do grotesco e do brutal, ainda existia espaço para o romance, a delicadeza e o sonho. Cristina e Alberto foram não somente testemunhas, mas cúmplices do fenômeno, pois assistiram ao filme

diversas vezes. Em uma das ocasiões a sala encontrava-se tão lotada que várias pessoas — incluindo eles — tiveram de se sentar num dos corredores laterais. Em outra, ele levou um gravador de fita cassete escondido na bolsa e, por quase duas horas, gravou o som do filme com direito a chiados, tosses, murmúrios, gente fungando e — queria acreditar Alberto — a respiração dele e da namorada, o escurinho do cinema, a época onde a turbulência familiar dividia espaço com o conforto dos braços de Cristina. O filme e a atriz faziam parte. Era uma maneira de preservar algo daquele momento. No fundo, receava que o relacionamento dos dois não durasse muito, pois não via em si próprio alguém a quem outra pessoa vislumbrasse um futuro. Então, cada fragmento daquele sonho possuía uma importância capital.

Nas semanas que se seguiram, Alberto Silva adquiriu o que pôde referente a *Um abismo entre nós*. Avistou o livro no qual foi baseado na vitrine de uma livraria da Liberdade e, às pressas, entrou para comprá-lo.

— Você está com sorte — falou a balconista. — É o último exemplar.

Nesse momento, uma jovem entrou.

— Quero o livro *Um abismo entre nós*!

A balconista lançou um olhar para Alberto e, antes que ela pudesse dizer algo, mais do que depressa, Alberto deixou o local, firmemente agarrado ao precioso exemplar.

Mais disponível estava o LP com a belíssima trilha sonora. Escutou-a vezes sem conta. Colecionou fotos de jornais e revistas, as esparsas matérias disponíveis sobre o filme. Tudo era muito escasso antes do surgimento da Internet.

Ainda que ninguém na época soubesse, *Um abismo entre nós* destinava-se a se tornar um clássico.

Para Alberto, já era, tornando-se um *cult* inúmeras foram as vezes que assistiu a ponto de decorar cenas e falas das personagens.

Embora o filme não tivesse o mesmo impacto sobre Cristina, ambos passaram a considerá-lo “o nosso filme”.

A vida seguiu seu curso. Os problemas na casa de Alberto se acirraram, culminando num divórcio nada amigável dos pais e sequelas que iriam acompanhá-lo por toda a vida. Contudo, ao contrário do mau pressentimento inicial, Alberto e Cristina se casaram, deixando ele a casa onde tantas coisas ruins presenciara.

O tempo passou.

Adquiriu o filme em fita VHS.

Algum tempo depois, a versão digitalizada em DVD.

Com a evolução da informática, o surgimento da Internet e das chamadas “mídias sociais”, eventualmente, o agora Sr. Alberto descobriu a página da atriz no *Facebook* onde centenas de fãs escreviam para ela. Infelizmente, idiomas nunca foram o seu forte. Não sabia Inglês, exceto palavras ou frases esparsas. Não tendo como expressar sua admiração e agradecimento pelo papel que Penelope representara no antigo filme, começou a enviar imagens de flores na parte destinada aos comentários à cada postagem que Penelope Seymour McKenna realizava. Com o tempo, escolheu flores cujas cores fossem similares a dos trajes que ela vestia. Fazia-o sempre que podia.

— Por que não escreve uma cara para ela — disse-lhe um dia a esposa, tolerante em relação ao carinho de fã nutrido pelo marido. — Pode arranjar alguém para converter para o Inglês.

Sr. Alberto já vinha refletindo sobre isso. Falou:

— Ainda que eu próprio dominasse o Inglês, não escreveria.

— Por quê?

— O que eu poderia dizer para Penelope que ela já não leu e ouviu um milhão de vezes? Como expressar o quanto significou o filme e a personagem Denise a quem ela deu corpo e alma? Provavelmente, para ela foi só mais um filme, mais um trabalho. Minhas palavras seriam um disco riscado, pouco ou nada representariam. Ademais, confesso que teria receio de me desapontar.

— "Desapontar"?

— Sim, amor, como naquele filme do Woody Allen, *A Rosa Púrpura do Cairo*¹. A garçonete se afeiçoou ao herói que via na tela do cinema. Ou quando Rita Hayworth, referindo-se aos seus casamentos fracassados, queixou-se de que os homens desejavam dormir com *Gilda*², porém, acordavam com ela, Rita, ao seu lado.

— Nosso casamento não é fracassado!

— Lógico que não! Não me estou referindo a isso. Tampouco estou apaixonado por Penelope Seymour McKenna, mas Denise, a personagem que ela representou, tem um significado especial para mim, pois é parte do nosso filme e daquele tempo. Meu desapontamento seria porque eu procuraria a personagem na atriz e, certamente, não a encontraria. Nem seria justo esperar isso de Penelope. Ela deu vida à Denise, mas não é Denise. As flores que posto falam por mim. São meu gesto de gratidão, pois as palavras são pobres demais para expressar.

Apesar disso, Sr. Alberto chegou a compor um bilhete — em Português — dirigido a Denise, descoberto por D. Cristina entre as páginas do livro após a sua morte:

Denise.

Vi-a amar, sofrer e ser feliz. Acompanhei seus passos, suas emoções, suas esperanças até estas reduzirem-se a pó quando seu pai, covardemente, mandou assassinar a paixão de sua vida. Compartilhei seu pranto e vi seu mundo se despedaçar. Meu peito ficou apertado quando, em meio ao desespero, você se atirou do alto do abismo para os rochedos abaixo. O único consolo a uma alma ferida foi o prazer em observar a desgraçada aflição do homicida. Meu amor por aquilo que você simboliza se traduz na esperança de que, agora, esteja ao lado daquele a quem ama e ambos estejam a desfrutar no céu a alegria negada na terra.

Alberto Silva

Um lado do Sr. Alberto era bastante racional, pé no chão. Sabia que a história do filme, seu mundo, suas personagens não passavam de ficção. Não existiam. Todavia, um outro lado dele, mais tímido e íntimo acreditava — como em *A História Sem Fim*³ — que havia um outro universo onde tudo aquilo ocorrera e ocorreria sempre, cada vez que o filme fosse novamente assistido. Nessa região indefinida, Denise vivia.

¹ *The Purple Rose of Cairo*, Woody Allen, 1985.

² *Gilda*, Charles Vidor, 1946.

³ *The NeverEnding Story*, Wolfgang Petersen, 1984.

Realidade ou ilusão, um dia, porém, as flores não mais surgiram.

Do outro lado do Atlântico, embora habituada às manifestações dos admiradores, Penelope estranhou a ausência, atribuindo casualmente o fato a algum imprevisto na vida da pessoa. Mas com o passar das semanas e meses, de intrigada mostrou-se preocupada. Não soube explicar o porquê. Então, caiu em si da importância daquelas flores virtuais sem mensagem para ela. Usando de sua fortuna, contratou um detetive para pesquisar sobre o tal Alberto Silva. Não obstante o sobrenome ser extremamente comum, não foi difícil passar a enxurrada de informações em um crivo e, a partir daí, localizar a cidade e o endereço. Através da Internet, soube que o homem procurado falecera.

Não deveria, porém, a notícia abalou a atriz. Habituar-se a receber as flores duas, três e até mais vezes por semana. Num gesto inusitado, decidiu:

— Vou para o Brasil.

Seu agente ficou apreensivo.

— Mas, Penny, as filmagens do novo filme iniciam-se amanhã!

— Invente uma desculpa.

— Mas...

— Diabos, Alan, sequer sou a protagonista! Sei tanto quanto você que deixei de ser a mocinha da história faz muito tempo. Dê um jeito!

Assim, lá está a atriz de setenta anos no cemitério.

Após D. Cristina concluir a narrativa, mostra-lhe onde fica a sepultura do marido.

— Foi infarto — esclarece. — Fique com isto.

O bilhete.

Penelope apanha a folha de papel. Seu polegar toca o nome da personagem: "Denise". Reflete sobre a importância inerente a cada filme que fez. Não, não é somente um trabalho. Muitos fãs contaram sobre o quanto Um abismo entre nós significou. Ela própria apreciou fazer o filme, todavia, por razões diferentes como a oportunidade de viajar para as belas locações, o relacionamento com outros membros do elenco — particularmente o ator que fez seu par romântico, o qual veio a se tornar um bom amigo na vida real —, a gentileza dos maquiadores, figurinistas, operários e até o ranzinza do diretor. O filme teve o poder de influenciar vidas, tornar-se parte delas, acompanhar suas memórias por toda a existência. Um poder muito maior do que ela, enquanto ser humano, julgou possuir.

Diante da foto no túmulo do falecido, a atriz fala:

— *Você me entregou seu carinho através de suas flores. Muito obrigada. Agora, sou eu quem não sabe o que dizer. Se pude significar algo de bom em sua vida, a recíproca também foi verdadeira. Senti, sinto e sentirei falta das flores, de tudo o que havia por trás delas e só agora compreendo.*

Através do intérprete Kevin, a atriz se volta para a viúva:

— *Por favor, não se ofenda se eu disser que lamento não ter conhecido seu marido.*

— *Não estou ofendida de modo algum — responde D. Cristina. — Denise foi muito importante para Alberto. Quase cheguei a ter ciúme, mas sei que é bobagem. O filme também representa muito para mim. É "o nosso filme". Ele costumava repetir a frase: "O abismo faz parte da vida e..."*

— *"... não raras vezes, ele vive dentro de nós..."*, completa a atriz.

— *Onde quer que Alberto esteja, espero que saiba de sua visita.*

— *Eu também, Sra. Silva.*

— *Cris.*

— *Cris...*

Num gesto final, Penelope Seymour McKenna abre sua bolsa e retira uma rosa branca. Deposita-a sobre a sepultura, assim como o Sr. Alberto, por centenas de vezes, enviou-lhe flores virtuais.

É a palavra muda que melhor pode se expressar.

Volta-se para a viúva.

— *Adeus, Cris.*

— *Adeus, Penny.*

A veterana atriz dirige-se à saída do cemitério. Pergunta ao intérprete:

— *Viu o modo como ela falou sobre o marido?*

— *Sim, Sra. Mc... Penny. Eles se davam bem. Ela continua a amá-lo.*

— E assim será para sempre, Kevin. Invejo-a. Tive seis maridos e não derramaria uma única lágrima por nenhum deles. Viajei o mundo inteiro. Interpretei dezenas de mulheres apaixonadas, mas nunca tive um "viveram felizes para sempre" na vida real. A Sra. Silva é uma mulher mais rica do que jamais serei. Eu sonhei uma vida diversas vezes. Ela viveu um único sonho e foi o bastante.

A equipe de segurança se aproxima e fecha-se sobre ela.

Enquanto o vôo atravessa o Atlântico, Penelope promete a si:

"Voltarei para Whitby na primeira oportunidade que tiver. Depois das filmagens, vou me aposentar, quer Alan goste ou não. Whitby é o lugar onde nasci e cresci às margens do Mar do Norte, onde as águas são gélidas e o céu sempre cinzento. É onde passarei meu últimos anos. Enquanto lá morei, tive uma única vida — a minha — e, como Alberto e Cristina, fui feliz."

Observa o papel amarelado do bilhete, ainda em sua mão.

— *Espero que esteja satisfeita — murmura.*

— *Como?*

— *Não foi com você, Kevin. Falei com Denise.*

NOTA DO AUTOR:

Em agradecimento à atriz Joyce Penelope Wilhelmina Frankenberg (nome artístico: Jane Seymour), por dar corpo e alma a Elise McKenna no filme "Em Algum Lugar do Passado" (*Somewhere in Time*, Jeannot Szwarc, 1980).

SOBRE O AUTOR:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu* etc. Participei de mais de cem antologias. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

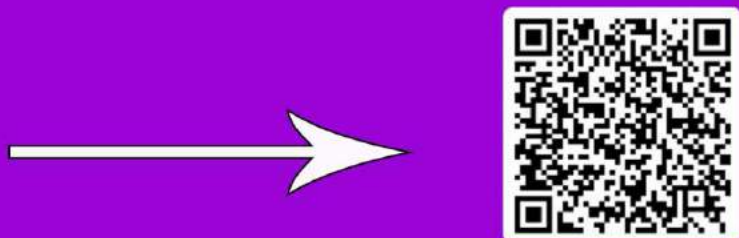
<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

**APOIE O TRABALHO DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA
E DOE UMA QUANTIA DE QUALQUER VALOR:
USE O QR CODE DO PIX PARA TRANSFERIR**

**ABRA O APP EM QUE VAI FAZER A TRANSFERÊNCIA, ESCANEIE A IMAGEM ABAIXO
E COLOQUE O VALOR DESEJADO**



**OU CASO PREFIRA FAZER MANUALMENTE
E USAR A CHAVE PIX: CLIQUE AQUI**

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

**PORQUE
AMAMOS
LIVROS**

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO

02.01.2022

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura